



INSTITUTO DE FILOSOFIA

PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Linha de Pesquisa: História, Cultura e Sociedade

**OBSOLESCÊNCIA PLANEJADA: A PRODUÇÃO TECNOLÓGICA
COMO INSTRUMENTO DE REPRESSÃO SOCIAL EM HERBERT
MARCUSE**

FERNANDO HONORATO DE OLIVEIRA

UBERLÂNDIA – MG

2018

FERNANDO HONORATO DE OLIVEIRA

**OBSOLESCÊNCIA PLANEJADA: A PRODUÇÃO TECNOLÓGICA COMO
INSTRUMENTO DE REPRESSÃO SOCIAL EM HERBERT MARCUSE**

Dissertação entregue como
requisito parcial para obtenção do
Título de Mestre em Filosofia do
Programa de Mestrado em
Filosofia da Universidade Federal
de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael
Cordeiro Silva

UBERLÂNDIA – MG

2018

FERNANDO HONORATO DE OLIVEIRA

**OBSOLESCÊNCIA PLANEJADA: A PRODUÇÃO TECNOLÓGICA COMO
INSTRUMENTO DE REPRESSÃO SOCIAL EM HERBERT MARCUSE**

Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

Professor Doutor Silvio Ricardo Gomes Carneiro (UFABC)

Professor Doutor Paulo Irineu Barreto Fernandes (IFTM)

Orientador - Professor Doutor Rafael Cordeiro Silva (UFU)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O48o Oliveira, Fernando Honorato de, 1963-
2018 Obsolescência planejada [recurso eletrônico] : a produção tecnológica como instrumento de repressão social em Herbert Marcuse / Fernando Honorato de Oliveira. - 2018.

Orientador: Rafael Cordeiro Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1339>

Inclui bibliografia.

1. Filosofia. 2. Tecnologia. 3. Desperdício (Economia). 4. Consumo (Economia). 6. Sociedades comerciais. 7. Marcuse, Herbert, 1898-1979. I. Silva, Rafael Cordeiro, 1963-. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDU: 1

AGRADECIMENTOS

Agradeço àqueles que vieram antes de mim, preparando o terreno da Filosofia para que aprendizes como eu pudesse se expressar e buscar o Verdadeiro Conhecimento. Meu amor, carinho e gratidão a Mercedes, companheira de tantas caminhadas e paciente ouvinte de minhas elucubrações. Agradeço amorosamente a Sara, Emmanuel, Bruno e Fernando, por fazerem parte de minha vida com suas vidas, com seu carinho e paciência com um pai pouco convencional. Sou grato também a meus netos, Fernando, João Pedro, Maria Eduarda e Joaquim, cujas vidas alegram a minha vida. Reconheço aqui o valor de meu Amigo Verdadeiro, José Gabriel da Costa, cuja vida me serve de exemplo, pela simplicidade de sua sabedoria que vem me revelando o inefável. E minha sincera gratidão ao professor doutor Rafael Cordeiro Silva, por acreditar que este trabalho seria possível, mostrando-me que o simples e direto é um objetivo alcançável.

RESUMO

Pesquisa relativa às abordagens de Herbert Marcuse sobre a *obsolescência planejada* de bens de consumo na sua produção filosófica. A obra de referência para este trabalho é o livro *O Homem Unidimensional*, embora tenham sido usados vários outros textos de Herbert Marcuse, anteriores e posteriores ao livro citado. A pesquisa investiga os impactos da *obsolescência planejada* no capitalismo da sociedade industrial avançada, através de mecanismos de coerção e repressão social que usam a produção tecnológica e a indução psicológica como instrumentos. A pesquisa considera o *consumo* e o *desperdício* como elementos constitutivos desse processo, utilizando referenciais teóricos desenvolvidos por Herbert Marcuse, a partir de sua leitura de Max Weber, Karl Marx, Sigmund Freud e comentadores desses autores. A abordagem do tema considera que, embora Marcuse não tenha detalhado o conceito de *obsolescência planejada*, este conceito é importante na constituição da sua crítica à sociedade capitalista industrial moderna, que precisa manter o mercado e o consumo para garantir o lucro. O trabalho também aborda a leitura que Marcuse faz dos conceitos freudianos e os usos que o capitalismo avançado faz desses conceitos para impor e manter a *obsolescência planejada*. Todos os referenciais teóricos usados baseiam-se na obra de Herbert Marcuse, de seus comentadores e de alguns dos autores citados em sua produção filosófica, cujos termos relacionem-se com o objeto desta pesquisa. As conclusões deste trabalho visam demonstrar que o capitalismo da sociedade industrial avançada depende de uma conjunção técnica de fatores, determinados por Marcuse, para que a estrutura capitalista se mantenha. A manutenção dessa estrutura perpetua o lucro por meio da repressão social, induzindo a sociedade a produzir para desperdiçar e consumir o que não necessita.

Palavras-chave: Técnica, Tecnologia, Obsolescência, Obsolescência Planejada, Gerenciamento Científico, Repressão Social, Consumo, Desperdício, Sociedade Capitalista Industrial Avançada.

ABSTRACT

Research on Herbert Marcuse's approaches to the planned obsolescence of consumer goods in his philosophical production. The reference book for this work is *The Unidimensional Man*, although several other texts of Herbert Marcuse, before and after the book cited, have been used. The research investigates the impacts of the planned obsolescence on the capitalism of the advanced industrial society, through mechanisms of coercion and social repression that use technological production and psychological induction as tools. The research considers consumption and waste as constitutive elements of this process, using theoretical references developed by Herbert Marcuse, from his reading of Max Weber, Karl Marx, Sigmund Freud and commentators of these authors. The approach of the topic considers that, although Marcuse did not detail the concept of planned obsolescence, this concept is important in the constitution of his critique to modern industrial capitalist society, that needs to maintain the market and the consumption to guarantee the profit. The paper also addresses Marcuse's reading of Freudian concepts and the uses that advanced capitalism makes of these concepts to impose and maintain planned obsolescence. All the theoretical references used are based on the work of Herbert Marcuse, his commentators and some of the authors quoted in his philosophical production, whose terms are related to the object of this research. The conclusions of this paper aim to demonstrate that the advanced industrial society's capitalism depends on a technical combination of factors, determined by Marcuse, for the capitalist structure to be maintained. Maintaining this structure perpetuates profit through social repression, inducing society to produce, waste and consume what it does not need.

Key-words: Technique, Technology, Obsolescence, Planned Obsolescence, Scientific Management, Social Repression, Consumption, Waste, Advanced Industrial Society Capitalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 – COMO A TECNOLOGIA, A LINGUAGEM TÉCNICA E A MÍDIA NO UNIVERSO TECNOLÓGICO DEFINEM OS TERMOS REPRESSIVOS A FAVOR DO CAPITALISMO AVANÇADO	16
2 – WEBER E AS BASES INSTRUMENTAIS DA PADRONIZAÇÃO CAPITALISTA	35
3 – MARX E A BASE DA OBSOLESCÊNCIA PLANEJADA E DE SUA ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA	45
4 – FREUD E MARX – UM DIÁLOGO MEDIADO POR MARCUSE	61
5 – MARX, FREUD E A REPRESSÃO A SERVIÇO DO CAPITAL....	75
6 – PRODUZINDO A OBSOLESCÊNCIA: A TECNOLOGIA A SERVIÇO DO DESPERDÍCIO	85
7 – CONCLUSÕES – A OBSOLESCÊNCIA DO HOMEM E DO SEU TRABALHO: A REIFICAÇÃO COMO PROCESSO REPRESSOR POLÍTICO E SOCIAL.....	94
REFERÊNCIAS	109

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende demonstrar que, no conjunto da obra de Herbert Marcuse, ele propõe que o controle repressivo dos meios de produção pelo capital permite a construção de uma estrutura técnica e socioeconômica na qual o ciclo de vida útil dos bens de consumo é cada vez mais curto. Para a efetivação desse controle exigem-se novas formas racionais de produtividade, política e tecnologicamente necessárias e dirigidas para manter os indivíduos e a sociedade dependentes; e interessados na aquisição de produtos de forma incessante e ilimitada. Essa linha de pesquisa me parece relevante porque o tema, apesar de ser objeto de outros trabalhos, não é, ainda, suficientemente explorado na obra de Herbert Marcuse.

Além do acima exposto, a abordagem marcuseana das relações econômicas e sociais permite o estudo da repressão social sob diversas perspectivas. Meu propósito é demonstrar que o consumo de produtos, em especial desde a metade do século 20, obrigatoriamente impõe que a *tecnologia* seja também consumida, tornando o aspecto técnico da produção em massa – *modus operandi* – também um produto de consumo. Com isso exige-se um novo modelo de interação econômica e social, determinado por estruturas políticas de repressão não agressivas, mas extremamente eficazes. A demonstração dos mecanismos de repressão social usando os conceitos psicanalíticos de Sigmund Freud é um dos elementos constitutivos deste texto, por sua relevância na obra de Marcuse. Isso também é pertinente, pois apoia a proposição marcuseana que o trabalho, aos poucos, perde sua função dialética e torna-se cada vez mais dependente da *técnica* e da *tecnologia* – ‘com o uso da máquina’.

Assim se determina que o homem seja menos importante como elemento transformador da sociedade a partir do trabalho. Como a produtividade passa a ser determinada pelo ritmo crescente da automação da produção, alienando o trabalhador de forma acentuada à medida que a produção aumenta, pretendo demonstrar que esse modelo de controle capitalista dos meios de produção, para se manter, exige cada vez mais repressão social, induzindo o indivíduo a consumir – e desperdiçar – não apenas o que é produzido, mas também sua própria vida.

Para isso ele é obrigado a trabalhar sob modelos de gestão e métodos produtivos tecnologicamente controlados e politicamente definidos pelos interesses do capital. Os produtos oriundos de tais métodos e modelos industriais são abandonados à medida que o volume de produção e consumo deixa de atingir os objetivos determinados pelos controladores do capital e dos meios de produção, isto é, o lucro crescente. Assim a *tecnologia* é transformada, também, em um produto a ser consumido, exigindo uma *obsolescência planejada*, precisa e previamente administrada de modo racional e científico, para a manutenção dos lucros e da estrutura de controle social pelo capitalismo.

O controle dos meios de produção é determinado, também, pelo controle da *técnica* e da *tecnologia*, ambas utilizadas racionalmente na fabricação dos produtos que são vendidos e consumidos. Esse controle é manifesto por meio da administração planejada racionalmente, que Marcuse chama de “gerência científica”.¹ Na obra de Marcuse identificam-se elementos que possibilitam a investigação dos mecanismos de manipulação e repressão social que permitem, simultaneamente, a indução ao consumo de produtos e de *tecnologia* – que passa a ser tratada também como produto. Enquanto o capital controla os novos mecanismos de fabricação, tal *tecnologia* determina o ritmo de reposição dos produtos fabricados, ao estipular o ciclo de vida útil daquilo que é produzido.

Esse modelo de produção em massa, com alto consumo de *tecnologia*, exige uma *obsolescência planejada* de antemão, para garantir a perpetuidade do lucro do capital pela reposição cíclica dos produtos. O alcance desse objetivo impõe, por exemplo, o controle e/ou manipulação da mídia, para atuar como agente divulgador das ‘novas’ estruturas de produção e seus consequentes ‘novos’ produtos. Através da imposição de valores e modelos psicológicos de natureza repressiva, o homem é visto e tratado como consumidor de um *modus vivendi* determinado pelo *modus operandi* que atende os interesses do capital, visando manter o mercado consumidor e aumentar as possibilidades de lucro.

¹ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.58.

Um dos aspectos deste trabalho é a minha proposta de interpretação do uso que Marcuse faz dos termos *técnica* e *tecnologia*, objeto de diversas análises entre os seus comentadores, devido à aparente ambiguidade do filósofo na conceituação desses termos. Assim, o capítulo inicial deste trabalho é dedicado a uma abordagem dessa terminologia, que permite o desenvolvimento dos demais itens do texto, já que a definição de *técnica* e *tecnologia* é crucial para os objetivos a que me propus. Observo que Marcuse, em minha perspectiva, ao longo de sua obra, constrói uma sólida argumentação dialética quanto ao uso conceitual dos termos *técnica* e *tecnologia*, e que essa argumentação continua atual e relevante, por sua evolução histórica e consistência filosófica.

Entretanto, o conceito base deste trabalho – a *obsolescência planejada* – não é citado explicitamente como um componente único, na obra de Herbert Marcuse. Sob alguns aspectos, a *obsolescência* pode ser vista como resultado da produção em massa, e sob outros, como elemento constitutivo dessa produção, conforme o próprio filósofo. Assim, a interpretação de uma visão ambivalente do tema na obra de Marcuse é possível, pois ele demonstra os aspectos tanto ‘negativos’ quanto os ‘positivos’ da produção com uso intensivo da *técnica* e da *tecnologia*, e sua motivação política e econômica. A bibliografia disponível a respeito de sua obra aborda esse assunto de forma sucinta ou não referenciada – se e quando o faz – adotando comumente esse tema como aspecto consequente dos conceitos propostos pelo autor. Minha proposta é tratar a *obsolescência planejada* como conceito constitutivo de uma crítica de Herbert Marcuse ao capitalismo avançado das sociedades industriais, tendo como referenciais os textos do próprio autor e algumas citações de seus comentadores relativas à *técnica*, *tecnologia* e administração. Além disso, faço uso de conceitos desenvolvidos por autores relacionados à obra de Marcuse, como Karl Marx, Sigmund Freud, Max Weber e outros, inclusive comentadores como Douglas Kellner, Wolfgang Leo Maar, Isabel Loureiro, Marília Pisani e outros.

No livro de referência para este trabalho, *O Homem Unidimensional*, o vocábulo *obsolescência* é citado seis vezes (páginas 71, 78, 81, 89, 216 e 227), e o vocábulo *obsoleta* e sua forma plural, são citados três vezes (páginas 41, 44 e 221). Para os objetivos deste trabalho, busquei a forma como *obsolescência* é citada e adjetivada nas páginas 71, 78 e 227 – *obsolescência planejada* – isto é, a produção de

bens de consumo com vida útil pré-determinada. Na página 71, Marcuse vincula *obsolescência* a *desperdício*, ao analisar o comportamento industrial da União Soviética, observando que esta, à época, encontrava-se em um estágio anterior ao do industrialismo avançado norte-americano, e por isso, não podia permitir nem o *desperdício* nem a *obsolescência*. O *desperdício* é novamente citado na página 109, como indicador de uma indiferença social oriunda da opulência do modelo de produção em massa, típico do *consumo* irracional das sociedades do capitalismo avançado. Parece-me crucial destacar estes aspectos (*consumo* e *desperdício*), pois o contexto em que tais termos surgem é um dos determinantes da linha de pesquisa a que me propus, pois eles comprovam os impactos da *obsolescência planejada*.

Enquanto elementos constitutivos da crítica marcuseana, esses dois conceitos: o *consumo* e o *desperdício*, são essenciais para que a *obsolescência planejada* seja compreendida como instrumento opressor a serviço do capitalismo. Eles serão objeto de análise, permitindo assim a construção de uma perspectiva teórica que evidencie a magnitude e abrangência das proposições de Marcuse.

Observo que o conceito de *obsolescência* em *O Homem Unidimensional* é algo que parece ser citado como evidente e óbvio por Marcuse, pois ele não detalha a sua abordagem desse conceito, apenas o usa, como algo claro e não questionável. Daí ser necessário conectar diversos termos de suas proposições para obter uma clareza conceitual do alcance de sua crítica ao capitalismo da sociedade industrial avançada. Porém, a chave que foi usada para a interpretação do conceito de *obsolescência planejada* é dada na página 78, na qual Marcuse inclui o processo de planejamento da *obsolescência* nos custos de produção. Neste trecho de *O Homem Unidimensional*, ele situa o processo industrial dentro de um modo de administração do Estado, *Welfare State*, que exige, impõe e sustenta a administração total de todos os processos que o compõem e mantêm, incluindo os processos de controle dos meios de produção. Assim, a administração dos processos industriais e a sua interação social para gerar lucros através do *consumo* é a abordagem que permite planejar a *obsolescência*, e usando impositivamente os conceitos definidos por Freud, induzir o ser humano a consumir dentro de parâmetros preestabelecidos, mediante uma doutrinação repressiva por meio da publicidade, mas não só por esta.

Na elaboração deste trabalho, me parece necessário descrever passo a passo os processos e etapas pelos quais a *obsolescência planejada* adquire materialidade histórica, através da administração racional, científica e ideologicamente direcionada para atender os interesses e objetivos dos controladores dos meios de produção e distribuição de produtos, serviços e mercadorias – o *Establishment*. Essa materialidade histórica exige o uso racional da repressão social para sua efetiva implantação, usando a propaganda como instrumento, através do controle econômico, político e institucional da mídia.

Considerando o foco específico deste projeto, optei por concentrar a pesquisa e a busca de elementos conceituais na obra de Herbert Marcuse, identificando as bases constitutivas de sua crítica ao capitalismo da sociedade industrial sob a perspectiva da *obsolescência planejada*. Minha leitura e consequente interpretação da obra marcuseana não é, tecnicamente, uma leitura temporal, mas uma leitura abrangente, em que busco evidenciar a completude do pensamento do filósofo, que se conserva dialeticamente coerente ao longo de sua obra, preservando a essência e robustez de sua crítica ao capitalismo e ao totalitarismo autoritário. Por isso uso várias proposições marcuseanas coletadas em diversos pontos de sua obra, sempre considerando, essencialmente, como diretriz o foco na *técnica e tecnologia* e seu uso na imposição da *obsolescência planejada*.

Nesse objetivo identifiquei que parte considerável da argumentação de Marcuse relativa ao tema deste trabalho está fundamentada em sua leitura crítica de Karl Marx, Max Weber e Sigmund Freud. Obviamente existem outros elementos que compõem o arcabouço teórico do filósofo, porém, para os modestos objetivos a que me propus, considerei que os autores supra citados fornecem elementos suficientes para corroborar a minha proposta de argumentação e demonstrar, inequivocamente, os efeitos repressivos da produção tecnológica a serviço do capital, usando a *obsolescência planejada* como instrumento alienante e de opressão social. Evidentemente a minha opção está sujeita a críticas, entretanto pondero que sem os autores acima citados, a plena compreensão da amplitude das proposições marcuseanas fica incompleta, daí a minha opção por usá-los como principal referencial teórico aos objetivos da pesquisa. Assim, descrevo a seguir a forma pela qual estruturei

este trabalho, visando facilitar a compreensão de minha perspectiva de interpretação das proposições de Herbert Marcuse.

Após a necessária definição preliminar dos termos *técnica* e *tecnologia*, utilizei inicialmente a racionalidade econômica descrita por Max Weber, apesar deste ser, historicamente, posterior a Karl Marx. Isso se faz necessário para demonstrar a estrutura lógica que determina a *forma* pela qual o *Establishment* inicia o processo de repressão, através do uso da administração dos processos industriais e econômicos. Por essa perspectiva, identifico que, simultaneamente, há uma movimentação social que possui base em alguns dos valores da ética protestante, conforme demonstra Weber. Essa perspectiva terá impacto relevante na minha proposta de análise da construção teórica de Karl Marx, pois os mecanismos sociais e econômicos descritos por este possuem uma fundamentação burguesa, religiosamente estabelecida. E, por consequência, o ambiente de racionalidade econômica descrito por Weber define os moldes por meio dos quais o capitalismo burguês tem condições de prosperar. Como Marx define os termos e condições pelos quais o capital submete o trabalho a seus próprios interesses, meu objetivo foi buscar estabelecer o substrato em que tais fatores se agregam, sendo a argumentação marxiana o ponto de conexão entre os diversos conceitos apresentados por Marcuse, que uso neste trabalho, embora não seja a única abordagem a que me proponho.

Para os objetivos desta pesquisa, na minha perspectiva de interpretação da proposta marcuseana, os conceitos de Sigmund Freud também são imprescindíveis, pois eles permitem identificar tanto os métodos psicológicos envolvidos no processo de submissão do trabalho ao capital, como evidenciar as diversas variáveis possíveis, decorrentes de cada aparente alternativa posta pelos interesses dominantes do capitalismo visando a manutenção do *status quo*.

Desse modo, busco definir um quadro teórico em que a *forma* do ambiente social e econômico que permite a expansão racional do capitalismo é demonstrada por Weber; o *processo histórico* de sujeição do trabalho ao capital é demonstrado por Marx, e, os *instrumentos psicológicos* usados para a concretização dessa sujeição são demonstrados por Freud. Marcuse, por sua leitura crítica desses autores, estabelece um roteiro e os fundamentos teóricos que permitem uma análise clara e objetiva desse processo alienante.

Dentro desse contexto, proponho uma leitura de Herbert Marcuse mais próxima dos conceitos marxianos; entretanto, não abandono a sua perspectiva freudiana dos impactos sociais repressivos do capitalismo da sociedade industrial. É sujeito haver eventual percepção de que a minha interpretação dos conceitos marcuseanos neste trabalho tenha um viés marxista. Porém, esclareço que a proposta de abordagem nesta pesquisa buscou identificar elementos indubitáveis, relativos à *obsolescência*, tanto na obra de Marx como na de Marcuse, que permitissem a linha de argumentação por mim adotada.

Ressalto que Marx, historicamente, é o primeiro pensador a apresentar bases racionais claras e objetivas dos impactos da *obsolescência* nos processos produtivos e sociais. Em *O Capital*, ele estabelece a *mercadoria* como o primeiro ponto a ser claramente definido no processo capitalista, pois analisando seu valor de uso e seu valor de troca, demonstra que o valor de *uso* da mercadoria está diretamente ligado à capacidade de esta atender às necessidades de quem a adquire. Quando a mercadoria perde seu valor de uso é porque ela se tornou inútil – ou *obsoleta*. Mas ele também afirma que: “O valor de uso se efetiva apenas no *uso* ou no *consumo*.² Assim, Marx insere simultaneamente dois aspectos que são essenciais aos objetivos desta pesquisa – o uso e o consumo. O *consumo* é uma das várias perspectivas marxianas que Marcuse utiliza em sua crítica ao capitalismo da sociedade industrial avançada. Considerando que a produção de mercadorias é um dos modos essenciais de manifestação do capitalismo³, parece-me justificável colocar a perspectiva marxiana como um dos eixos lógicos desta pesquisa.

Também é importante esclarecer que o tema *obsolescência planejada* permite tantas e distintas abordagens que é cabível indagar se, na obra de Marcuse, Marx é a única perspectiva possível para se chegar a ele? Eu fiz uma escolha, com os riscos e vantagens de toda escolha, mas certo de que a multiplicidade filosófica do tema me permite faze-la.

Por tais argumentos, proponho afirmar que a crítica marcuseana ao totalitarismo, ao autoritarismo e ao capitalismo da sociedade industrial avançada

² MARX, Karl. *O capital*, p. 158. Grifo meu.

³ MARX, Karl. *O Capital*, p.5.

continua atual, válida e consistente, em especial a sua abordagem ao uso repressivo da *tecnologia*. Assim, considero este trabalho como uma pequena contribuição para uma melhor e mais ampla compreensão da envergadura das proposições filosóficas de Herbert Marcuse.

1 – COMO A TECNOLOGIA, A LINGUAGEM TÉCNICA E A MÍDIA NO UNIVERSO TECNOLÓGICO DEFINEM OS TERMOS REPRESSIVOS A FAVOR DO CAPITALISMO AVANÇADO

Marcuse afirma que a imposição das relações de consumo depende de uma manipulação conduzida por meio da linguagem,⁴ na qual a mídia e a propaganda assumem um papel relevante nesse processo, servindo como instrumento de difusão dos conceitos repressivos. A comunicação de massa é instrumentalizada a partir de objetivos de dominação e imposição de regras e comportamentos sociais. O comportamento ideológico, *técnica* e socialmente manipulado, que impõe a todos uma “Consciência Feliz”⁵, é dirigido sob a égide de uma racionalidade científica manifesta na eficácia e produtividade, consumindo recursos numa escala jamais atingida anteriormente, e, simultaneamente, intensificando o *desperdício* e a produção de lixo, situações vistas com indiferença pela sociedade.

Marcuse diz que o universo de comunicação molda o comportamento unidimensional, pois essa comunicação é agente de publicidade do *Establishment*. A linguagem usada em tal ‘pseudocomunicação’ – na verdade imposição repressiva – usa os princípios e conceitos determinados por Freud (vide cap. 4 e 5) para induzir o indivíduo a aceitar tal repressão como ‘normal’, por sua racionalidade e aparente promoção de “altos níveis de bem-estar”. O filósofo descreve isso:

Este tipo de bem-estar, a superestrutura produtiva apoiada sobre a base infeliz da sociedade, permeia a ‘mídia’ que faz a mediação entre os senhores e seus dependentes. Seus agentes de publicidade moldam o universo da comunicação no qual o comportamento unidimensional se expressa. Sua linguagem testemunha a identificação e a unificação, a promoção sistemática do pensar e fazer positivos, o ataque orquestrado às noções transcendentais e críticas. Nos modos predominantes da linguagem, a diferença desafia conjuntamente modos de pensamento bidimensionais e dialéticos e comportamento tecnológico ou ‘hábitos de pensamento’ sociais.⁶

⁴ Cf. MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, cap. 4 e cap. 5.

⁵ Cf. MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.107-108.

⁶ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.108.

Marcuse expõe uma relação de subserviência entre os controladores dos mecanismos repressivos e o ser humano, e essa relação é mediada pelo uso repressivo da linguagem, que serve aos ‘senhores’ que operam tais mecanismos. Ele critica a ação da mídia impositiva e comprometida com o *Establishment*, por usar tecnicamente os conteúdos linguísticos, de um modo hipnótico, fazendo-os perder sua representação autêntica. Assim a autonomia crítica retrocede ante a designação, asserção e imitação (a *mimese* que será explicitada posteriormente, vide cap. 3), devido à manipulação dos contextos de comunicação. “Elementos mágicos, autoritários e ritualísticos permeiam a fala e a linguagem”⁷, estabelecendo uma relação mediada ideologicamente, que promove a aceitação de uma “verdade estabelecida”. Pois, num universo controlado pelos símbolos (*fetiches*) do capital, os conceitos tendem a ser absorvidos pela palavra, tornando-se expressão de um comportamento social e político dirigido, controlado e padronizado, porém atualmente em escala e proporções de produção industrial.

A publicidade controlada pelo capital passa a ser o catalisador de um processo social e econômico que reduz o ser humano a consumidor, pela unificação dos discursos midiáticos que conseguem, simultaneamente, unificar opositos e aproximar o estilo comercial do estilo político, permitindo que estes tornem-se imunes ao protesto e à recusa.

A análise marcuseana dos recursos linguísticos a serviço da repressão ideológica capitalista, define os predicados analíticos como uma construção repressiva, ligando nomes específicos a adjetivos e atributos “explicatórios”, cuja função é transformar as sentenças “em uma fórmula hipnótica que, repetida infinitamente, fixa o significado na mente do receptor”.⁸ Assim, a manipulação midiática, subordinada aos interesses dominantes, promove a auto identificação dos indivíduos com as funções que exercem, e, similarmente, com os demais membros da sociedade, de modo a transmitir a ideia de que aquilo que está padronizado, uniformizado e reprimido é algo exclusivo, pessoal. Portanto, há uma identificação coercitiva da ‘coisa’ com a ‘pessoa’, tornando o discurso comercial e político um

⁷ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 107.

⁸ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.112.

recurso operacional e tecnológico a serviço da repressão institucional. Dessa forma, a identificação *real* do indivíduo consigo mesmo também é reprimida, e passa para o campo do *discurso*, podendo ser negada através do uso operacional deste. O indivíduo se despersonaliza, sua existência se reduz e ele passa a ser, simultânea e paralelamente, objeto, meio e receptor do discurso repressivo. Se existem diferenças individuais, elas passam a ser contingentes, subordinadas aos controladores do processo repressivo.

Um dos resultados concretos desse processo é a fusão da linguagem da política com a linguagem da propaganda, pois ambas passam a usar os mesmos conceitos e símbolos, as mesmas palavras, para expressar o grau de dominação que a administração tecnológica possui. Essa dominação se manifesta, então, nas rotinas sociais, nas relações políticas, comerciais, econômicas, de lazer e divertimento, em suma, em quaisquer aspectos das relações humanas haverá a intervenção de uma linguagem repressiva a serviço de interesses determinados.

Marcuse denomina essa linguagem repressiva como “a linguagem da administração total”, resultado direto do operacionalismo que se manifesta no comportamento social, através do uso da *tecnologia*. Ele observa que a linguagem da administração induz à perda dos mediadores que constituem os processos cognitivos do discurso, fazendo com que este também perca sua representação linguística autêntica.⁹ Essa característica do operacionalismo, que transforma o conceito em sinônimo de um conjunto de operações, faz com que os nomes dos aparatos e processos usados para produzir algo assumam uma identidade que os vincula às funções que exercem. Para o filósofo isso é um “raciocínio tecnológico”, que molda a expressão de um comportamento social e político específico, resultando em uma padronização da linguagem e, por consequência, da comunicação e dos comportamentos resultantes dessa condição.¹⁰ Assim se estabelecem os fundamentos para construir o comportamento unidimensional que permite a repressão através do uso racional e

⁹ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.108.

¹⁰ Cf. MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.50 e 109.

científico de uma linguagem *técnica* que promove o uso da *tecnologia* a serviço do *Establishment*.

Essa linguagem *técnica*, que administra os processos e relações da sociedade industrial, tem uma impessoalidade que restringe (e às vezes elimina) a possibilidade do pensamento dialético, bidimensional, impondo o comportamento tecnológico desejado pelos interesses dominantes. Porém, essa linguagem administrativa precisa transmitir comandos que devem chegar de forma clara à sociedade. E isso implica definir seus objetivos, termos e condições, conforme a análise de Marcuse.

Para manter a hegemonia dos processos de dominação ideológica, a serviço dos interesses capitalistas, é necessária uma infraestrutura, fornecida pelo uso racional e controlado da linguagem *técnica* e sua aplicação na construção da *tecnologia*, visando o controle da produção e do consumo. Essencialmente, essa é uma das bases operacionais que mantém a repressão nas sociedades industriais avançadas, ou em quaisquer outras formas de organização social que objetivem controle da produção e do consumo. Por isso é crucial identificar claramente os significados de *técnica* e *tecnologia* e seus usos a serviço do *Establishment*, das instituições políticas e, consequentemente, seus efeitos nas relações sociais, por meio do uso dirigido de uma linguagem subordinada a interesses determinados.

É importante destacar que os conceitos de *técnica* e *tecnologia*, para o filósofo, são muito próximos. O primeiro é um conjunto de aparatos, instrumentos, que são utilizados com propósitos específicos, porém ‘neutros’ em suas finalidades, podendo ser usados tanto para alienar, controlar e oprimir, quanto para libertar a sociedade. Já o segundo termo pode ser entendido como uma forma específica de produção que usa a *técnica* como elemento de um processo de controle social, e, por consequência, de controle econômico. Porém, a expansão dos interesses capitalistas exige mais recursos para gerar mais lucros, o que impõe o desenvolvimento científico de novas e mais eficientes formas da *técnica* e da *tecnologia*, cujo objetivo é o controle repressivo dos processos sociais com vistas à manutenção do controle dos meios de produção. E, à medida que a *técnica* e a *tecnologia* se ampliam e se atualizam, suas definições também são ampliadas, o que pode permitir uma eventual interpretação ambígua da terminologia do filósofo e sua aplicação conceitual. A simplicidade

objetiva da linguagem na filosofia marcuseana é um esforço para romper com a visão unidimensional limitante do *Establishment*.

Marcuse conceitua *tecnologia* como o processo social influenciador das relações sociais, e, por sua vez, é influenciado por tais relações. Ele destaca em “Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna”¹¹ que, sendo a *técnica* um conjunto de instrumentos e instruções plenos de racionalidade científica e legitimados pelas relações sociais, o seu uso exige planejamento e administração racionais e economicamente dirigidos, subordinados ao contexto histórico e ideológico. As relações entre a *técnica* e a *tecnologia* permitem a interpretação de seu uso repressivo de diversas formas, mas é necessário detalhar mais profundamente a sua conceituação, para estabelecer claramente sua compreensão e aplicação dentro da Filosofia de Marcuse.

Buscando referenciais teóricos que permitam uma interpretação mais linear dos conceitos de *técnica* e *tecnologia* na obra de Marcuse, exponho algumas leituras desses conceitos. De acordo com Isabel Maria Loureiro,¹² o filósofo engloba, sob a designação de *tecnologia*, o que é tratado como “sistema técnico” e “tecnologia” por outros autores. Ela propõe uma abordagem da terminologia marcuseana em que os conceitos de *técnica* e *tecnologia* estão próximos, imbricados etimologicamente, mas com uso filosófico distinto, conforme as circunstâncias.

Loureiro defende a interpretação de Marcuse de que a racionalidade tecnológica na sociedade industrial avançada se transforma em racionalidade política, perdendo assim seu caráter de neutralidade. Para isso, ela destaca a visão do pensador de que a *técnica* é a mediadora da relação do homem com a natureza, abrandando as características ferozes do meio natural, conforme exposto por Freud (vide cap. 4 e 5). Isso permite ao homem usar os recursos naturais em seu próprio benefício, de acordo com suas necessidades e interesses. A partir das relações de interesse – portanto, relações econômicas e sociais derivadas desses interesses – a *racionalidade técnica* envolvida na relação com a natureza torna-se *racionalidade tecnológica*. Pois, inicialmente, a *tecnologia* usa a *técnica* e suas relações fazendo uso dela conforme os

¹¹ MARCUSE, Herbert. Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna, p.74.

¹² Cf. LOUREIRO, I.M.F.R. Breves Notas sobre a crítica de Herbert Marcuse à tecnologia, p.24.

interesses dominantes do capitalismo, tornando-se assim *forma* de poder social e econômico, dialética e historicamente possíveis. Essa proposição de Loureiro é amparada pelos argumentos dados por Marcuse, demonstrando que este posicionou seus conceitos de forma a acompanharem a evolução do uso racional da *técnica* e da *tecnologia*. Essa relação de dominação descrita por Loureiro é sustentada, também, por esta afirmação de Marcuse:

A tese que estou tentando defender é que a ciência, *em virtude de seu próprio método* e conceitos, projetou e promoveu um universo no qual a dominação da natureza permaneceu ligada à dominação do homem – uma ligação que tende a ser fatal para esse universo como um todo. A natureza, cientificamente compreendida e dominada, reaparece no aparato técnico de produção e destruição que sustenta e melhora a vida dos indivíduos enquanto os subordina à dominação do aparato.¹³

Esta citação de Marcuse introduz o conceito de ‘destruição’ no processo de dominação do capitalismo avançado, o que permite seu entendimento como ‘desperdício’, pois a produção para consumo destrói os recursos naturais e ameaça a estrutura social vigente. Então, destruir é desperdiçar. Isso também permite inferir que a *obsolescência planejada* é um fator de manutenção dessa dominação, para garantir a manutenção do ciclo de consumo (produção-distribuição-consumo-desperdício).

Outra abordagem é dada por Marília Mello Pisani.¹⁴ Para ela, Marcuse entende que as mudanças sociais oriundas das transformações da natureza pela *tecnologia* impõem um novo formato de dominação, baseado na racionalidade científica, amparado pelo uso administrado da *técnica* e com uma amplitude ainda não totalmente dimensionada na sociedade industrial avançada. Em que pese o caráter irracional que permeia essa nova sociedade, Pisani evidencia que há uma lógica estruturante que dá forma e objetividade aos mecanismos de controle social, pelo uso formal e racional da *técnica*. Assim, ela consegue demonstrar que a *técnica* não é meramente instrumental, mas uma *forma* de apropriação do mundo e em consequência, uma *forma* de produção da objetividade.

¹³ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 170. Itálico no original.

¹⁴ PISANI, Marília Mello. *Técnica, Ciência e Neutralidade no pensamento de Herbert Marcuse*, Tese de Doutorado, UFSCar, 2008.

Determina-se, então, o uso da *técnica* como tendo um caráter existencial, objetivando a ideia de *verdade* pela relação do homem com a natureza. Quando essa *verdade* passa a ser a *lógica* que organizará as relações sociais e de produção, ela precisa da *técnica* para se impor. Então a sociedade, que usa a *lógica* da *técnica* para se estruturar, torna-se uma sociedade *tecnico-lógica*.

Sob este aspecto proposto por Pisani, é evidente que o uso de uma linguagem dialética é essencial para a compreensão dos conceitos marcuseanos. Considerando que Pisani usa os conceitos dados por Marcuse em “Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna” de que a *técnica* é o conjunto instrumental criado pelo homem para sua sobrevivência, e a *tecnologia* é o modo de produção que usa a *técnica* como instrumento de dominação da natureza e do próprio homem, quais as implicações dessa abordagem?

Por trás da análise terminológica, há um problema filosófico bastante relevante, já que essa perspectiva demonstra que as classes trabalhadoras, que são a base do processo produtivo e suportam o peso da exploração capitalista, são reprimidas e obrigadas a incorporar a racionalidade *técnica* imposta pelos controladores do capital em suas vidas. De tal repressão, cientificamente administrada, há como resultante social um *modus vivendi* em que o homem é obrigado a se adaptar aos ritmos e demandas da máquina e da *automação* determinada por ela. Esse *modus vivendi* alienado e alienante é administrado para que, pelas relações econômicas que visam apenas o lucro, as necessidades humanas se tornem secundárias, pois o objetivo do capitalismo na sociedade industrial avançada é apenas manter um mercado consumidor e ampliar seus ganhos. O instrumento dessas relações econômicas é o uso racional da *técnica* – através da linguagem administrada pelos interesses do *Establishment* – e a imposição de sua lógica, que torna a sociedade *tecnico-lógica*.

Essa argumentação demonstra que o processo histórico de construção dos métodos repressivos da sociedade industrial capitalista exige e impõe uma adequação dos termos *técnica* e *tecnologia* a uma realidade social que é constantemente alterada para induzir ao consumo, por meio da mídia e da propaganda. Um dos produtos desse processo é a *obsolescência planejada*, manifestação histórica concreta da manipulação repressiva do homem.

Pela força dos argumentos apresentados por Loureiro e Pisani, fica evidente a coerência interna da afirmação de Marcuse:

Diante das características totalitárias dessa sociedade, a noção tradicional de ‘neutralidade’ da tecnologia não pode mais ser sustentada. A tecnologia enquanto tal não pode ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na construção das técnicas.

A maneira pela qual a sociedade organiza a vida de seus membros envolve uma escolha inicial entre alternativas históricas que são determinadas pelo nível herdado de cultura material e intelectual. A própria escolha resulta do jogo dos interesses dominantes.¹⁵

Assim, as abordagens que possam questionar uma eventual ambiguidade de Marcuse no uso dos termos *técnica* e *tecnologia* podem ser consideradas ultrapassadas, pois a síntese conceitual é possível e demonstrável, observando-se os aspectos contextuais acima citados. Como o uso da *técnica* é um fato social, historicamente referenciado, o seu uso pode ser estudado, ampliado, copiado, ignorado e até mesmo descartado, ou declarado *obsoleto*. Marcuse observa que a sociedade industrial capitalista avançada, por suas características de dominação, opera construindo *técnicas* e ampliando seu uso repressivo a serviço dos interesses dominantes, induzindo os indivíduos a fazerem *escolhas* que atendam os objetivos do capital. E, dado que a *tecnologia* absorve a *técnica* e seus usos e relações, ela perde sua ‘neutralidade científica’, ao se colocar a serviço de uma ideologia ou interesse, quaisquer que sejam. Para Marcuse, a serviço do capitalismo da sociedade industrial avançada.

As abordagens de Loureiro e Pisani evidenciam a relação entre *ciência*, *técnica* e *tecnologia*, conforme descrito por Marcuse, buscando determinar o que leva a interpretações ambíguas do uso desses termos, pela forma com que ele os trata – pelo uso de uma linguagem dialética. É importante destacar que os argumentos demonstrados por ambas são descritos por um autor contemporâneo de Marcuse, ao também analisar a relação entre *ciência* e *tecnologia*. Esse autor, Peter F. Drucker, demonstra que “em geral a relação entre o trabalho científico e sua aplicação tecnológica, que hoje admitimos como óbvia, não começou antes do século vinte.”¹⁶ Ele afirma, de modo similar a Marcuse, que os interesses militares foram o principal

¹⁵ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 36.

¹⁶ DRUCKER, Peter F. *Tecnologia, Gerência e Sociedade*, p. 72.

agente dessa mudança de entendimento da relação entre *ciência* e *tecnologia*, pela necessidade de usar o potencial das indústrias para o esforço de guerra.

Drucker descreve como a pesquisa científica na sociedade industrial é, na grande maioria das vezes, o fundamento teórico das mudanças tecnológicas que impactarão a indústria, primeiramente, depois o processo produtivo, até finalmente impactar a sociedade como um todo. Por isso, ele afirma o que, na visão dele, a *tecnologia* não é:

A tecnologia, portanto, não é a ‘aplicação da ciência a produtos e processos’, como se afirma amiúde. Isto, no máximo, é uma simplificação grosseira. Em alguns campos – por exemplo, na química polímera, na indústria farmacêutica, na energia atômica, na exploração espacial e nos computadores – a linha entre ‘investigação científica’ e ‘tecnologia’ é mal delineada; o cientista que descobre novo conhecimento básico e o tecnólogo que desenvolve processos e produtos específicos são um único e só homem. Em outros campos, contudo, esforços altamente produtivos ainda são primordialmente dedicados a problemas puramente tecnológicos e têm pouca conexão com a ciência como tal.¹⁷

Como é evidente no texto citado, há uma superposição de funções operacionais no uso da *ciência* e da *tecnologia* que podem induzir a um equívoco, talvez ambiguidades, no entendimento do que seja um e outro conceito, devido ao uso multifacetado desses termos através de uma linguagem *técnica*. Essa afirmação de Drucker é um insuspeito reforço ao postulado de Loureiro e Pisani, em suas interpretações dos textos marcuseanos, pois partem de um teórico da administração capitalista científica, cujas obras possuem inegável efeito no capitalismo contemporâneo. Além disso, Drucker também afirma a não-neutralidade da *tecnologia*, assim como Marcuse, como se pode perceber na seguinte citação:

Embora saibamos hoje que nossa tecnologia é baseada na ciência, poucas pessoas (além dos próprios tecnólogos) têm conhecimento de que a tecnologia tornou-se neste século algo como uma ciência em seus próprios méritos. A tecnologia tornou-se pesquisa – uma disciplina separada, com métodos específicos próprios.¹⁸

Essa afirmação de Drucker não apenas corrobora aquilo que Marcuse postula, como estabelece parâmetros para demonstrar que a terminologia marcuseana evoluiu, acompanhando a evolução da própria *tecnologia* e incorporando à sua construção filosófica conceitos ainda hoje aplicáveis. O fato de a *tecnologia* ter se

¹⁷ DRUCKER, Peter F. *Tecnologia, Gerência e Sociedade*, p. 73.

¹⁸ DRUCKER, Peter F. *Tecnologia, Gerência e Sociedade*, p. 72.

tornado uma disciplina separada com métodos próprios, justifica considerar que ela, ao organizar sistematicamente o trabalho científico, permite direcionar sua aplicação a favor do *Establishment*, e, na crítica de Marcuse, seu uso conforme os objetivos do capitalismo da sociedade industrial avançada. No enunciado de Drucker, o uso da *tecnologia* é sempre um fator de aceleração e expansão do processo produtivo capitalista, especialmente na elaboração de sistemas de automação industrial e seu necessário gerenciamento científico. Assim, fica claro e evidente que, neste contexto, a *tecnologia* perde seu caráter ‘neutro’, pois ela incorpora os interesses dominantes do capitalismo à sua própria estrutura de uso, desenvolvimento e manutenção.

É relevante destacar que o texto de Peter F. Drucker foi publicado em 1967.¹⁹ Ou seja, trata-se efetiva e realmente de um contemporâneo de Herbert Marcuse, porém com abordagens ideologicamente distintas deste. Entretanto, as conclusões de ambos são muito próximas ao tratarem das perspectivas teóricas da *tecnologia* e seu uso a serviço do capitalismo, especialmente no desenvolvimento e aplicação de ‘novas’ tecnologias para produzir ‘novos’ produtos.

Toda nova *tecnologia* pode ser interpretada de forma binária, ora como um novo modo de oprimir a massa de trabalhadores que produz riquezas, ora como uma possibilidade de libertar o trabalhador da alienação. Porém, também é perceptível que não se trata de um modelo excludente, isto é, não uma coisa *ou* outra, mas sim, esta *e* aquela, simultaneamente. Deve-se considerar que novas tecnologias mudam o modo como as coisas são feitas; entretanto seu alcance social não se restringe ao trabalho, pois novas tecnologias trazem consigo a possibilidade de mudar as escalas de percepção da realidade, tanto da sociedade, como dos interesses econômicos e financeiros, afetando as relações pessoais e até os métodos educacionais e processos escolares, por exemplo.

O instrumento que é usado para atingir tais coisas é o uso da linguagem da administração total, uma linguagem *técnica* que direciona o significado de seus conteúdos para objetivos específicos, subordinados aos interesses do *Establishment*.

¹⁹ Editado por Melvin Kranzberg & Carroll W. Pursell Jr., New York-USA e publicado pela Oxford University Press, em 1967.

Como a linguagem *técnica* é um dos instrumentos dos controladores do capital e dos meios de produção, ela precisa de meios para chegar à sociedade – esse meio, literalmente, é a mídia. Ela é, sem dúvida, uma estrutura que se consolidou nos séculos 20 e 21 como disseminadora da cultura submetida aos interesses do capital, segundo Douglas Kellner:

A cultura da mídia é industrial; organiza-se com base no modelo de produção de massa e é produzida para a massa de acordo com tipos (gêneros), segundo fórmulas, códigos e normas convencionais. É, portanto, uma forma de cultura comercial, e seus produtos são mercadorias que tentam atrair o lucro privado produzido por empresas gigantescas que estão interessadas na acumulação de capital.²⁰

Essa definição de Kellner descreve a forma de agir das empresas de mídia. Elas fazem parte da estrutura de dominação e integram o modelo de ação capitalista, adotando os mesmos métodos e estratégias para atingir seus objetivos. Entretanto, a mídia também é uma consumidora da *tecnologia*, o que evidencia o nível de envolvimento dessa atividade com os interesses do capital, pois ela é o paradigma do modelo repressivo, ao produzir conteúdo, induzir ao consumo alienado e simultaneamente consumir a *tecnologia*. Kellner afirma, também, que a estrutura social passa a ser organizada pela mídia e pela *tecnologia*:

Mas a cultura da mídia é também uma cultura *high-tech*, que explora a tecnologia mais avançada. É um setor vibrante da economia, um dos mais lucrativos, e está atingindo dimensões globais. Por isso, é um modo de tecnocultura que mescla cultura e tecnologia em novas formas e configurações, produzindo novos tipos de sociedade em que mídia e tecnologia se tornam princípios organizadores.²¹

Kellner examina como a mídia age a serviço da cultura dominante, estudando “algumas das maneiras como a cultura contemporânea da mídia cria formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder”²², estabelecendo mecanismos que possuem impacto direto nas relações sociais, através do uso da linguagem subordinada aos interesses dos controladores do capital. As “novas formas” da *tecnologia*, citadas por Kellner, são incorporadas à vida diária a partir da eficiência do uso da mídia.

²⁰ KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia*, p. 9.

²¹ KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia*, p. 10.

²² KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia*, p. 10.

Novas tecnologias também interagem com os modelos mentais, pois as coisas sobre as quais as pessoas pensam também mudam e com isso o modelo social é alterado, pois o substrato no qual os pensamentos se desenvolvem também muda. Tal mudança envolve as percepções estéticas, morais, laborais, sociais e psicológicas, cujos efeitos nem sempre são facilmente mensuráveis, embora rapidamente perceptíveis. Isso também acontece através do uso repressivo da linguagem manipulada pela mídia, que reproduz os argumentos que interessam à manutenção dos interesses dominantes.

Diante dessa realidade, Marcuse busca em Freud os referenciais teóricos para explicar os mecanismos psicológicos de repressão, indução e manipulação do indivíduo que levam ao controle social. Ele aborda os conceitos freudianos partindo da constatação da *obsolescência* da cultura material e intelectual, manifestas na liberdade individual, já que esta perde seu caráter de necessidade para tornar-se contingente. Tal contingência é resultado do aumento da capacidade produtiva do capitalismo avançado, que consegue atender às necessidades individuais e coletivas de forma sempre crescente, porém impondo padrões, princípios e valores a serem seguidos pela sociedade, que justificam o *consumo* com *desperdício*. Vale destacar que Marcuse não distingue entre os regimes totalitários ou não-totalitários uma maior ou menor eficácia desse modelo, pois para a sociedade o que valerá é a satisfação de suas necessidades.

Em *Eros e Civilização*, Marcuse começa a elaborar os conceitos que são fundamentais na construção teórica de *O Homem Unidimensional*. Dentre tais conceitos, ele destaca a necessidade de repressão para manter o *status quo* – em todas as áreas (família, escola, trabalho, governo, etc.). Para a concretização desse processo repressivo é necessário, de um lado, a supressão das demandas eróticas e, por outro lado, a oferta de meios de atender as necessidades humanas, mesmo as ‘falsas’ e induzidas, numa escala nunca antes atingida. Ele diz: “A livre gratificação das necessidades instintivas do homem é incompatível com a sociedade civilizada: renúncia e dilação na satisfação constituem pré-requisitos do progresso.”²³ Nunca as necessidades do homem puderam ser tão atendidas como atualmente, mas o preço a

²³ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*, p. 26.

ser pago é a liberdade. A ‘renúncia’ a que Marcuse se refere é a da própria satisfação pulsional – gratificação plena – que se torna mediatizada, com reflexos na individualidade, na autonomia, em nome de garantir uma ‘vida boa’ para todos. Por outro lado, essa ‘renúncia’ impõe coercitivamente, de forma não-agressiva e muito eficaz, expõe a necessidade de manter o homem reprimido, para sustentar um *modus vivendi* ultrapassado, *obsoleto*.

Mas uma coisa é manter o homem reprimido, outra coisa é a auto-renúncia às pulsões, em nome do processo civilizatório (sendo essa auto-renúncia imposta através de um processo de aprendizado repressivo). Daí a afirmação de Marcuse: “Esses aspectos negativos da cultura hodierna podem muito bem indicar o *obsoletismo* das instituições estabelecidas e a emergência de novas formas de civilização: a repressão é, talvez, mantida com tanto mais vigor quanto mais desnecessária se torna.”²⁴ Para que isso aconteça é imprescindível o controle da mídia e a manipulação dos conteúdos informativos transmitidos à sociedade, pelo gerenciamento científico e ideológico da linguagem e de seus significados. Os próprios conceitos a serem abordados pela mídia são objeto de manipulação e direcionamento subordinado aos interesses do *Establishment*.

Atualmente o conceito de *progresso* está conectado ao de *tecnologia*. Desse modo, através do uso dos mecanismos de indução psicológica demonstrados por Freud (vide cap. 4 e 5), a propaganda e a mídia constroem e impõem a noção de que o *progresso* é manifesto através da oferta de ‘novos’ produtos que devem ser consumidos pela sociedade para que esta se mantenha *tecnicamente* atualizada. A linguagem *técnica* é o veículo desse conceito. Embora não seja sempre explícita, essa forma de argumentação é fundamental na implantação do processo de *obsolescência planejada*.

Uma reflexão a respeito do conceito de *obsolescência* vai, necessariamente, conduzir a alguns pontos cruciais para compreender a ação dos mecanismos não-agressivos de repressão social na obra de Herbert Marcuse.

²⁴ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*, p.27. Grifo meu.

A *obsolescência* como conceito filosófico, sinteticamente, pode ser interpretada como a afirmação da contingência da obra humana. Todos os artefatos construídos pelo ser humano podem tornar-se *obsoletos* em algum momento, assim como seu modo de viver, possivelmente até sua existência também – exceto seus ideais e sentimentos, talvez. A abordagem marcuseana considera estes aspectos da *obsolescência*, ao tratar das motivações psicológicas do homem e seu impacto nas ações individuais e coletivas, enquanto aborda a visão sistêmica dos interesses capitalistas e seus mecanismos estruturais de imposição da repressão social através do controle científico dos meios de produção e comunicação. Cabe observar que a *obsolescência* na sociedade capitalista industrial avançada se torna sinônimo de *inutilidade*, para justificar o descarte de produtos – o *desperdício* que Marcuse critica.²⁵

Marcuse fornece uma abertura para um melhor entendimento de suas proposições, ao citar os *Grundrisse* e a análise que Marx faz do tempo despendido pelo homem na produção de bens de consumo e a ‘dinâmica técnica’ envolvida no processo industrial visando aumentar sua produtividade e eficácia. Essa ‘dinâmica técnica’ se manifesta concretamente através da *automação*, obtida pelo uso científico, racional e ideologicamente dirigido dos recursos fornecidos pela *técnica* e pela *tecnologia*, com vistas à produção de bens e mercadorias.²⁶

Não é possível tratar da *produção tecnológica* sem abordar a *automação*. Esta é o substrato que permite o desenvolvimento daquela. E o ser humano é o seu criador, mediador, operador, dirigente, consumidor e escravo; por outro lado, o *Establishment* é seu único beneficiário, na sociedade industrial avançada. A respeito disso, Marcuse diz que:

De fato, a automação parece ser o grande catalisador da sociedade industrial avançada. É um catalisador explosivo ou não na base material da mudança qualitativa, o instrumento técnico da passagem da quantidade para a qualidade. Pois o processo social de automação expressa a transformação, ou, antes, a transsubstanciação da força de trabalho, no qual esta, separada do indivíduo, torna-se um objeto produtivo independente e, portanto, um sujeito em si mesmo.²⁷

²⁵ As diversas formas de *obsolescência* serão descritas no capítulo 7.

²⁶ Cf. MARCUSE, Herbert: A Obsolescência do Marxismo, p. 6; *O Homem Unidimensional*, p. 68.

²⁷ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 69.

Existem dois aspectos nessa afirmação de Marcuse que merecem reflexão. Um é a “transubstanciação da força de trabalho” em um ‘sujeito’, em algo que se personaliza e assume uma independência ontológica socialmente perceptível e economicamente concreta. Observo que Marcuse usa, metaforicamente, um termo metafísico para descrever um processo histórico, real e ideologicamente dirigido. Tal personalização da força de trabalho, manifesta na *automação* da produção, determina ritmos, condições, efeitos e características sistêmicas que reduzem o ser humano a coadjuvante, expectador, consumidor e matéria-prima do processo industrial. O processo industrial, manifesto concretamente nesse ‘sujeito’ mecânico, racional, frio, impessoal, cujo objetivo é a produtividade e o lucro, é também a manifestação da reificação do homem (o indivíduo, ser humano), pois este se apequena diante da máquina. O processo assume vida própria e consome seu criador e mantenedor.

Mas isso abre espaço para se pensar em uma realidade tecnológica que traria a possibilidade histórica de uma nova civilização, onde o ser humano não seria mais o escravo da máquina, mas o seu beneficiário. Embora pareça utópica, essa é uma possibilidade histórica, segundo Marcuse. Essa possibilidade, que faz da *automação* um elemento que pode alterar o ambiente social, é o outro aspecto dessa afirmação, que merece, também, uma reflexão mais atenta, pois o texto marcuseano é rico em referências a ela.

Marcuse observa que, caso a *automação* se tornasse o processo de produção material, haveria a libertação do homem, eliminando a sua reificação e transformaria toda a sociedade, pois haveria um tempo livre que revolucionaria a existência privada e social do ser humano. Porém, essa condição depende de um jogo de interesses políticos controlado pelo *Establishment*, cujas consequências possuem impactos em todos os níveis, já que, de fato, a sociedade deve inicialmente garantir os pré-requisitos materiais a todos os seus integrantes antes que ela possa ser uma sociedade livre. É necessário criar a riqueza antes de poder distribuí-la.

Marcuse diz que as necessidades individuais são as necessidades do escravo, e que como o indivíduo foi pré-condicionado a existir como escravo e a estar contente com essa condição, é preciso libertar o escravo para libertar a sociedade. Para isso é necessário que o processo produtivo seja qualitativamente alterado, o que só é possível através da educação, da formação de pessoas mais conscientes, que possam

usar tecnicamente, a seu favor, o conhecimento acumulado. E esse salto qualitativo depende e precisa da *tecnologia* para ter existência concreta.²⁸ Porém, como os controladores dos meios de produção também controlam o acesso e a distribuição da *tecnologia*, eles limitam propositalmente seus efeitos em favor do ser humano, visando mantê-lo como instrumento de seus interesses.

Assim, a compreensão da expressão *produção tecnológica*, em Marcuse, exige a definição desses termos na forma como ele os utiliza. A produção, conforme é possível deduzir da leitura do conjunto de sua obra, é a entrega para consumo, de bens – produtos e serviços – cuja execução, manufatura, disponibilidade e oferta obedecem a critérios sociais manipulados e repressivos, científica e racionalmente estabelecidos e, também, economicamente administrados para garantir a perpetuidade dos lucros. Essa definição está próxima dos critérios estabelecidos por Karl Marx, observando-se a peculiaridade de que é possível inferir que Marcuse faz uma leitura da produção industrial por uma perspectiva mais subjetiva, antropológica e humana, em relação àquela de Marx. Por outro lado, é cabível afirmar que Marx considera a produção dentro da esfera objetiva da economia política e do materialismo histórico, conjugando as classes sociais a partir dos meios de produção; e que Marcuse abre uma perspectiva que permite inferir e considerar a divisão das classes sociais não apenas pela perspectiva da produção, mas também pelo consumo – uma realidade inegável na sociedade industrial avançada, em que os perfis de consumo determinam as ações da indústria e da mídia.

O marco conceitual entre ambos pode ser estabelecido na seguinte afirmação: “A tecnologia serve para instituir novas formas, mais efetivas e prazerosas, de controle social e coesão social.”²⁹ Há um prazer em consumir, e, em nome desse prazer o homem é controlado e manipulado coercitivamente, de forma não-agressiva. O controle social é estabelecido, inicialmente, pelo controle dos meios de produção, conforme afirma Marx, mas o controle *técnico* dos meios de produção e distribuição da *tecnologia* é o diferencial estabelecido por Marcuse, reiterando que esse controle é subordinado ideologicamente aos interesses do *Establishment*.

²⁸ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 66-73.

²⁹ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.36.

Conforme Franz Josef Brüseke, a perspectiva de dominação da sociedade *pela e por meio da tecnologia* é um fato consumado: “Marcuse descobre na sociedade industrial uma tendência totalitária. Esta baseia-se no controle social crescente, intermediado e cada vez mais aperfeiçoado pela técnica.”³⁰

É inegável a coerência da argumentação marcuseana, que a manutenção do controle dos meios de produção e distribuição está associada ao controle dos meios de indução ao consumo, com consequências sociais e políticas que impactam todas as estruturas humanas.

Marcuse considera o domínio da *tecnologia*, manifesto no controle *técnico* de sua produção, como instrumento de domínio e controle social, pois controlar a *tecnologia* é controlar as técnicas de produção e suas relações sociais e econômicas. Esse domínio da *tecnologia* assume concretude histórica através da *automação* da produção. E, por consequência do uso da racionalidade capitalista, o controle da distribuição da própria *tecnologia*, embutida nos produtos consumidos, promove assim as bases para um controle cada vez maior das relações sociais.³¹

Para operacionalizar tais controles é imprescindível o uso, racionalmente administrado, dos mecanismos de repressão social. Tais mecanismos, em especial a linguagem da administração total, incorporam a própria *tecnologia* e usam os princípios estabelecidos por Freud (vide cap. 4 e 5) para se manter e expandir, perpetuando um modelo de relações sociais que visa apenas o lucro e a manutenção de mercados consumidores – os escravos citados anteriormente.

O planejamento envolvido no processo de produção capitalista de bens de consumo é resultante de um modelo de administração científica que tem por objetivo a manutenção de um mercado cativo e a garantia de lucros constantes como as principais variáveis consideradas no capitalismo avançado. Para manter o mercado sempre disposto a consumir, é necessário induzi-lo a *desperdiçar* o que consome e *descartar* produtos para repô-los, ciclicamente. Tal indução é obtida pelo uso científico e constante de uma linguagem ideologicamente manipulada pela mídia.

³⁰ BRÜSEKE, F. J. A crítica da técnica moderna, p.28.

³¹ Cf. MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 76-77 e p. 141-142.

Dessa forma se estabelecem as bases para a implementação do planejamento da *obsolescência*. Marcuse afirma que os modos de produção são construídos e planejados para se manterem como instrumentos de repressão social, (considerando o controle capitalista dos meios de produção sob um viés marxiano), pelos quais o objetivo desse controle é apenas e tão somente a manutenção dos mercados e do lucro.

Assim como o controle dos meios de produção integra o núcleo da teoria marxista, para a teoria marcuseana o controle técnico da produção e da distribuição da *tecnologia* faz parte do mecanismo de repressão, porém, o *consumo* é o diferencial na teoria marcuseana. À medida que aumentam os padrões de produção – ‘mais por menos’ – devido ao uso científico da *tecnologia*, manifesto na *automação*, é necessário que haja um mercado que queira consumir. A propaganda e a mídia dirigida são os instrumentos pelos quais se impõem a indução ao consumo, elas ditam formas de aquisição, financiamento, padrões estéticos como layout de produtos e de locais de consumo, dentre outros aspectos. Para isso ambas usam uma linguagem que apela aos mecanismos freudianos, induzindo o ser humano a consumir aquilo que lhe é oferecido – ou imposto.

Tudo está *com e para* o homem, sendo este o objeto, o meio e o fim dos controles, tanto da produção e da distribuição, como do *consumo*. E, da mesma forma que a produção é diretamente afetada pelo uso administrado da linguagem *técnica* e da *tecnologia*, através da *automação*, o *consumo* torna-se instrumento de repressão social, através da administração do *desperdício*. Este é um aspecto das relações sociais e econômicas da sociedade industrial avançada que impõe, permite e fundamenta a *obsolescência planejada*.

Como a *automação* da produção “parece ser o grande catalisador da sociedade industrial avançada”,³² e considerando o alcance social do processo de *automação*, que estabelece um *modus vivendi* determinado pelo *modus operandi*, é necessário buscar referenciais que permitam uma clara compreensão do que Marcuse propõe. O propósito é estabelecer uma linearidade lógica que evidencie os impactos da *técnica* e da *tecnologia* no processo formal de imposição da *obsolescência*

³² MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 69

planejada. Dentre esses referenciais cabe considerar, inicialmente, aqueles constantes na obra de Max Weber – *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, e, na sequência, os textos de Karl Marx, em especial os *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, *O Capital* e os *Grundrisse*, além de outros textos de Sigmund Freud e do próprio Herbert Marcuse.

2 – WEBER E AS BASES INSTRUMENTAIS DA PADRONIZAÇÃO CAPITALISTA

A plena compreensão do conceito de *obsolescência planejada* e de sua significância na obra de Herbert Marcuse pressupõe, ou melhor, exige, o entendimento de que são necessários pré-requisitos para a sua efetivação como método de dominação econômica e política usando a repressão social. Tal dominação tem por objetivo a manutenção do lucro e a preservação do controle dos meios de produção, seja nas sociedades democráticas ou autoritárias, capitalistas, ou socialistas, embora estas últimas praticamente inexistam a esta altura do século 21.

Dentre tais pré-requisitos, é imprescindível destacar o racionalismo econômico, conforme descrito por Max Weber em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* e sua abordagem desse racionalismo como conceito histórico e social. Inicialmente, cabe observar que Weber afirma que há um nítido contraste entre a produção planejada, calculada com rigor e precisão, do capitalista moderno e a produção artesanal do camponês. Ele cita, textualmente, que o modelo de administração de um banco ou do comércio só é possível na forma de empresa capitalista. Porém, o espírito, ou seja, as motivações individuais, as atitudes eram (e ainda são) tradicionalistas, vinculadas a valores e práticas sociais com raízes culturais, éticas e religiosas.³³ Simultaneamente, ele considera as bases do atual capitalismo avançado, à época em sua fase inicial, como irracionais, pois eram baseadas na especulação.

Para assumir o comando da estrutura social o capitalismo precisa de uma conformação racional, lógica e tecnicamente elaborada. Weber antevê os efeitos práticos da administração racional ('científica') fundamentada em uma organização *técnica* que, aparentemente, aliviaria os desgastantes efeitos físicos das jornadas de trabalho dos operários de então, mas que conflita com a exploração das oportunidades políticas de uma forma de capitalismo que ele chama de 'aventureira', por sua irracionalidade especulativa.³⁴ Se, de um lado há uma estrutura racional, cientificamente

³³ Cf. WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, p. 55.

³⁴ Cf. WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, p.62-63.

planejada para controlar a produção e as atividades, por outro existe um risco, irracional, inerente ao próprio modelo de empresa capitalista, posto que há uma abordagem especulativa intencional na busca pelo lucro. A eliminação dessa irracionalidade especulativa só é possível através da manipulação planejada do mercado, induzindo o consumidor da produção capitalista a comprar mercadorias e produtos que atendam os interesses do capital.

Embora Weber não faça uma análise específica dessa condição, ela é evidente quando se lê *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, pois o ascetismo religioso que considerava o consumo (em especial de supérfluos) um pecado, facilitou o acúmulo de capital. Por outro lado, essa restrição ao consumo limitava a expansão da produção e consequentemente o acúmulo de capital. Parece-me lógico inferir por essa leitura de Weber, que, para que o capitalismo pudesse se expandir, era necessário que houvesse uma mudança de paradigmas, e essa mudança se tornou concreta através do planejamento científico e racional da produção e do consumo. A análise weberiana considera que a relação direta entre o sucesso do capitalismo e a exploração racional do trabalho passa pela definição de valores éticos facilmente perceptíveis. O capitalista bem-sucedido é uma pessoa confiável, sóbria, que calcula riscos, totalmente devotada a seu negócio, agindo com “princípios e opiniões estritamente burgueses.”³⁵

Como Weber evidencia os movimentos do capitalismo a partir da ética protestante, sua análise demonstra que os efeitos do ascetismo religioso foram além do campo estritamente individual e provocaram, dentre outras coisas, o que ele chama de “regulamentação mercantilista do Estado”. Tal regulamentação permitiu o desenvolvimento da indústria, base do atual capitalismo avançado. Porém, onde ela (a regulamentação) assumiu um caráter despótico e autoritário, foi mais um entrave que um incentivo ao desenvolvimento do ‘espírito capitalista’, porque o interesse individual tinha que se submeter ao coletivo, obedecendo aos padrões políticos e culturais vigentes³⁶. Esse conflito de interesses, típico do pensamento burguês capitalista, possui fundamentação social, cultural, ética e religiosa baseada no trabalho individual e numa visão espiritual

³⁵ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, p.58.

³⁶ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, p. 111.

desse trabalho como meio de aproximar o ser humano de Deus, conforme a tradição judaico-cristã adaptada às doutrinas protestantes.

Esse posicionamento político-ideológico-religioso pode ter produzido um ambiente de rejeição ao desfrute prazeroso das riquezas, pois o prazer era visto, em algumas culturas, como algo pecaminoso e contrário aos desígnios de Deus. Daí que os capitalistas dos séculos 18 e 19, judeus e protestantes em sua maioria, viviam uma vida ascética, modesta e com forte tendência para a igualdade – uniformidade, de acordo com Weber – pois sua visão moral do mundo e das riquezas produzidas pelo trabalho próprio ou de seus empregados, tinha um profundo viés religioso³⁷. Tal uniformidade manifestava-se nas roupas que usavam, nas casas em que moravam, nos hábitos e padrões sociais em suas relações, pois sua visão puritana do mundo levava-os a repudiar as exibições de riqueza como vã ostentação, algo desagradável aos olhos de Deus.

Weber demonstra que essa uniformidade de comportamento social ajudou muito o estabelecimento de padrões de produção, essenciais para o capitalismo avançado expandir suas atividades. Porque, com padrões uniformes, amplamente aceitos, ficou mais fácil implantar processos automatizados de produção em massa, que exigiram o uso de máquinas em escala crescente para produzir mercadorias cada vez mais iguais, com custos reduzidos e margens de lucro constantes. Essa padronização também se reflete nos comportamentos no ambiente de trabalho, criando rotinas e procedimentos que se expandiram para além das fábricas, estabelecendo bases para as transformações sociais, uniformizando-as, tecnicamente, por sua racionalidade.³⁸

A padronização e uniformidade dos produtos industriais permitiu a expansão dos processos capitalistas. Assim Weber estabelece de forma inequívoca um dos pilares da argumentação de Marcuse quanto ao uso da *técnica*, tanto nos processos industriais propriamente ditos – fundamentos da futura automação, como nas diversas formas de administração das estruturas privadas e públicas, em seu aspecto legal e político³⁹. Weber destaca a relevância das estruturas racionais, legais, ideológicas e administrativas do Ocidente, visto que tais estruturas estabelecem regras formais de

³⁷ Observo que o conceito de ‘riqueza’ varia conforme as crenças religiosas, havendo diferenças entre a perspectiva judia e a perspectiva protestante.

³⁸ Cf. WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, p. 122-123.

³⁹ Cf. WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, p. 29.

relacionamento, que validam e organizam tanto o ‘capitalismo aventureiro’ como o “empreendimento racional da iniciativa privada”. Ele considera que este último, por sua racionalidade demonstrada tecnicamente, permite prever os resultados de um investimento, aumentando as possibilidades de lucros. Os argumentos weberianos demonstram que o desenvolvimento das ciências e suas aplicações técnicas passam a ser financiadas pelo capital, pois tal desenvolvimento implica métodos operacionais mais eficazes e equipamentos mais eficientes, com menor custo e consequente aumento da margem de lucro. Esse investimento é um exemplo do racionalismo pragmático capitalista, que exige uma abordagem crítica de suas implicações, pois segundo Weber: “(...) cada um desses campos pode ser racionalizado em termos consoantes com valores últimos e finalidades muito diferentes, e o que é racional de um certo ponto de vista, poderá ser irracional de outro”⁴⁰. Assim, Weber define os parâmetros conceituais através dos quais se estabelecem as bases racionais, ou não, para previsão de em que circunstâncias é possível planejar a *obsolescência* de uma máquina, de um produto, e até de um processo industrial, administrativo, legal ou político.

Weber constrói uma descrição histórico-sociológica de algumas das modernas práticas sociais ocidentais, várias delas fundamentadas na religião, cujas consequências foram a transformação da estrutura social a partir da transformação da estrutura econômica. Tal processo histórico promoveu quase que a extinção de um determinado modo de viver, que se mostrou *obsoleto*, ineficaz diante da marcha acelerada imposta pelas transformações técnicas financiadas pelo capital em busca do lucro; pois se a visão ascética da religiosidade protestante permitiu, de um lado, a acumulação do capital, de outro, ela impôs uma visão utilitarista das relações sociais e econômicas. Esse utilitarismo exigiu a substituição das relações sociais baseadas em tradições e com forte cunho individualista, por relações fundamentadas em regras impessoais, formais, *técnica* e legalmente constituídas e racionalmente impostas.

Essa nova estrutura promoveu uma estratificação das classes sociais com características mais fluidas, permeáveis às variações do capitalismo moderno, porém mais excludentes, pois passaram a exigir dos camponeses e proletários uma conduta racional para a qual eles não estavam adequadamente preparados. A ignorância formal do

⁴⁰ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, p. 30.

proletariado, manifesta através de um modo de vida inadequado diante no novo ‘espírito’ do mundo, permitiu a ascensão de uma estrutura hierárquica que passou a administrar as fábricas, o comércio, as organizações sociais e a ditar as regras comportamentais e econômicas, estabelecendo padrões que deveriam ser seguidos por todos.⁴¹ Esse padrão administrativo racional, ao impor regras e procedimentos técnicos para aumentar a eficiência dos processos industriais, estabeleceu os conceitos que excluíram o ‘velho’ modo de viver, inadequado às novas exigências do capitalismo moderno, tornando seus valores e relações sociais ultrapassados – *obsoletos*.

Os procedimentos industriais, que permitiram a expansão da produção em massa, também forjaram simultaneamente uma disciplina comportamental que extrapolou os limites das fábricas e penetrou nas estruturas sociais, estratificando e consolidando o capitalismo como um *modus vivendi*.

Por inferência, posso afirmar que a ética protestante e suas vinculações religiosas estabeleceram a ideia de que a acumulação de capital, o sucesso material e o enriquecimento eram sinais de uma predestinação divina, de uma benção reservada aos ascetas devotados ao trabalho. A lógica calvinista de temor opressivo a um deus que escolhia a quem dar riqueza fez da religião uma força repressiva que foi apropriada pelo capitalismo. Se na religiosidade cristã, socialmente comunitária, se afirmava ‘amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo’, o fato de alguns conseguirem ter mais dinheiro que outros seria um sinal inequívoco de que aquele deus repressivo escolhia seus abençoados por suas capacidades de trabalhar e gerenciar o trabalho alheio. Assim, é possível afirmar que a religião não se opõe ao capital, mas se torna um apêndice deste, pois coloca-se como mais um instrumento de repressão social.

Embora não tão claramente como da forma que Marcuse descreve, é possível identificar, a partir das ideias de Weber, os primórdios de uma estrutura que visa reduzir o homem a um ser unidimensional e começam a ser estabelecidos repressivamente os fundamentos de uma ordem social excluente e tecnicamente direcionada para atender os interesses do capitalismo. O capitalista tem as condições técnicas, meios e justificativas éticas e religiosas para exercer seu papel e tratar o trabalho de outro homem como um

⁴¹ Cf. WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, nota 10, cap. II, p. 142-143 e notas 23, 24, 25 e 26, Cap. V, p. 205-206.

recurso que aquele deus repressivo lhe concedeu – enriquecer assim é cumprir uma missão divina. Estabelecer regras e comportamentos para o trabalho e para o convívio social é um dever moral, uma determinação divina que é apropriada pelo capitalista, que passa a ser o centro do processo social, usando essa condição de forma a controlar a sociedade, visando a preservação do lucro e a manutenção de um *status quo* que interessa apenas ao capital e a seus controladores – o *Establishment*, como diz Marcuse.

Marcuse – mesmo ao critica-lo – usa o formalismo racional de Weber como fundamento de diversas construções teóricas, estabelecendo algumas das bases para suas análises da *técnica* e, posteriormente, da *tecnologia*. Weber considera a sociedade capitalista moderna como resultado de uma crescente racionalização formal em todas as áreas, e demonstra isso em sua obra. Portanto, os conceitos marcuseanos que descrevem os processos de produção industrial como sendo também processos sociais encontram em Weber uma base consistente para sua argumentação.

Weber também evidencia a necessidade de posicionar claramente o que é o racionalismo, pois este é um instrumento que permite colocar a vida sob perspectivas muito diferentes, sem necessariamente unificá-las, já que “o racionalismo é um conceito histórico que envolve todo um mundo de coisas diferentes”⁴². Dentre tais diferenças, o pensamento weberiano busca entender, e, talvez, definir a origem de um “elemento irracional”, que é a ideia de vocação divina e da devoção ao trabalho como ato de fé, cujas bases possuem argumentos morais estabelecidos nas concepções religiosas de Lutero, Calvino e outros pensadores protestantes.⁴³

O trabalho individual (no espírito capitalista), segundo Weber, não pode ser explicado pelo racionalismo, daí haver tal “elemento irracional”, que, entendo eu, é essa interpretação da fé religiosa estabelecida pelo protestantismo, e suas consequências sociais, apropriadas pelos interesses capitalistas. É possível pensar que, se inicialmente essa irracionalidade era fundamentada na fé religiosa, posteriormente ela passou a ter apenas a busca do lucro e a manutenção do poder e do controle econômico, político e social como fundamentos e objetivos.

⁴² WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, p.63.

⁴³ Cf. WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, p.63.

Embora não seja a única fonte, a argumentação de Weber – de uma uniformidade padronizadora de relações sociais, de produção e consumo de produtos – contribui para fundamentar teoricamente as afirmações marcuseanas, validando suas proposições e fornecendo elementos que demonstram a consistência delas, mesmo quando Marcuse oferece contra-argumentos. As proposições de Weber mostram que, ao se implantarem regras racionais administrativas e comportamentais eticamente justificáveis e socialmente aceitas, estabeleceram-se os fundamentos para um modelo capitalista de repetição da produção, nos primeiros estágios da automação industrial moderna. O filósofo sintetiza a argumentação weberiana relativa aos novos processos industriais do capitalismo avançado, manifestos nas mudanças sociais e políticas de forma racional e historicamente impostas:

A mudança qualitativa também envolve uma mudança na base técnica sobre a qual essa sociedade se assenta – uma base que sustenta as instituições políticas e econômicas por meio das quais é reforçada a ‘segunda natureza’ do homem como um objeto agressivo de administração. As técnicas de industrialização são técnicas políticas.⁴⁴

As proposições de Weber colocam de forma sistemática os conceitos que permitiram ao capitalismo se desenvolver e assumir papel decisivo e majoritário na estruturação da sociedade moderna. Especialmente aqueles relativos a padrões sociais – ideológica, ética, política e racionalmente impostos e aceitos, que criaram as pré-condições necessárias para a implantação dos mecanismos de repressão social descritos por Marcuse. Ao analisar as proposições weberianas, o filósofo destaca alguns pontos que merecem uma reflexão mais detalhada. De acordo com ele, a teoria de Weber de “uma ciência que no interior de si mesma estaria livre de todo valor” se mostrou como uma tentativa de aceitar valores repressivos, cujas origens estão fora dela⁴⁵ (a ciência). Tais valores repressivos são impostos pelo *Establishment*, visando a manutenção do controle dos meios de produção através do uso racional da *técnica*. Os processos usados para essa imposição serão descritos mais adiante, mas é crucial determinar que, conforme Marcuse, Weber estabelece os vínculos lógicos e filosóficos que permitem ao capital usar a ciência de forma instrumental, objetivando atender as demandas dos controladores do capital e dos meios de produção.

⁴⁴ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.54. Itálico no original.

⁴⁵ Cf. MARCUSE, Herbert. Industrialización y capitalismo en Max Weber, p. 8.

Marcuse analisa as proposições weberianas considerando que o conceito de ‘neutralidade científica’ se torna insustentável diante dos valores ocultos do capitalismo industrial, pois a ciência mostra-se impotente para lidar com as manipulações que são impostas ao homem pelo *Establishment*. A descrição marcuseana dos argumentos de Weber mostra que a ciência, posta a serviço do capitalismo, se materializa como ‘Razão’, através de um sistema de cultura intelectual – uma economia, uma *tecnologia*, um modo de vida. Tal sistema tende a um tipo de dominação específica, que se converte em burocracia (que atinge seu estágio mais desenvolvido no capitalismo industrial), como manifestação social da administração tecnológica, conforme descrito mais adiante.⁴⁶ Por consequência dessas afirmações, que demonstram o uso racional da ciência como *técnica* e *tecnologia* a serviço de valores manipulados e impostos repressivamente em benefício do capital, Marcuse busca estabelecer parâmetros que permitem a fundamentação de sua crítica ao capitalismo industrial avançado. Para os propósitos deste trabalho, vou considerar apenas dois destes parâmetros, a seguir descritos.

Marcuse afirma que Weber considera a “racionalidade formal” como uma especificidade histórica, que é absorvida e transformada em “racionalidade capitalista”, apoiada num desejo irracional de ganhar (que é usado para manipular o homem). Essa condição determina a imposição repressiva dos interesses capitalistas, pois a transformação da “racionalidade formal” em “racionalidade capitalista” se manifesta como “razão econômica do capitalismo”, condicionando as ações do homem e suas consequentes relações sociais. A “racionalidade capitalista” se apresenta, então, como condição da rentabilidade dos interesses capitalistas, subordinando todos os aspectos desse processo a essa condição. Essa busca da rentabilidade é manifesta como um cálculo sistemático, metódico, logicamente coerente e apoiado na manipulação coercitiva do trabalho do homem, visando apenas e tão somente a manutenção da rentabilidade – o lucro do capital.⁴⁷

Essa metodologia lógica e sistemática se expande por todas as áreas da sociedade, servindo como fundamento coercitivo das estruturas que visam a manutenção do controle dos meios de produção, da manutenção do lucro e da repressão do homem.

⁴⁶ Cf. MARCUSE, Herbert. Industrialización y capitalismo en Max Weber, p. 10.

⁴⁷ Cf. MARCUSE, Herbert. Industrialización y capitalismo en Max Weber, p. 11 e 12.

Assim, os pré-requisitos para o estabelecimento de condições históricas objetivas que permitam a repressão social são descritos de forma inequívoca, configurando um dos parâmetros que considero relevante aos propósitos deste trabalho.

O outro parâmetro dos argumentos weberianos analisados por Marcuse é de extrema relevância para o que me proponho. Marcuse destaca que o trabalho do homem é explorado intensivamente pelo capital, pela imposição da “privação”, que determina uma luta pela sobrevivência que aliena o homem de si mesmo e de seu trabalho. Isso acontece de forma sistemática e planejada para que seja possível uma acumulação sempre crescente que favorece apenas os interesses capitalistas. O mecanismo lógico, racional e formal para que isso aconteça é imposto como “destruição produtiva” e “administração total”, cujo instrumento de ação direta na sociedade é o “planejamento da obsolescência”. Essa conclusão de Marcuse, ao analisar os argumentos de Weber, demonstra que a “anti-razão metódica” somada ao “planejamento da obsolescência” tornam-se necessidades sociais, que serão usadas para impor a repressão. O filósofo observa que, embora Weber não tenha previsto tal situação em sua obra, essa conclusão está implícita no pensamento weberiano quanto possibilidade da “razão técnica”.⁴⁸

Posto isso, a *obsolescência planejada* começa a se apresentar como um instrumento de repressão social racionalmente lógico e estruturado, justificado pela ciência subordinada aos interesses do capital, visando apenas garantir a perenidade do lucro às custas da alienação do ser humano.

Desse modo, temos dois argumentos sólidos e coerentes, mostrando de um lado que a racionalidade científica se subordina aos interesses capitalistas, e, de outro lado que a *obsolescência planejada* é parte da estratégia capitalista para reprimir o homem, usando a ciência como instrumento. Por conseguinte, quando a ciência se declara ‘neutra’ e ‘incompetente’ para julgar o que deveria ser, tal posicionamento favorece os poderes (alguns, ocultos) que determinam o que deveria ser – e, principalmente, o que é. Estes aspectos serão abordados novamente, mais adiante.

Mesmo quando objeto de contra-argumentação, Weber também é referência para outras perspectivas das proposições de Marcuse, mas não é a sua única

⁴⁸ Cf. MARCUSE, Herbert. Industrialización y capitalismo en Max Weber, p. 14 e 15.

base filosófica. Porém, para os propósitos deste trabalho, a argumentação weberiana fornece subsídios suficientes para demonstrar os fundamentos do racionalismo capitalista e seus efeitos sociais e econômicos. Observo, entretanto, que os conceitos marcuseanos relativos à *obsolescência* também possuem outra fonte filosoficamente robusta, objetiva e coerente, como se verá no próximo capítulo.

3 – MARX E A BASE DA OBSOLESCÊNCIA PLANEJADA E DE SUA ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA

Karl Marx é, sem dúvida, a principal base filosófica de grande parte das proposições marcuseanas e alguns de seus conceitos identificam a estrutura que valida objetivamente a *obsolescência planejada*, como instrumento de manutenção do controle dos meios de produção e do poder econômico e político do capitalismo burguês na sociedade industrial avançada.

Em *O Capital*, Marx faz referência direta ao conceito de *obsolescência*, da forma que Marcuse usa em seus textos. Marx analisa as manifestações dos controladores das indústrias algodoeiras, pois que estes afirmam o título de propriedade do capital sobre a força de trabalho. Ele diz que o capital avalia as máquinas como ativos financeiros, e o trabalhador é apenas um tipo diferente de máquina:

(...) dois tipos de ‘maquinaria’, ambas pertencentes ao capitalista e das quais uma se encontra na fábrica, outra se aloja à noite e aos domingos fora das fábricas, nos *cottages*. Uma está morta, a outra viva. A maquinaria morta não só se deteriora e desvaloriza a cada dia, mas uma grande parte de sua massa existente se torna constantemente obsoleta em virtude do contínuo progresso técnico, a tal ponto que se pode vantajosamente substituí-la, em poucos meses, por maquinaria mais moderna. A maquinaria viva, ao contrário, aperfeiçoa-se na mesma proporção de sua duração, à medida que acumula em si a habilidade de sucessivas gerações.⁴⁹

Este trecho de *O Capital* evidencia que o avanço tecnológico é um dos gatilhos das transformações no próprio processo produtivo, já que as máquinas se tornam *obsoletas* em função de um “contínuo progresso técnico”. Essa condição adquire concretude histórica pela constatação de que máquinas operadas pelo ser humano são fabricadas por meio de outras máquinas, que serão operadas por outro ser humano, numa cadeia de processos e interesses cujo foco não é a pessoa, mas o capital – o lucro. E os instrumentos de aquisição desse lucro são as próprias máquinas, e, quanto mais eficazes estas forem, menores serão os custos de fabricação e maiores os lucros. A *obsolescência* de uma máquina, do ponto de vista capitalista, é estabelecida pela relação entre a

⁴⁹ MARX, Karl. *O Capital*, p. 793. Em francês e itálico no original.

capacidade de produção dessa máquina, o valor investido na sua aquisição, os custos de sua operação e o potencial de lucro possível com o uso dela – isto é, com a venda dos produtos fabricados.

Marx evidencia que o papel do operário, o indivíduo que opera a máquina é apenas de mais uma ‘máquina’ que pode ser excluída, substituída ou melhorada, conforme a conveniência dos interesses do capital. Ou seja, o ser humano é um acessório da máquina, que é despersonalizado e reificado à medida que a automação do processo industrial aumenta. Esse método capitalista, ainda em seus estágios iniciais à época em que Marx escreveu *O Capital*, assume proporções cada vez maiores no século 20, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Marcuse identifica e expõe com clareza as implicações dessa metodologia operacional das sociedades industriais. O capitalismo avançado só se torna possível com a administração (“gerência científica”) de todos os processos, sejam os industriais, sejam os de distribuição da produção ou os demais processos das relações sociais que abarcam os outros.

Em *O Homem Unidimensional*, Marcuse retoma essa abordagem marxiana, explicitando o caráter repressivo e irracional dos métodos operacionais do capitalismo industrial. Ele observa que a máquina, por um lado, personifica o poder de trabalho do ser humano, ao estabelecer relações necessárias e dialeticamente possíveis entre o trabalho morto (passado) e o trabalho vivo (presente); por outro lado, ela altera qualitativamente essa relação com o uso intensivo da *tecnologia*. Essa alteração ocorre por meio da automação, na qual os índices de produtividade passam a ser determinados pela capacidade operacional da máquina e não de seu operador. Assim, a individualização do trabalho, base da relação histórico-dialética entre o homem e a produção de seu trabalho, torna-se incompatível com uma nova realidade econômica e social produzida pelo progresso técnico das instituições capitalistas.⁵⁰

Estas perspectivas da relação capital-trabalho fundamentam a demonstração que a *obsolescência planejada* faz parte da estrutura econômica do capitalismo avançado, pois a padronização social resulta da e permite a padronização industrial e ambas resultam em um circuito que se retroalimenta, comandado por uma

⁵⁰ Cf. MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 62-63.

administração logicamente estabelecida, conforme Marcuse afirma. Essa estrutura administrativa repressiva, ideológica, racional e logicamente construída ao longo das décadas é explicitada por Marx, quando afirma: “Observando-se o processo de produção do ponto de vista do processo de trabalho, o trabalhador se relaciona com os meios de produção não como capital, mas como mero meio e material de sua atividade produtiva orientada para um fim.”⁵¹ Tal afirmação demonstra que, se de um lado a força do trabalho é tratada como maquinaria, por outro lado a relação do trabalhador com os meios de produção é despersonalizada, impessoal, fria, racional e gerenciada com parâmetros exclusivamente operacionais, tanto quantitativos quanto qualitativos.

Com essa demonstração, Marx define sinteticamente a estrutura dialética entre o capital e o trabalho. Tal estrutura tem implicações profundas nas relações típicas do capitalismo industrial avançado e em estruturas econômicas e sociais das sociedades ainda em estágios anteriores, mas que aceitam e incorporam esse padrão como forma de aumentar os lucros, de expandir os controles sobre os processos produtivos, sociais e legais, através de mecanismos repressivos, metódica e racionalmente estabelecidos.⁵²

Os métodos racionais, responsáveis pelos conteúdos objetivos envolvidos na administração econômica, industrial e nos processos de repressão e dominação social, transformam-se, aparentemente, em meros recursos instrumentais quando tomados isoladamente. E a aparente racionalidade lógica envolvida em seu uso induz a essa perspectiva, que considera não o conjunto da estrutura, mas cada um de seus componentes de forma autônoma, sendo esse um dos modos pelos quais a repressão social vai se instalando. Sua aparente neutralidade, racionalmente fundamentada e ideologicamente manifesta, opera objetivamente em toda estrutura capitalista pela abstração de qualquer conteúdo subjetivo. E tal procedimento exige um comando, uma lógica administrativa estruturante e internalizada na estrutura e nas pessoas, que atua subordinada aos interesses do *Establishment*, visando a manutenção do poder e usando a *obsolescência planejada* como instrumento de dominação e repressão. Essa lógica administrativa é denominada “gerência científica”, por Marcuse.

⁵¹ MARX, Karl. *O Capital*. p. 476.

⁵² Cf. MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.123-128.

Para Marx a relação capital-trabalho é definidora das demais relações sociais, sejam elas quais forem; pois o materialismo histórico expõe as engrenagens da máquina capitalista a partir de suas relações internas, ideologicamente contraditórias, mas objetivamente concretas e historicamente racionais. A racionalidade capitalista se impõe de modo negativo, pela exclusão de possibilidades ou pela negação direta de condições materiais para a ascensão das classes trabalhadoras ao poder. As elites capitalistas detêm o poder através das regras governamentais manipuladas conforme os interesses dominantes e do uso racional e repressor dos instrumentos fornecidos pela ciência: a *técnica e a tecnologia*.

O comando do capital sobre o trabalho é reconhecido por Marx, citando Adam Smith⁵³, e este, por sua vez cita Hobbes, no *Leviatã*, reconhecendo que a riqueza é poder. Cabe destacar que Hobbes cita a riqueza como poder instrumental, meio para se conseguir mais poder.⁵⁴ E esse poder demanda o estabelecimento racional de regras estruturais para se impor. Aqui se encontra uma chave para maior compreensão dos conceitos marxianos, adotados por Marcuse. Em *O Capital*, Marx reconhece a necessidade, imposta pelo racionalismo dos métodos capitalistas, de haver uma estrutura hierárquica de comando para administrar os processos industriais da empresa capitalista.

Do mesmo modo que um exército necessita de oficiais militares, uma massa de trabalhadores que coopera sob o comando do mesmo capital necessita de oficiais (dirigentes, gerentes) e suboficiais (capatazes, *foremen*, *overlookers*, *contre-maîtres*) industriais que exerçam o comando durante o processo de trabalho em nome do capital. O trabalho de supervisão torna-se sua função fixa e exclusiva.⁵⁵

Assim ele afirma a necessidade de uma estrutura administrativa, racionalmente ordenada e imposta para cumprir os objetivos da empresa capitalista. Na estrutura capitalista industrial avançada do século 20 e 21, o ‘comando’ transforma-se em ‘administração’, cujo papel é supervisionar o funcionamento da estrutura, visando garantir o máximo de eficiência com o mínimo de custo. Marx diz que, para que isso aconteça, é necessário a instrumentalização das normas e procedimentos operacionais como regras de relações sociais,⁵⁶ por meio das quais se impõe um novo *modus vivendi*, nascido da relação impessoal e fria do processo industrial, mas com alcance e efeitos em

⁵³ Cf. MARX, Karl. *O Capital*. p. 738.

⁵⁴ Cf. HOBBS, Thomas. *Leviatã*, p. 70.

⁵⁵ MARX, Karl. *O Capital*. p. 505. Em itálico e em inglês e francês no original.

⁵⁶ Cf. MARX, Karl. *O Capital*. p. 608-609.

toda a sociedade, por sua racionalidade. Para fazer com que as regras de produção se tornem regras sociais, o capitalismo precisa reprimir a pessoa. E a manifestação dessa repressão principia pelo discurso, com o uso instrumental da linguagem, pois é esta que materializa operacionalmente o “comando” marxiano – a “administração científica” marcuseana.

Marx define os fundamentos da infraestrutura capitalista, demonstrando que ela só pode ser operada através de ‘comandos’ claros, hierarquizados, lógicos e racionais, ou seja, as regras operacionais precisam ser impostas e entendidas por todos. Para isso é necessário que a sua forma, a linguagem, esteja atrelada aos interesses dominantes. Marx cita explicitamente a linguagem de várias formas, como produto social⁵⁷, como forma de comunicação *técnica*⁵⁸ e como forma de comunicação política, para induzir o trabalhador a defender posições que não são as suas⁵⁹. Embora esteja descrevendo as bases da infraestrutura capitalista, ao fazer essas distinções, é possível inferir que ele demonstra que um dos instrumentos repressores do capitalismo é o uso manipulado da linguagem. Tais aspectos da repressão na relação capital-trabalho, descritos por Marx, são explorados por Marcuse. Este aborda as implicações do uso repressor da linguagem na administração dos processos produtivos e no contexto social.

Marcuse evidencia a irracionalidade desse modelo autoritário e repressivo, mostrando que se trata de um paradigma aceito praticamente sem questionamentos: “A linguagem ritual-autoritária espalha-se no mundo contemporâneo, pelos países democráticos e não-democráticos, capitalistas e não-capitalistas.”⁶⁰ E ele detalha:

Contudo, a ritualização autoritária do discurso é mais impressionante quando afeta a própria linguagem dialética. As exigências da industrialização competitiva e a total sujeição do homem ao aparato produtivo aparecem na transformação autoritária da linguagem marxista em estalinista e pós-estalinista. Tais exigências, como interpretadas pela liderança que controla o aparato, definem o que é certo e errado, verdadeiro e falso.⁶¹

⁵⁷ Cf. MARX, Karl. *O Capital*. p. 209.

⁵⁸ Cf. MARX, Karl. *O Capital*. p. 403.

⁵⁹ Cf. MARX, Karl. *O Capital*. p. 444.

⁶⁰ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.121.

⁶¹ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.120.

Por regulamentar os procedimentos operacionais para aumentar a eficiência dos processos produtivos – através do uso de uma linguagem *técnica* – independente da opção ideológica, a ‘administração’ (a estrutura de ‘comando’) torna-se autoritária e ditatorial. Isso é manifesto quando ela bloqueia o intercâmbio entre o passado e o presente, opondo-se a seu desenvolvimento e impedindo a manifestação dialética inerente a esse intercâmbio, restringindo a liberdade da pessoa – o indivíduo, trabalhador. Essa forma de linguagem induz as pessoas a uma espécie de aceitação passiva das contradições, através do que Marcuse chama de “linguagem Orwelliana”, o que permite a manipulação midiática da sociedade⁶². Desse modo, começam a se estratificar as bases repressoras que permitirão aos controladores dos meios de produção manterem o controle social pela restrição à liberdade individual e social.

Essa restrição à liberdade individual é necessária na estrutura repressiva capitalista, pois a expansão do consumo exige máquinas, pessoas e processos cada vez mais eficientes, mas também exige níveis cada vez maiores de restrições à autonomia do ser humano para manter o controle racional sobre toda a estrutura e seu adequado funcionamento. Em *Eros e Civilização*, Marcuse diz:

E a crescente racionalização do poder parece refletir-se na crescente racionalização da repressão. Ao reter os indivíduos como instrumentos de trabalho, forçando-os à renúncia e à labuta, a dominação já não está apenas, ou primordialmente, defendendo privilégios específicos, mas sustentando também a sociedade como um todo, numa escala em contínua expansão.⁶³

Para atingir tal objetivo o capitalismo não pode prescindir do uso racional da *técnica* e da *tecnologia*, visando manter a produção industrial e o seu respectivo controle, pois ambas se integram como elementos que lhe dão sustentação. Segundo W. L. Maar, os mecanismos ideológicos e culturais da sociedade industrial induzem à crença de que “(...)o critério geral dos homens deva ser a eficácia produtiva”⁶⁴, isto é, o uso racional da *técnica* e da *tecnologia* passa a ser o elemento catalizador de um processo repressivo de acultramento doutrinário, em que ‘tempo é dinheiro’ e o papel social do ser humano é produzir – e consumir com desperdício, segundo Marcuse.

⁶² MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 111.

⁶³ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*, p. 92.

⁶⁴ MAAR, W.L. *O que é Política*, p. 94.

Com esse quadro, irracional em seu conjunto, mas logicamente estruturado quando se considera cada um de seus pontos isoladamente, Marcuse evidencia a imposição repressiva de um modelo econômico – com impactos sociais e culturais – que vincula o uso da *técnica* e da *tecnologia* nos processos produtivos não como meios de libertação da alienação do trabalho, mas como instrumentos racionais a serviço da repressão, alienando ainda mais as pessoas e, por conseguinte, a sociedade.

Marcuse afirma que a civilização industrial contemporânea alcançou um estágio em que as definições de “livre sociedade” não cabem mais nos termos tradicionais, em que as liberdades econômica, política e intelectual, por sua importância e relevância sociais, não podem estar confinadas a um molde padronizado e aceito como pronto e acabado – unidimensional. É necessária uma nova abordagem dos modos de realização de tais liberdades, para que se possam manifestar as novas capacidades do ambiente social, considerando tal abordagem a partir de um paradigma negativo. Ou seja, é imprescindível o estabelecimento de uma nova mentalidade que compreenda, por exemplo, que a liberdade econômica representa, de fato, a libertação *da* economia, isto é, o ser humano precisa ter uma autonomia real e tangível que o liberte efetivamente da luta diária pela existência, eliminando assim o controle das forças e relações econômicas sobre a vida da pessoa, pois tais forças e relações apenas perpetuam um modo *obsoleto* de ser.⁶⁵

Da mesma forma, Marcuse considera que a liberdade política é definida pela libertação das pessoas *de* políticas (regras/leis/normas) sobre as quais elas não têm nenhum tipo de participação ou controle, estando simplesmente submetidas a elas independente de sua própria posição, seja ela ideológica ou não. Similarmente, a liberdade intelectual pode ser representada pela abolição da ‘opinião pública’ e de seus autores, fazendo com que cada ser humano possa ter efetiva autonomia sobre seu próprio pensamento. Isso se deve ao fato inegável de que o pensamento coletivo, imposto, institucionalizado e doutrinado pela mídia a serviço do capital, aliena o homem de sua própria reflexão, aceitando e incorporando ideias sem a própria e devida validação intelectual. Essa ruptura com as ‘liberdades convencionais’ exige um novo

⁶⁵ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.43-44.

posicionamento da pessoa, que precisa ser capaz de buscar sua própria realização como ser autônomo – indivíduo.

Marcuse afirma que tal posicionamento, longe de ser utópico, é a constatação do alcance e poderio das forças que controlam e reprimem a sociedade industrial avançada, pois impedem que ele ocorra. O instrumento de controle da sociedade é o uso ideologicamente racional da *tecnologia*, que serve como meio de manipulação da consciência do ser humano, induzindo-o a buscar a satisfação de necessidades materiais e intelectuais que apenas visam manter formas *obsoletas* de garantir a própria sobrevivência, gerando lucro a quem controla os meios de produção. Para se manterem, tais formas de perpetuação do controle sobre a produção e o consumo, visando lucro e poder, usam a mais sofisticada estrutura possível. E tal estrutura é a *administração científica e tecnológica*, tanto dos meios de produção e consumo, como dos meios de dominação psicológica do indivíduo, pela manipulação sistemática de todas as demais estruturas sociais.⁶⁶

E como se dá essa manipulação, orientada por uma *administração científico-tecnológica*?

Para responder a essa questão, Marcuse, apoiado em alguns dos conceitos de Marx, estabelece os critérios pelos quais as pessoas aceitam a manipulação, mesmo sem se dar conta dela. Ele principia afirmando que as características, a intensidade e a satisfação das necessidades humanas – exceto as biológicas – sempre foram objeto de condicionamento e repressão.⁶⁷ Através de uma leitura baseada em sua interpretação dos conceitos de Freud (vide cap. 4 e 5), Marcuse afirma que a possibilidade de agir desta ou daquela forma, aceitando, rejeitando, desfrutando ou destruindo algo que possa ser tomado como uma necessidade, é resultado direto da aceitação desse agir como sendo desejável ou necessário em um dado contexto social. Desse modo, as necessidades humanas, individuais ou coletivas, passam a ser consideradas necessidades históricas, submetidas a um desenvolvimento repressivo do indivíduo em uma determinada sociedade, pois suas próprias necessidades, e consequente autossatisfação, passam a sujeitar-se aos padrões sociais dominantes.

⁶⁶ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.44, 108-110.

⁶⁷ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.44.

Marcuse fundamenta as necessidades individuais a partir de uma crítica submetida a padrões aceitos como ‘corretos’, tanto social como historicamente. Ele afirma que é possível observar um valor de verdade nas necessidades humanas, em que as necessidades ‘falsas’ são aquelas impostas à pessoa por meio de interesses particulares que a reprimem, sendo tais ‘falsas’ necessidades aquelas que mantêm indefinidamente a injustiça, a miséria, a agressividade, o trabalho alienado e o esforço inúteis.⁶⁸ Embora o ser humano nem sempre perceba essa imposição repressiva, ao satisfazer tais necessidades, ele pode, inclusive, sentir uma espécie de felicidade, que Marcuse denomina “euforia na infelicidade”,⁶⁹ ou seja, as pessoas dedicam-se a fazer coisas que, efetiva e realmente elas não precisam, assumindo para si comportamentos de consumo impostos e alienantes. Essas necessidades ‘falsas’ possuem conteúdo e função sociais determinados por poderosos mecanismos de controle externo, subordinados aos interesses do capital, que fazem com que o homem as tenha como suas, integrando-as à sua própria condição de existência. Isso não anula a verdade inicial de que tais necessidades, desde o princípio, são produto de uma sociedade cujos interesses dominantes exigem a repressão manipulativa do ser humano, induzindo-o a consumir e produzir coisas que sequer sabe que não precisa, mas que fazem parte da estrutura social em que ele se insere historicamente.⁷⁰

Marcuse observa, porém, que embora a prevalência de necessidades repressivas seja um fato consumado – “aceito na ignorância e na frustração”⁷¹ – é necessário desfazer tal situação para permitir a felicidade real do ser humano (embora Marcuse comumente use o termo ‘indivíduo’, pois a felicidade real só pode ser direcionada ao ‘indivíduo’, ser concreto). Ele afirma que as únicas necessidades do ser humano que possuem uma pretensão absoluta à satisfação são as necessidades vitais básicas, como alimentação, vestuário e habitação; pois tais necessidades são pré-requisito para a realização de todas as demais necessidades, tanto aquelas sublimadas como as não-sUBLIMADAS. Aqui, Marcuse determina seu posicionamento de que o conceito de felicidade

⁶⁸ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.45.

⁶⁹ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.44.

⁷⁰ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.45.

⁷¹ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.44.

pressupõe um ambiente social que permita isso, já que o indivíduo só é verdadeiramente feliz quando é socialmente feliz, num dado contexto histórico.

Simultaneamente, o filósofo questiona a objetividade histórica dos valores de verdade ou falsidade quanto à satisfação das necessidades, pois essa avaliação depende da aceitação, ou não, de um dado interesse social predominante como lei determinante do pensamento e do comportamento. Ele diz que a prioridade das necessidades é que determinará o que é ‘verdadeiro’ ou ‘falso’, posto que as condições objetivas individuais terão que ter uma aplicação universal, o que exige o julgamento citado, pois, se as prioridades são individuais, os critérios de prioridade terão que ser universais.⁷² Desse modo, é possível identificar que todo o contexto social de superposição de necessidades, como objeto de manipulação a favor dos interesses dominantes, seja para obter lucro ou poder, ou ambos, exige uma estrutura que permita o exercício desse domínio – e essa estrutura é a *administração*. E quanto mais racional, *científica*, produtiva e *técnica* for essa administração da sociedade, mais totalitária e repressiva ela poderá ser. E quanto mais avançados tecnicamente forem os meios de produção, distribuição, comunicação, consumo e informação, mais *tecnológica* será essa administração, impondo um critério irracional ao contexto social.

Por mais paradoxal que pareça tal afirmação de Marcuse, é fácil encontrar o fundamento dela, pois a libertação do ser humano depende da consciência que ele tem da própria servidão e essa tomada de consciência é impedida pela prevalência de satisfação de necessidades que lhe são impostas repressivamente, e, de tal forma, que ele as incorpora sem identificar que elas não são suas, mas impostas. Nessa situação, o ser humano só se liberta da repressão da administração tecnológica se conseguir abandonar a busca pela satisfação repressiva das necessidades impostas, isto é, se conseguir superar a própria alienação – o que Marcuse afirma ser possível apenas por meio da negação e da resistência ao modelo racional que reduz o homem a uma única dimensão: instrumento do capitalismo.

E como, então, funciona a *administração científico-tecnológica*?

⁷² MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.45.

Marcuse afirma que no capitalismo avançado os conceitos da racionalidade *técnica* integram o aparato produtivo – em que pese sua irracionalidade do ponto de vista social, conforme acima descrito. Ele acrescenta que o *modus operandi*, isto é, a maneira de trabalhar do aparato produtivo é adaptada repressivamente ao processo mecanizado de produção, por meio de uma organização administrada com a mesma racionalidade, no que ele chama de “gerência científica”.⁷³ Trata-se da aplicação da metodologia operacional de controle dos meios de produção aos meios de administração e gerenciamento de todo o processo produtivo, transformando a administração em parte da produção, numa espécie de círculo virtuoso para o capital, mas vicioso para o ser humano e para a sociedade, pois à medida que sua eficiência aumenta, o lucro também aumenta. Porém, a alienação repressiva das pessoas também aumenta.

Esse modelo administrativo é construído visando obter o máximo desempenho possível das pessoas e das máquinas, pois estas são organizadas em estruturas cada vez mais interdependentes e automatizadas, e aquelas como acessórios que as operam mediante procedimentos científicamente determinados. Com isso o ser humano é submetido a um regime de trabalho imbecilizante e desumano, num ritmo cada vez mais acelerado devido ao aumento do volume de produção e dos meios de controle sobre os ciclos produtivos, pelo uso dos recursos tecnológicos aplicados racionalmente em toda a estrutura produtiva. Marcuse observa que a redução do esforço físico nas atividades laborais aumentou o esforço mental despendido na execução de tarefas cada vez mais automatizadas. Isso produziu uma espécie de escravidão mental em que o trabalhador, incorporado como parte da máquina e do processo produtivo, tem sua autonomia negada, de forma quase imperceptível. E ele tem não só sua capacidade produtiva administrada científica e tecnologicamente, mas seu viver como indivíduo passa a ser subordinado aos ritmos da máquina e aos interesses dominantes, conforme acima descrito. Esse ritmo de trabalho produz um torpor no trabalhador, que passa a regular seus ciclos vitais, sociais e econômicos, a partir dos ritmos da máquina em que ele está inserido, pois todo o conjunto social é administrado como um processo industrial repetitivo e alienante.

⁷³ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.58.

O homem, ser humano (neste caso, o *indivíduo*) torna-se apenas um átomo integrando um universo tecnológico, em que a sua privacidade e liberdade individuais são assimiladas num contexto histórico e social sobre o qual ele não tem o menor controle. Porém, para manter a estrutura funcionando de forma lógica e racional – apesar da irracionalidade de um modelo produtivo em que o homem é apenas parte da estrutura e não o seu objetivo final – me parece ser possível propor que a estratificação operacional estabelece uma espécie de categoria social a partir das hierarquias profissionais. Ao operário, personagem principal na teoria marxiana, é acrescido o executivo – executante direto do processo administrativo, que por sua vez é também apenas mais um componente da engrenagem que visa expandir a produção e o consumo a escalas cada vez maiores para ampliar o lucro e o controle social.⁷⁴ Essa distinção hierárquica tem reflexos econômicos e sociais que serão abordados mais adiante.

Marcuse constrói sua crítica ao capitalismo da sociedade industrial avançada afirmando que as mudanças tecnológicas colocam em jogo mais do que um sistema orientado para a busca do lucro, pois tais mudanças podem provocar a incompatibilidade do progresso técnico com as instituições que permitiram o desenvolvimento do industrialismo avançado. Tal incompatibilidade desembocará em mudanças na natureza do trabalho pela mudança na consciência do trabalhador, que, ao integrar-se social e culturalmente ao processo industrial, permite a elaboração de novos paradigmas de relação social e econômica. Porém, com a integração do trabalhador menos qualificado ao ambiente produtivo, fica estabelecida uma relação mútua de dependência entre as diferentes categorias hierárquicas – sociais, nesse novo ambiente. Relação na qual o executivo sabe que depende do operário para gerar a produção, tanto quanto este sabe que depende do executivo para manter a estrutura ‘bem administrada’. A *tecnologia* é usada para mensurar o ritmo e o volume da produção, registrando e reprimindo comportamentos não desejáveis, com vistas a maximizar lucro, reduzir custos e aumentar o controle sobre o processo produtivo.⁷⁵

Esse modelo é replicado de forma constante, sutil e altamente eficiente, em todas as áreas do agir humano, seja em escolas, fábricas, hospitais, serviços públicos,

⁷⁴ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.59-61.

⁷⁵ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.63.

ou quaisquer organizações socialmente estruturadas, em que, sublimando as demandas individuais, o processo de atendimento das demandas coletivas e sociais possa ser controlado e hierarquizado ‘produtivamente’, de modo a ser mensurado. Com isso a racionalidade da *administração científico-tecnológica* impõe-se como elemento repressor da estrutura social, cujo objetivo é a manutenção de estruturas de poder e controle, a serviço do capital nas sociedades industriais avançadas.

Cabe destacar que o conceito de produtividade é determinante na construção de uma hierarquia social, que é aceita pelo trabalhador como parte da estrutura que o aliena cada vez mais à medida que sua força de trabalho se torna instrumento dessa estrutura. Por isso Marcuse afirma que a irracionalidade do processo repousa exatamente em sua frieza lógica, cientificamente administrada, economicamente justificável, mas socialmente injusta e alienante.⁷⁶ É possível inferir que, nas sociedades capitalistas, o primeiro e primordial instrumento de trabalho é o corpo humano, conforme Marx afirma. A concepção social decorrente desse conceito é o ângulo de perspectiva pelo qual Marcuse constrói sua crítica à ideologia das sociedades capitalistas avançadas. O ser humano, homem, operário, trabalhador, torna-se um escravo, pois seu corpo é instrumentalizado, sua existência é reificada e suas necessidades e vontades passam a ser determinadas não por si, mas pelos interesses do capital.

As máquinas que automatizam a produção não exigem mais que um ‘acessório’ para as acionar inicialmente e tal ‘acessório’ trabalha para manter o suprimento de matéria-prima em níveis constantes, evitando a parada da máquina e zelando por sua manutenção. Essa lógica racionalmente eficiente, que visa apenas manter os custos industriais sob controle e a produtividade em alta para aumentar os lucros, é um dos argumentos que Marcuse adota para demonstrar a irracionalidade do processo capitalista, pois o trabalhador torna-se dispensável, por sua exclusão da relação dialética no trabalho, necessária ao desenvolvimento social e impedindo-o de exercer sua liberdade individual, histórica e material.

Toda a racionalidade científica do processo de controle dos meios de produção pelo capital está alicerçada no uso instrumental da *técnica* e da *tecnologia*.

⁷⁶ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.125-127.

Porém, estas demandam pessoas, indivíduos preparados acadêmica, cultural e intelectualmente para concebê-las, estruturá-las e usá-las conforme os interesses dominantes, histórico, social e economicamente. Tais indivíduos precisam ser capacitados para essas tarefas, daí que a formação cultural e educacional deles também passa a ser objeto de controle e repressão. Para “uma sociedade que precisa racionar e controlar a felicidade” só há uma maneira de manter o controle dos indivíduos: induzi-los a pensar que são livres, quando na verdade estão sendo controlados, pois na sociedade burguesa dividida em classes, eles só conhecem a servidão e a exploração.⁷⁷

Marcuse mantém o trabalho e suas relações com o capital como a referência que estrutura as relações sociais, observando, porém, que há “homens que já não precisam ganhar seu pão com o trabalho alienado”⁷⁸. Essa situação é o resultado de uma mudança social necessária e vital, pois resulta na libertação da cultura estabelecida. Essa libertação é manifesta pela reconstituição da dimensão cultural perdida, que é (ou era, segundo ele), a dimensão espiritual da autonomia. Essa dimensão da autonomia também é limitada pelo modelo educacional vigente, cujos mecanismos operam adaptando e limitando a transformação da sociedade industrial em sociedade tecnológica, sob a administração total do capital e de suas necessidades. Um exemplo é a imposição de padrões de comportamentos nas escolas, automatizando a transmissão de conteúdos e a avaliação dos alunos, preparando-os para se integrarem às rotinas alienantes dos processos industriais automatizados.

A ruptura desse modelo – através da programação da *obsolescência* de seus conteúdos e da administração de como eles serão transmitidos – que objetiva manter um padrão cultural, social e economicamente repressivo, exige a transcendência de uma passividade imposta pelo aparato político e econômico, que só pode ocorrer por meio de alternativas qualitativas, que exigem a transformação do homem enquanto objeto de administração.⁷⁹ O substrato dessa administração científica do homem exige um modelo de repressão que usa os conceitos freudianos como instrumentos de uma racionalidade

⁷⁷ MARCUSE, Herbert. Sobre o Caráter afirmativo da Cultura, p. 45-46. Essa posição de Marcuse é explicitada em seu texto de 1937, “Sobre o Caráter Afirmativo da Cultura”, cujo uso neste trabalho não pretende ser uma leitura estrutural da proposta filosófica marcuseana, mas sim evidenciar a coerência interna de sua argumentação ao longo de sua obra, com vistas aos objetivos aqui propostos.

⁷⁸ MARCUSE, Herbert. Comentários para uma Redefinição da Cultura, p.94.

⁷⁹ MARCUSE, Herbert. Comentários para uma redefinição da Cultura, p. 94-96.

que impõe métodos e instrumentos de produtividade em escalas jamais vistas anteriormente. O resultado dessa administração é a dominação em sua forma pura, que visa a reificação do ser humano por meio da racionalidade tecnológica, cujo efeito é uma unificação ilusória, isto é, apenas estratégia para limitar a distribuição da riqueza.⁸⁰

Marx determina claramente as formas em que a reificação do homem é estabelecida, porém em momento algum da história do capitalismo essa reificação foi tão evidente e documentada como atualmente. Mas, historicamente, essa condição foi assumida e descrita em detalhes por aquele que é considerado o ‘pai da produção em série’, um dos responsáveis por fazer da *automação* industrial uma realidade. Em sua biografia, Henry Ford descreve como o ser humano pode ser visto e tratado apenas como um ‘acessório’ da máquina, um apêndice na linha de montagem, um utensílio da produção em massa:

Os trabalhos mais fáceis foram por sua vez classificados, a fim de verificarmos quais exigiam o uso completo das faculdades; comprovou-se que 670 podiam ser feitos por homens privados das duas pernas; 2.637 por homens de uma só perna; em 2 prescindiam-se os dois braços; em 715 casos de um braço, e em 10 casos a operação podia ser feita por cegos. Das 7.882 espécies de trabalho, portanto, embora algumas exigissem força corporal, 4.034 não exigiam o uso completo das faculdades físicas. Isto quer dizer que a indústria aperfeiçoada pode proporcionar trabalho, normalmente remunerado, a grande número de criaturas de validez abaixo da média.⁸¹

Essa descrição quantitativa dos trabalhos industriais, segundo Ford, foi feita para demonstrar que mesmo os inválidos e portadores de limitações físicas têm utilidade no processo industrial automatizado. Mas é inegável que os termos usados por ele demonstram que, como num catálogo de componentes, o ser humano é tratado como mera ‘criatura’, peça de uma engrenagem a serviço da *automação* industrial, parte de uma máquina construída para atender aos interesses do capitalismo. Este trecho da biografia de Henry Ford, publicada no Brasil em 1925, define o posicionamento do capitalismo industrial avançado em relação ao homem. Considerando que o texto foi publicado na época em que Marcuse iniciava seu trabalho filosófico, é relevante constatar que, através da administração científica a reificação do homem – o trabalhador – era (e é) realidade,

⁸⁰ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.239-240.

⁸¹ FORD, Henry. *Minha Vida e Minha Obra*, p. 83.

um fato histórico concreto e não uma hipótese, um constructo teórico que se materializou. E que esse fato continua sendo realidade no século 21.

Tal reificação é manifesta, concretamente, na repressão social, racionalmente administrada pelo capital, usando recursos técnicos e tecnológicos desenvolvidos a partir do uso direcionado de mecanismos psicológicos repressivos demonstrados por Freud, como se verá adiante.

4 – FREUD E MARX – UM DIÁLOGO MEDIADO POR MARCUSE

(Os aspectos psicológicos dos mecanismos de repressão social)

Posto que está demonstrado como a reificação se instala na sociedade através dos processos industriais, é preciso demonstrar como a repressão se instala no ser humano, homem, pessoa – no indivíduo – como se reproduz nessa mesma sociedade e como o capital a utiliza para atender seus próprios interesses. É necessário detalhar sua estrutura psicológica e seu mecanismo lógico e racional. Porém, deve-se considerar que o substrato histórico, econômico e social em que tais circunstâncias se apresentam está estabelecido pelas proposições de Weber e Marx, mas interpretadas por Marcuse a partir de sua leitura de Freud.

Inicialmente há que se identificar como os processos repressivos psicológicos são inseridos no indivíduo, determinando assim os parâmetros lógicos através dos quais a repressão torna-se parte da psique humana e pode ser usada pelo capital. Para tal busco em Freud esses parâmetros, pois ele afirma que:

As relações do indivíduo com seus pais e irmãos, com o objeto de seu amor, com seu professor e seu médico, isto é, todas as relações que até agora foram objeto privilegiado da pesquisa psicanalítica, podem reivindicar ser apreciadas como fenômenos sociais, colocando-se em oposição a outros processos, que denominamos *narcísicos*, nos quais a satisfação dos instintos escapa à influência de outras pessoas ou a elas renuncia.⁸²

Essa afirmação de Freud define o perfil de abordagens que buscam estabelecer os vínculos entre comportamentos sociais e condições psicológicas objetivas sob as quais o indivíduo vive. Para Marcuse essas condições objetivas estão diretamente ligadas ao ambiente cultural – ou estrutura civilizatória – em que vive o indivíduo, pois elas vão, por um lado, formá-lo em suas características pessoais, e, por outro, construir o modelo de coesão e coerção social que atua diretamente nele, perpetuando-se pela repetição inconsciente e abrindo espaço para o capital manipular

⁸² FREUD, Sigmund. Obras Completas, vol. 15, *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* (1920-1923), p. 14 – itálico no original.

ideologicamente a sociedade, com seus recursos midiáticos subordinados à manutenção do *status quo* capitalista. Marcuse assume claramente essa abordagem freudiana, ao observar nas páginas iniciais de *Eros e Civilização* que, nessa obra, ele usa o termo ‘Civilização’ com o mesmo sentido de ‘Cultura’.

Faço uma breve pausa para uma observação histórica, que contextualiza algumas referências psicanalíticas marcuseanas. Dentre as obras de Marcuse cujo conteúdo se conecta explicitamente ao pensamento freudiano, *Eros e Civilização* e *O Homem Unidimensional*, são as mais importantes. Elas usam as bases teóricas propostas por Freud, em “Totem e Tabu”, de 1913, “O Futuro de uma Ilusão”, de 1927, e “O Mal-Estar na Civilização”. Este último livro foi escrito em 1929 e publicado em 1930, em meio a uma das mais profundas crises econômicas do capitalismo moderno, que contribuiu para a ascensão política do fascismo e do nazismo. Nesse texto, Freud expõe as raízes antropológicas e sociais dos conflitos políticos, e apresenta clara e objetivamente sua abordagem da cultura, o substrato no qual a sexualidade individual luta com a repressão civilizatória. A tensão resultante desse conflito será explorada pelo capital, direcionando a energia de Eros para o trabalho e alienando racionalmente o ser humano, pois com seu trabalho, mais que produtos, ele produz a própria infelicidade. Esta breve descrição tem por objetivo demonstrar que as conexões entre Freud e Marcuse extrapolam os horizontes filosóficos teóricos, já que ambos foram quase contemporâneos. Apesar de Freud não ter acompanhado, como Marcuse, todas as atrocidades do fascismo e do nazismo, ambos, ao compartilharem um mesmo momento histórico, identificaram circunstâncias e analisaram acontecimentos e conceitos que, certamente, tiveram efeitos na sua produção intelectual.

Retomando a abordagem que explica os mecanismos de repressão, Freud afirma que a angústia traz consigo a repressão, pois a primeira representa os conflitos entre as estruturas psicológicas que compõem a personalidade do indivíduo, sendo a mais primitiva dessas angústias o medo da castração, nos meninos, e a perda do amor, nas meninas, ao sentirem a falta da mãe. Essa angústia nasce da sensação de insegurança de que as necessidades da criança não sejam atendidas, e essa insegurança produz uma dolorosa tensão, que remete à separação da mãe, no processo de crescimento biológico e individuação.

De acordo com as proposições freudianas, existem vários tipos de angústia, todos eles diretamente relacionados à elaboração racional do Eu. Segundo Freud, é possível estabelecer uma positiva correspondência das manifestações da angústia, visto “os três principais tipos de angústia, a realista, a neurótica e a de consciência, poderem ser facilmente relacionados às três dependências do Eu, a do mundo externo, do Id e do Super-eu.” Eles projetam a possibilidade de estudar tais relações, estabelecendo entre elas princípios lógicos que permitam seu uso conforme os interesses manipuladores e repressivos dos controladores dos meios de produção⁸³.

Essa condição humana de angústia e insegurança determina a proposição freudiana, usada por Marcuse, de que há uma transformação no sistema dominante de valores, pela qual o indivíduo passa a operar o *princípio de realidade* em lugar do *princípio de prazer*, pois a satisfação imediata do instinto (pulsão) prazeroso passa a ser adiada em nome de uma sensação de segurança. Simultaneamente, há uma permuta racionalmente dirigida, em que o prazer satisfeito é substituído pela restrição do prazer, o júbilo lúdico se transforma em esforço de trabalho e a receptividade (característica passiva da relação mãe/filho) é substituída pela produtividade (aspecto do trabalho como imposição da autoridade paterna).⁸⁴ Sinteticamente, estas são condições básicas que permitem o estabelecimento de mecanismos repressivos no interior do indivíduo, acontecendo inicialmente no ambiente familiar e, na sequência, em toda a estrutura social e cultural.

A angústia (ou medo, ansiedade, conforme a tradução adotada da palavra alemã *Angst* usada por Freud) determina, negativamente, a raiz primal das relações do indivíduo consigo mesmo, pois o medo da perda e a insegurança decorrente dessa condição, geram um contexto alienatório que, para permitir lidar com tal sentimento, exigem a inibição do desfrute do prazer. Esse mecanismo psicológico descrito por Freud estabelece o funcionamento do princípio de realidade que, aos poucos, vai construindo na mente humana uma identidade, um Eu, que organiza e estrutura racionalmente a relação individual com a relação coletiva.⁸⁵ E é na relação

⁸³ FREUD, Sigmund. Obras Completas, vol. 18, *O Mal-estar na civilização, Novas Conferências introdutórias e outros textos* (1930-1936), p. 165.

⁸⁴ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*, p. 33-34.

⁸⁵ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*, p. 34.

coletiva, nas relações sociais de quaisquer naturezas, que se estabelecem os fundamentos objetivos da cultura – civilização, conforme a leitura marcuseana – pois serão estes que darão à sociedade a forma histórica determinada da universalidade e validade da própria cultura.

Os comentadores da obra de Freud, apesar de divergências em vários aspectos, concordam que estes são os pontos gerais que estabelecem as bases psicológicas da repressão como instrumento de construção do processo civilizatório. Northoff apresenta uma oportuna interpretação dos conceitos freudianos:

Começa com observações de conteúdos mentais, como o desejo sexual, e atribui-lhes um significado específico, na medida em que eles supõem expressar algo específico sobre a pessoa. O próximo passo é o crucial, pois Freud infere do conteúdo mental e sua relevância pessoal uma função psicológica específica, ou seja, a repressão. Aqui ele assume que o conteúdo mental e seu significado específico são possíveis apenas com base na função psicológica específica da repressão. Pode-se, portanto, querer referir-se a uma ‘abordagem baseada em funções’ em Freud.⁸⁶

Essa ‘abordagem baseada em funções’ permite inferir que a repressão pode ser usada instrumentalmente, conforme um determinado objetivo social, interesse econômico ou perspectiva cultural. Quando o ambiente cultural e os objetivos sociais são controlados pelo interesse econômico, fica estabelecida uma subordinação que será usada exclusivamente para a manutenção de um *status quo* que atenda apenas os interesses econômicos. As funções sociais, definidas pela psicanálise freudiana, estabelecem conceitos lógicos, operacionais e reproduzíveis, que podem ser (e são) usados ideologicamente para fins específicos, através da propaganda e da doutrinação midiática subliminar intensiva.

Goebbels, ministro da propaganda do governo nazista, usou com maestria esses conceitos, impondo à sociedade alemã um conjunto de ‘verdades’ que geraram o apoio popular necessário à sustentação daquele regime. Tal modelo de

⁸⁶*He starts with observations of mental contents, such as sexual desire, and attributes a specific meaning to them in that they are supposed to express something specific about the person him- or herself. The next step is the crucial one, as Freud infers from the mental content and its personal relevance a specific psychological function, namely repression. Here he assumes that the mental content and its specific meaning are possible only on the basis of the specific psychological function of repression. One may therefore want to refer to a “function-based approach” in Freud.* NORTHOFF, Georg. *Neuropsychoanalysis in Practice - Brain, Self, and Objects*, p.4. Tradução minha.

controle foi amplamente usado na Alemanha nazista e descrito pelo filósofo em “Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna”:

Na Alemanha nacional-socialista o reino do terror é sustentado não apenas pela força bruta, que é estranha à tecnologia, mas também pela manipulação engenhosa do poder inerente à *tecnologia*: a intensificação do trabalho, a *propaganda*, o treinamento de jovens e operários, a organização da burocracia governamental, industrial e partidária – que juntos constituem os *implementos diários* do terror – seguem as diretrizes da maior eficiência tecnológica.⁸⁷

Essa afirmação de Marcuse traz à luz alguns dos efeitos do uso racional da *tecnologia* a serviço de um regime totalitário. Pois, ao dizer que as ações repressivas não-agressivas, alheias à *tecnologia*, “constituem os implementos diários do terror”, ele afirma que essas ações passam a integrar a rotina do indivíduo, se incorporam à administração pública e à organização social do trabalho.

Mas, o que seriam esses “implementos diários” e como eles se inserem na rotina social?

Marcuse usa um exemplo, aparentemente banal, para explicar como esse fenômeno acontece. Ele descreve como uma pessoa escolhe seu roteiro para uma viagem de carro, usando um guia de estradas, e nas estradas existem placas e sinalizações indicando cada ponto, direcionando a trajetória da pessoa até seu objetivo. O resultado obtido depende da obediência à sinalização descrita, e Marcuse diz que “aquele que seguir as instruções será mais bem-sucedido”, e que esse procedimento não é apenas racional, mas perfeitamente razoável, pois demonstra o poder de uma ‘sabedoria anônima’, disposta em uma estrutura funcional e que atende às necessidades do indivíduo – especialmente aquelas impostas repressivamente.

Essa condição demonstra que pode não haver saída do “aparato que mecanizou e padronizou o mundo”, e que, ao aprender a usar a máquina, o indivíduo também aprende a obedecer às instruções, pois essa obediência ao aparato é garantia de sucesso. Porém, isso custa ao indivíduo a sua autonomia, seu direito de exercitar o próprio arbítrio e consciência. Com isso, os controladores do poder – à época o Partido Nazista, na Alemanha, e hoje, no mundo, os controladores do capital e dos meios de produção e comunicação – conseguem transformar os impulsos e instintos do

⁸⁷ MARCUSE, Herbert. Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna, p.74. Itálico meu.

indivíduo em meios de sustentação do aparato econômico, ideológico e político. Pois fazem com que os indivíduos identifiquem suas crenças e valores com a estrutura administrativa tecnicamente organizada, social, política e economicamente, submetendo-se voluntariamente a ela. Isso acontece porque inicialmente o indivíduo, e, em escala industrial, o povo, foram treinados – reprimidos – para isso.⁸⁸

Mas, por que as pessoas, o povo, os indivíduos não percebem isso?
Por que não reagem?

A resposta é dada por Freud, conforme a descrição abaixo, detalhando os mecanismos psicológicos que são usados ideológica e racionalmente pelos controladores das decisões políticas e econômicas. Num primeiro momento, o indivíduo ‘ignora’ o que acontece porque os conteúdos psicológicos específicos foram suprimidos pela repressão, e, na sequência, incorpora, internaliza o que está sendo imposto pela mídia, propaganda e demais meios de comunicação de massa a serviço do capital. Essa interpretação é possível, conforme a afirmação de Georg Northoff, em sua leitura de Freud: “Tal contexto psicológico pode, por exemplo, ser mais evidente quando Freud caracteriza o mecanismo de defesa da repressão por supressão de conteúdos psicológicos específicos.”⁸⁹

Este é um aspecto essencial do processo de repressão, pois o indivíduo busca se defender do que o angustia (ou provoca medo, ansiedade) através da supressão de sentimentos, pensamentos, reações e quaisquer circunstâncias que o façam lembrar daquilo. Assim, a angústia ou medo são afastados da consciência e ficam em latência, num processo inconsciente, que, entretanto, permanece na psique do indivíduo, provocando distúrbios em maior ou menor grau, conforme a intensidade da sensação de angústia e o nível de repressão exigido para mantê-la nesse estado.

Segundo Freud, esse mecanismo principia na infância, no processo de desenvolvimento do indivíduo, com efeitos na construção da sua psique. Considerando que é possível direcionar a forma pela qual se educa uma criança,

⁸⁸ Cf. MARCUSE, Herbert. Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna, p.79-81.

⁸⁹ *Such a psychological context may, for example, be most apparent when Freud characterizes the defense mechanism of repression by suppression of specific psychological contents.* NORTHOFF, Georg, *Neuropsychoanalysis in Practice - Brain, Self, and Objects*, p. 129 - Tradução minha.

mediante doutrinação ideológica por métodos de propaganda sutis, científica e racionalmente estruturados e intensamente manipulados, é lógico e razoável considerar que os meios para a execução desse objetivo estão disponíveis para usos que atendam os interesses dos controladores das estruturas sociais, políticas e econômicas.

Porém, como tais processos psicológicos funcionam? Qual a sua dinâmica? Marcuse observa que os processos de controle social foram impostos de tal forma aos indivíduos que até sua capacidade de protestar se reduz. Ele diz que:

(...)talvez o termo “introjeção” não descreva mais a forma pela qual o indivíduo por si mesmo reproduz e perpetua os controles externos exercidos pela sociedade. Introjeção sugere uma variedade de processos relativamente espontâneos pela qual um Eu (Ego) transpõe o “exterior” para o “interior”. Assim, a introjeção implica a existência de uma dimensão interior distinta das exigências externas e mesmo contrária a elas – uma consciência individual e um inconsciente individual *independentes* da opinião e do comportamento públicos. A ideia de “liberdade interior” tem aqui sua realidade: ela designa o espaço privado no qual o homem se torna e permanece ‘ele mesmo’.⁹⁰

Marcuse afirma que esse é um processo que ocorre num espaço privado (o interior do indivíduo) que foi invadido e reduzido pela realidade tecnológica industrial. Por suas características mecânicas, esse processo absorve o indivíduo por inteiro. Como resultado não ocorre um ajustamento, o que seria lógico (e talvez racional); mas sim uma *mimese*, em que o indivíduo toma para si os padrões, hábitos e comportamentos do ambiente em que se insere, para manter-se vivo. Observando-se que ‘manter-se vivo’, neste caso, inclui aceitar e imitar os padrões sociais impostos repressivamente. A *mimese*, a imitação, passa a ser pré-condição de sobrevivência.

Aqui cabe estabelecer a conexão entre os conceitos definidos por Freud e a interpretação dada por Marcuse. Posto que Freud afirma que a formação da pessoa (o indivíduo) é um processo social de repressão, imposto pela educação familiar, escolar e social, o filósofo usa essa afirmação em seus argumentos. Ao considerar essa proposição, Marcuse demonstra que o ser humano se submete a essa condição porque sua capacidade de pensar criticamente é reduzida, como resultante da submissão da Razão aos fatos da vida, porque “...a eficiência do sistema enfraquece a capacidade do indivíduo reconhecer que esse sistema só contém fatos que expressam

⁹⁰ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.48.

o poder repressivo do todo.”⁹¹ Marcuse afirma que isso acontece porque as pessoas aceitam tais coisas como “uma lei de sua sociedade”, sendo tal aceitação oriunda da *mimese* – imitação imposta repressivamente. Assim, constroi-se uma argumentação, síntese filosófica clara, objetiva e bem utilizada por Marcuse na demonstração de seus conceitos, considerando as proposições freudianas que estabelecem os fundamentos da Psicanálise como ciência.

Marcuse descreve os possíveis usos desses conceitos a serviço da sociedade, para liberá-la da alienação através do surgimento de uma nova consciência social, ou a serviço dos interesses capitalistas ideologicamente manipulados para reprimir-la e direcionar as ações sociais para atender os objetivos do *Establishment* na sociedade industrial avançada.

Conforme é possível inferir das afirmações de Freud,⁹² o processo civilizatório é repressivo, ou seja, civilizar é reprimir. Essa conceituação implica aceitar que, sendo o processo civilizatório um processo político, o ato repressivo é também um ato político, com consequências socais e econômicas planejadas prévia e racionalmente. Essa repressão ocorre por indução e imposição à *mimese*/imitação, inicialmente, sendo depois incorporada aos interesses ideológicos, que usam os processos psicanalíticos como instrumento de coerção. Como os atos políticos tornam-se, também, atos econômicos à medida que a sociedade se estratifica e se hierarquiza, a repressão passa a ter também um caráter simbólico, pois se manifesta como tradição cultural, religiosa, e como ato social de transmissão dos conhecimentos.

A argumentação marcuseana também encontra outros fundamentos conceituais nas proposições de Freud. Segundo este, para que o homem – indivíduo – possa lidar com os dados do mundo exterior, é necessário que ele saiba distinguir de um lado a sua própria existência autônoma, e de outro a sua relação com os objetos e outros indivíduos que fazem parte do ambiente em que está inserido⁹³. Conforme o

⁹¹ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.49.

⁹² FREUD, Sigmund. Obras Completas, vol. 18, *O Mal-estar na civilização, Novas Conferências introdutórias e outros textos* (1930-1936), p. 187-188.

⁹³Cf. FREUD, Sigmund. Obras Completas, vol. 15, *Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos* (1920-1923).

grau de autoconsciência individual, a internalização dos objetos se fará de forma mais ou menos madura, com efeitos diretos sobre os comportamentos e ações do indivíduo.

Segundo a descrição de Georg Northoff, esse processo psicológico tem diversos níveis: “O primeiro e mais imaturo mecanismo de internalização é a ‘incorporação’. Aqui os objetos são completamente integrados ao Eu tornando-se parte dele, o que significa que a distinção entre Eu e objeto é confusa, com a última sendo transformada em parte do Eu e assim o próprio Eu.”⁹⁴ Isso normalmente ocorre na infância, período da vida em que os processos mentais individuais, que vão delinear os comportamentos sociais futuros, estão sendo elaborados; e os valores culturais, religiosos e sociais começam a ser implantados na consciência da pessoa – o indivíduo, através da mimese, como anteriormente demonstrado.

Coercitivamente ou não, intencionalmente ou não, os mecanismos repressivos são instalados na psique de cada indivíduo, com resultados coletivos que, futuramente, vão determinar os comportamentos da sociedade. Mas esse mecanismo de inserção de conceitos e valores não se limita à ‘incorporação’, ele se adapta às condições psicológicas de cada indivíduo, de acordo com o grau de maturidade emocional e sua relação com o ambiente social, conforme descreve Northoff:

O segundo e mais maduro mecanismo de internalização é a introjeção. Isso descreve a internalização de um objeto que é levado do exterior do mundo para o interior do Eu. Entretanto, ao contrário da incorporação, o objeto permanece distinto do Eu, pressupondo assim algum grau de diferenciação entre o Eu e o objeto, embora este permaneça confuso. Devido a essa integração parcial do objeto no interior do Eu, o objeto introjetado é alta e pessoalmente carregado de afetos e ambivaléncia (...)⁹⁵

É crucial observar que neste caso há uma distinta separação entre o Eu e o objeto externo, embora o objeto, em si mesmo, por tal distinção, nem sempre

⁹⁴ *The first and most immature mechanism of internalization is “incorporation.” Here objects are completely integrated into the self by becoming part of it, which means that the distinction between self and object is blurred, with the latter being transformed into part of the self and thus the self itself.* NORTHOFF, Georg. *Neuropsychoanalysis in Practice - Brain, Self, and Objects*, Oxford University Press, NY, 2011, p. 135-136 – Tradução minha.

⁹⁵ *The second and more mature mechanism of internalization is introjection. This describes the internalization of an object that is taken from the outside of the world to the inside of the self. However, in contrast to incorporation, the object remains distinct from the self, thus presupposing some degree of differentiation between self and object, although this remains blurred. Due to such partial integration of the object into the self, the introjected object is highly personally loaded with affects and ambivalence(...).* NORTHOFF, Georg. *Neuropsychoanalysis in Practice - Brain, Self, and Objects*. Oxford University Press, NY, 2011, p. 135-136 – Tradução minha.

seja claro e evidente. Portanto, existe alguma forma de consciência de uma relação, mesmo que ambivalente, entre o indivíduo e o objeto externo a si. Essa relação possui forte carga emocional, que, sob determinadas condições, pode permitir a manipulação do indivíduo por sua interação nem sempre racional com o objeto da relação, dada a carga de afetos envolvidos nela. Essa característica costuma ser utilizada pela mídia e propaganda para induzir ao consumo, através da manipulação dessas relações de afeto, usando uma linguagem – imagens/símbolos – que promova alguma identificação com o objeto que está sendo divulgado.

E, conforme Northoff, o terceiro e mais maduro mecanismo é a identificação, cuja principal característica é sua relação ambivalente, em que o indivíduo consegue estabelecer um distanciamento racional e equilibrado entre o que sente, o que pensa e eventuais possíveis conflitos com os objetos do ambiente social:

A tolerância da ambivalência e do conflito é muito maior na terceira forma de internalização, a saber, a identificação, que descreve uma relação boa e estável do Eu com os objetos. O objeto está especificamente relacionado com o Eu, enquanto sua existência e realidade são reconhecidas como distintas do Eu e muito mais toleradas quando comparadas com a introjeção.⁹⁶

Como há uma relação específica entre os objetos e o indivíduo, essa descrição do princípio de internalização dos objetos destaca as possibilidades de manipulação e indução de conceitos ideologicamente construídos, subordinados a interesses organizados racionalmente, como na estrutura de poder dos controladores das estruturas sociais e políticas, da mídia e do capital e meios de produção. Freud evidencia, nos argumentos acima, alguns dos aspectos interiores da estrutura psicológica humana, que elaboram a personalidade e o caráter, envoltos pela carga emocional acumulada ao longo da vida de cada indivíduo e suas consequentes relações, que permitem a construção única de cada pessoa, a psique, porém com mecanismos comuns em cada cultura/civilização. E tais mecanismos comuns podem (e são) usados para impor a repressão a serviço dos interesses dominantes.

⁹⁶ *The tolerance of ambivalence and conflict is much higher in the third form of internalization, namely identification, which describes a good and stable relationship of the self to the objects. The object is specifically related to the self, while its existence and reality as distinct from the self are acknowledged and much better tolerated when compared with introjection.* NORTHOFF, Georg. *Neuropsychoanalysis in Practice - Brain, Self, and Objects*, Oxford University Press, NY, 2011, p. 135-136 – Tradução minha.

Entretanto, enquanto Freud trata o indivíduo como psique individuada, distintamente do que comumente chamam ‘espírito’ ou ‘alma’, para Marcuse, estes possuem uma diferenciação filosófica, ontológica e semântica, mas que podem sofrer os mesmos efeitos alienantes da repressão, já que os argumentos essencialmente são paralelos, quando não os mesmos.

Marcuse afirma que: “A estranheza da filosofia da razão em relação à alma revela uma situação decisiva. Efetivamente a alma não participa do processo de trabalho social”⁹⁷. Ele diz que o sujeito pensante (*res cogitans*) que elabora a matéria usa apenas uma parte de sua capacidade: a razão *técnica*. Porque, desde Descartes, o pensamento se provou desvinculado conscientemente da práxis social – cuja concretude se manifesta na divisão do trabalho e na mecanização industrial. A práxis apresenta as relações humanas como relações materiais objetivas, “como leis das próprias coisas”, e, como consequência faz com que a Filosofia abandone o indivíduo a essa aparência, “ao se retirar para a constituição transcendental do mundo na subjetividade pura”. Tal argumento implica dizer que a alma não pode ser apreendida nem como *res cogitans* nem como *res extensa*.

Essa afirmação de Marcuse o conduz a Kant e Hegel, e a afirmações que exigem um desdobramento conceitual para serem compreendidas: “Kant destruiu a psicologia racional sem alcançar a psicologia empírica. Em Hegel qualquer determinação singular da alma é apreendida a partir do espírito, em que se transforma como se fora sua verdade. Para Hegel a alma se caracteriza essencialmente por ‘ainda não ser espírito’.”⁹⁸

Conforme Marcuse, Hegel trata do espírito subjetivo, da psicologia, cujo conceito referencial não é mais a alma e sim o espírito, pois os objetos próprios da psicologia – sentimentos, instintos, vontade, se apresentam como formas existenciais do espírito. Ele também explica que Hegel aborda a alma dentro de um contexto ‘antropológico’, com evidentes e lógicas consequências sociais. Assim, a cultura afirmativa, herdeira de Hegel, entende como alma tudo aquilo que não é espírito,

⁹⁷ MARCUSE, Herbert. Sobre o Caráter afirmativo da cultura, p. 32.

⁹⁸ MARCUSE, Herbert. Sobre o Caráter afirmativo da cultura, p.33, citando F. Hegel: *Encyclopédia das Ciências Filosóficas*.

contrapondo este àquela. Não obstante, Marcuse afirma que a alma parece “escapar à lei do valor”, “parece escapar à reificação”, e num exercício retórico, ele afirma mais adiante que quem olha para a alma “enxerga os próprios homens através das relações econômicas”; pois a alma transcende as posições sociais, já que o amor rompe todas as barreiras e a amizade se mantém mesmo entre os banidos e desprezados.⁹⁹

Porém, apesar de todos os argumentos, Marcuse reconhece que as forças dos interesses dominantes produzem seus efeitos em tal volume e com tal intensidade que as teorias filosóficas e proposições sociais não encontram apoio para sustentar o indivíduo. Ele diz:

Em face da dura verdade de uma teoria que revela a necessidade da transformação de uma forma miserável de existência, a alma se assusta: como pode uma mudança exterior decidir acerca da substância própria, interior, dos homens! A alma nos torna suaves, complacentes e obedientes aos fatos que afinal não têm importância. Assim a alma se converteria num fator útil na técnica de controle das massas quando na época do Estado autoritário todas as forças disponíveis precisaram ser mobilizadas contra uma transformação efetiva da existência social. Com a ajuda da alma a burguesia tardia sepultou seus antigos ideais. Afirmar que o decisivo é a alma se presta bem a ser um slogan quando é unicamente o poder que importa.¹⁰⁰

Naturalmente há que se observar a distinção cronológica entre as proposições de Descartes, Kant e Hegel, das proposições de Freud. Porém, do ponto de vista estritamente filosófico, tais proposições estabelecem um cenário contextual que permite ao filósofo construir sua argumentação de forma coerente e objetiva. E a conclusão de Marcuse é por demais elucidativa para ser ignorada: “é unicamente o poder que importa”, pois é este que dá condições ao *Establishment* para agir.

Marcuse afirma que, conhecendo os processos interiores de funcionamento da alma humana (a psique freudiana), ou seja, os mecanismos pelos quais é possível impor a alienação repressiva dos indivíduos, o Estado (e o *Establishment*) podem controlar a sociedade de forma constante e não agressiva, através de modelos, normas e processos que promovam a obediência a padrões comportamentais. A obediência incorpora a *técnica* e essa incorporação produz a alienação, pois o que Marcuse descreve como sepultamento de “antigos ideais” é a

⁹⁹ MARCUSE, Herbert. Sobre o Caráter afirmativo da cultura, p. 38.

¹⁰⁰ MARCUSE, Herbert. Sobre o Caráter afirmativo da cultura, p. 43.

manifestação concreta dos mecanismos de repressão, cujo único objetivo é a manutenção do poder.

Esse processo repressivo é imposto de modo não-agressivo, transmitindo ilusoriamente a relevância do que não é relevante, num movimento que projeta a indigência humana como possibilidade de redenção e felicidade através da obediência às regras, num movimento alienado e alienante. O resultado é uma massa controlada, submissa, reprimida e eufórica em sua infelicidade, pronta a consumir o que lhe for oferecido. E assim, esse controle repressivo permite a imposição da *obsolescência planejada* como resultante da produção tecnológica, já que esta é oferecida como parte de um modo de vida, imposto socialmente, justificado tecnicamente e aceito sem questionamentos.

Porém, essa imposição não se manifesta de forma agressiva e autoritária, muito ao contrário. A aparente multiplicidade de escolhas de consumo dada ao ser humano oculta o inegável fato de que tais escolhas ofertadas obedecem a critérios ideológicos e econômicos que visam apenas e tão somente a manutenção de mercados consumidores e a obtenção do lucro. A ilusão a que as pessoas são submetidas coercitivamente, de forma subliminar, propicia o estabelecimento de mecanismos repressivos sutis, alienantes e politicamente dirigidos para a manutenção de um *status quo* que trata o ser humano como coisa, mero meio para a obtenção de resultados previamente planejados.¹⁰¹ O resultado desse processo não é a extinção das classes sociais, mas a sua progressiva e constante transformação numa massa de manobra, manipulada para se reduzir a uma única dimensão: a de consumidores.

É por isso que as massas já não são simples massas oprimidas, mas massas que são dominadas e que já *não se contradizem*, ou nas quais a própria contradição é novamente integrada na positividade, como elemento corretivo calculável e manipulável, que exige retificações no aparelho. Aquele que era outrora um sujeito político transformou-se em objeto, e os interesses dantes antagônicos e inconciliáveis parecem ter-se convertido um verdadeiro interesse coletivo.¹⁰²

Essa afirmação de Marcuse demonstra que a sociedade, “as massas”, são reificadas, pois tornam-se objeto de manipulação, num processo historicamente concreto. Os meios para que tal fenômeno ocorra são descritos por Freud e interpretados

¹⁰¹ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 46-47.

¹⁰² MARCUSE, Herbert. *Teoria das Pulsões e Liberdade*, p. 129-130. Itálico no original.

filosoficamente por Marcuse como parte de um movimento que visa a preservação dos interesses do capital na sociedade burguesa, usando a repressão como instrumento que serve à *obsolescência planejada*.

5 – MARX, FREUD E A REPRESSÃO A SERVIÇO DO CAPITAL

(Os mecanismos de dominação social)

Considerando que Marcuse usa os conceitos marxianos, interpretados sob uma perspectiva freudiana, para estabelecer a validade de muitas de suas proposições, é necessário analisar as múltiplas e distintas perspectivas pelas quais ele constrói seus argumentos, a partir de tais conceitos e de suas conclusões. Porém, essa multiplicidade conceitual será orientada sob o influxo da abordagem de Marx, sem, no entanto, obliterar os demais aspectos da argumentação marcuseana.

Freud oferece uma chave para a elaboração dos conceitos que vão permitir a Marcuse conectar a teoria psicanalítica com a sua própria teoria:

(...) Contra o temido mundo externo o indivíduo só pode se defender por algum tipo de distanciamento, querendo realizar sozinho essa tarefa. É verdade que existe outro caminho melhor: enquanto membro da comunidade humana, e com o auxílio da técnica oriunda da ciência, proceder ao ataque à natureza, submetendo-a à vontade humana. Então se trabalha com todos para a felicidade de todos.¹⁰³

Essa afirmação de Freud distingue claramente os elementos constitutivos dos processos individuais e coletivos envolvidos na produção tecnológica: o indivíduo, temeroso das condições do ambiente em que vive, busca se integrar a um grupo social e, usando racionalmente os recursos técnico-científicos, pode dominar a natureza. E, em sociedade, ele aspira a algum grau de felicidade. Posto isso, é possível avançar na conexão estabelecida por Marcuse entre Marx e Freud, partindo dos fundamentos conceituais de cada um deles, segundo a minha interpretação da leitura do filósofo, manifesta em seus textos.

Um dos fundamentos da crítica marcuseana ao modelo de controle dos meios de produção é a concepção de Marx que alude à relação capital-trabalho, por meio da qual se constrói um novo paradigma nas relações sociais, sendo este a produtividade baseada no uso intensivo da *tecnologia*. E desse novo paradigma surge,

¹⁰³ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*, p. 22.

naturalmente, uma questão: se para Marx é o trabalho que adiciona valor às mercadorias, tal valor aumenta ou diminui sua função com o uso da *tecnologia* para automação nos processos produtivos capitalistas? A resposta a essa questão é dada por Marcuse, a partir do que eu proponho como uma possível nova abordagem das classes sociais.

Em Marx as classes sociais são analisadas e descritas a partir de suas relações com a produção, colocando em campos opostos o capitalista, dono dos meios de produção e o operário/trabalhador, que é o executor do processo produtivo. Em Marcuse além das citadas, é possível inferir que as classes sociais também podem se estratificar a partir das relações de consumo. Como a abordagem de Marx considera as classes sociais a partir das relações de produção e não de relações de consumo (do mercado consumidor, em termos atuais), Marcuse estabelece conceitos que permitem a definição das regras que constituirão novas relações sociais em que o *consumo* passa a ser o termo diferencial (e/ou, às vezes, igualitário) entre os indivíduos e a cultura/civilização em que estão historicamente inseridos.

A crescente mecanização e automação da produção industrial, além de ampliar a alienação do trabalhador, produziu uma cisão econômica e cultural, pois se antes o trabalho produzia aquilo que as pessoas necessitavam e apenas o excedente era trocado/vendido, essa situação mudou. O produtor, controlador dos meios de produção, passou a direcionar toda a sua produção para a venda, e as relações de troca entre diferentes formas de trabalhos passaram a ser, exclusivamente, relações de mercado e consumo. Não há mais sociedades autossuficientes, todas passaram a ser interdependentes de produtos fornecidos por outras sociedades. E a concretude dessa interdependência é manifesta historicamente pelas relações comerciais, pois cada sociedade, com suas peculiaridades e demandas – sua cultura – é submetida a um processo racional de alienação e então não é mais uma civilização, mas se torna apenas um mercado a ser explorado pelo capital.

É o *consumo* que determina a manutenção ou não de um determinado produto nos mercados, e as relações sociais e econômicas passam a ser definidas a partir do potencial de consumo de cada classe social, em uma sociedade historicamente determinada. As relações de consumo também são objeto de mecanismos repressores

que induzem os indivíduos a comprarem este ou aquele produto, conforme os interesses políticos vigentes e as influências da mídia e propaganda.

Marcuse afirma que, quanto maior a capacidade de um governo – uma sociedade – de fornecer bens de consumo, maior dependência das pessoas a esse governo será estabelecida através das burocracias dominantes.¹⁰⁴ E tais burocracias, *técnica* e racionalmente operadas, estão historicamente a serviço do capital e de seus interesses. E os interesses do capital são, prioritariamente, aumentar seu lucro, sua área de influência e seu mercado consumidor.

Para tanto, o domínio da *técnica* e da *tecnologia* é crucial, já que estas permitem um crescente aumento da produtividade do trabalho – pela produção mecanizada, que por sua vez vai gerar um volume maior de produtos excedentes, mas que também vai exigir um consumo constante e crescente, que, para se manter, exige controle racional sobre os indivíduos e suas motivações. Esse controle, nem sempre explícito, estabelece cientificamente as bases legais e institucionais para a implantação da *obsolescência planejada* como elemento garantidor da perenidade do lucro, objetivo maior do capitalismo.

Marcuse diz que essa conjuntura de fatores, que permitem uma vida ‘boa’, tem como contrapartida uma unificação das atividades humanas, cujo resultado é um “comportamento político unidimensional”, que visa apenas a manutenção do *status quo* das forças dominantes.¹⁰⁵ Desse modo, as condições políticas, sociais, econômicas e *psicológicas* estão prontas para fazer o processo de repressão social tornar-se aceito, incorporado à cultura, pois com o uso racional dos mecanismos já descritos, o ser humano tem acesso a uma vida segura e confortável, mas totalmente administrada pelo *Establishment*.

Sendo a condição psicológica individual e coletiva um dos conceitos essenciais a essa repressão, orientada para atender os interesses capitalistas através do consumo, é necessário estabelecer sua origem e sua relação com a fabricação e consumo dos produtos. Segundo a minha proposta, essa origem é apresentada inicialmente por Marx, em *O Capital*, através do uso inovador de um conceito mítico-

¹⁰⁴ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 74.

¹⁰⁵ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 79.

religioso: o *fetichismo*, também denominado *fetichismo da mercadoria*. Esse vocábulo, na perspectiva marxista, está conectado à produção de mercadorias, dentro de um contexto bastante específico. É necessário, portanto, definir o conceito de *fetichismo* em *O Capital*.

Na sociedade capitalista, conforme descrita por Marx, considera-se que os objetos materiais possuem certos atributos que lhes são concedidos pelas relações sociais dominantes. Porém, esses objetos são apresentados como se tais atributos característicos lhes pertencessem naturalmente. Esse fenômeno, que permeia a produção capitalista, é chamado por Marx de *fetichismo* e sua forma básica, elementar, é o *fetichismo da mercadoria*, pois a *mercadoria* é vista como portadora ou repositório de *valor* – enfatizo que *valor*, na doutrina marxista é um conceito além do preço de compra/venda de uma mercadoria. Assim, a mercadoria passa a representar um *valor* que, necessariamente, ela não tem.

Marx faz uma analogia com o conceito religioso de *fetiche*, pelo qual determinadas culturas/sociedades atribuem a uma entidade ou objeto um poder imaginário, um *valor* mítico. Porém, essa analogia talvez não seja totalmente adequada, pois Marx demonstra que, na economia capitalista, as características atribuídas a objetos materiais são reais e não imaginárias. Entretanto, tais características de *fetiche* não são naturais, não fazem parte do que o objeto efetivamente é – elas são atributos característicos, propriedades sociais decorrentes do processo econômico. Essas propriedades sociais dos objetos é que são forças reais, controlam os indivíduos e não são controladas por eles, pois são formas objetivas de aparência das relações econômicas que definem o capitalismo. Tais formas podem ser consideradas naturais, embora e porque seu conteúdo social não seja perceptível de imediato, sendo necessária uma análise teórica para que isso se manifeste.

Os conceitos de *valor* e *fetichismo* são intrinsecamente conectados na doutrina de Marx. Ambos evidenciam a singularidade formal com que o trabalho é entendido na sociedade econômica burguesa, pois este é um elemento universal em qualquer sociedade humana. Porém, apenas com a produção e troca de mercadorias, sob o capitalismo, é que o trabalho se manifesta como característica objetiva daquilo que ele produz: como o seu *valor*. Em outros tipos de sociedade econômica, como nas de relação comunal ou de exploração, o trabalho é entendido como um processo social.

Assim, ele é administrado, abertamente, dessa forma. No capitalismo, inversamente, o trabalhador, produtor individual de mercadorias não opera de forma comunal e a administração é impessoal, feita mediante as regras do mercado. Como esse modelo opera pela divisão do trabalho, as relações sociais do próprio trabalho dos produtores se materializam como uma relação entre seus produtos, mercadorias que eles compram e vendem. Portanto, o caráter social do trabalho só se manifesta indiretamente, no valor dessas mercadorias, pois elas são a materialização do trabalho e por esse *valor* são mensuradas. Desse modo, os produtos, as mercadorias, assumem uma característica social histórica e específica que os identifica, pelo trabalho que os executou. E o *valor* das mercadorias parece inerente a elas, natural a elas como coisas, pois há uma fusão da característica social com a configuração material, daí a ilusão do *fetichismo*.

Por inferência desse *fetichismo* elementar, qualquer coisa que represente o dinheiro, como o ouro, materializa esse valor, concentrando aparentemente um poder que é social, de fato. Esse *fetichismo* também ocorre nas relações de capital, pois as forças que este comanda – isto é, o potencial produtivo do trabalho social – aparentam lhe pertencer naturalmente. Tal aparência ilusória se apresenta expressamente de forma impositiva e opressora pela capacidade que o capital tem de gerar mais capital sem empregar trabalho, através da especulação financeira e cobrança de juros,¹⁰⁶ dentre outras formas de dominação pela relação econômico-financeira.

A definição do conceito marxista de *fetichismo* (que só é citado no Cap. I de *O Capital*) traz em si a sua relação social e *psicológica*, pois a mercadoria (o produto) sugere uma hipotética relação social que existiria entre os produtos e não entre os produtores. Mas tal relação é ilusória, pois na verdade a relação social inexiste, o que existe é a relação econômica entre o produto ‘A’ e o produto ‘B’. A relação social é entre o operário que produziu ‘A’ e o operário que produziu ‘B’, cuja materialidade é manifesta pela relação entre coisas e a relação entre pessoas.

O fetichismo da mercadoria exemplifica de modo sintético as formas econômicas pelas quais o capitalismo subverte e esconde as relações sociais dessas

¹⁰⁶ Cf. verbetes “fetichismo” e “fetichismo da mercadoria” em: *Dicionário do Pensamento Marxista*, p. 241.

formas econômicas. Com isso o capitalismo industrial avançado consegue estabelecer bases para relações não econômicas, e tais relações serão usadas para impor os mecanismos de repressão social. Essas relações, numa ótica marxiana, definem os fundamentos para a construção de outras relações distintas entre a aparência (a percepção do produto e seu *fetiche*) e a realidade oculta (alienação do ser humano de seu trabalho visando dar lucro ao capitalista).

Tais relações permitem questionar as demais formas das relações sociais que, ao criarem essa ilusão – *o fetichismo da mercadoria* – promovem a alienação do ser humano de seu trabalho e da sua significação social. Essa alienação, na teoria marxista, vai produzir, além da própria alienação, a reificação do homem – indivíduo – a sua redução a elemento constitutivo do processo capitalista, pois as relações sociais passam a ser vivenciadas como relações entre produtos/mercadorias, sendo o indivíduo/pessoa/homem apenas mais um produto. Tal situação abre uma perspectiva psicológica diferenciada das relações sociais, pois o *fetiche* passa a ser considerado como *valor*, transferindo ao produto características que não lhe pertencem naturalmente. Essa característica ilusória da mercadoria é um dos disfarces da repressão do capitalismo, que apresenta à sociedade o produto como tendo valor em si mesmo e não como resultado do trabalho que o produziu.

Com o uso intensivo da *técnica* e da *tecnologia*, as máquinas possibilitam o aumento da produção de mercadorias e, simultaneamente, o aumento da alienação do ser humano, num processo que coloca de um lado, a realidade do trabalho social disfarçada sob os valores das mercadorias, e de outro lado, a alienação e a remuneração do operário, fatores que ocultam a sua exploração pelo capital. A relação entre a remuneração do operário¹⁰⁷ e o valor da mercadoria parece ser natural, até mesmo justa. Porém, na verdade, existe apenas a relação de exploração e alienação da força de trabalho do homem, pois é esta que, de fato, produz – e não a máquina. Por mais que a crítica de Marx tenha exposto essa realidade, ela continua válida na

¹⁰⁷ É necessário ter claro que o momento de Marx e o de Marcuse são distintos em relação a este ponto. Na análise de Marcuse, sobretudo posterior à II Guerra Mundial, não é mencionada a baixa remuneração do trabalhador. Isso é válido para o tempo de Marx, embora ainda possa ser encontrado em diversos países, nos mais diversos estágios de desenvolvimento econômico.

sociedade burguesa contemporânea, acrescido do fato que é a classe operária que também consumirá o que for produzido, conforme demonstra Marcuse.

Essas relações, dialeticamente, possuem concretude histórica e objetividade social, apesar de sua aparência estar oculta pelas relações de produção e consumo. E nessa aparência oculta é que operam os interesses e a manipulação repressiva do capital.

O *fetichismo da mercadoria* aproxima os conceitos do materialismo histórico marxiano da abordagem psicanalítica de Freud, usada por Marcuse para evidenciar os mecanismos da repressão social que induzem o indivíduo ao consumo de coisas que, de fato, ele não precisa. A abordagem freudiana coloca o *fetiche* como algo singular, porém com efeitos diversos, plurais.¹⁰⁸ Em que pese a abordagem psicanalítica freudiana contextualizar a libido como elemento constitutivo do *fetiche*, isto é, como manifestação da sexualidade (pulsão erótica), seu mecanismo está ligado ao processo de recalque – repressão – que conduz aos medos citados anteriormente (castração, nos meninos e separação, nas meninas). Como já foi demonstrado por Marcuse, tais condições também proporcionam as formas de promover a repressão de comportamentos, direcionando a energia erótica para outras atividades, como o trabalho, alienando o indivíduo de si mesmo.

Em Marx, o *fetichismo* é um recurso de estilo, uma analogia para conceituar a relação alienada com a mercadoria, refugiando-se “na região nebulosa do mundo religioso” – as profundezas simbólicas da psique humana, para estabelecer as relações sociais oriundas do trabalho e do fruto dele: a mercadoria, o produto que será consumido pelo mercado.¹⁰⁹ Entretanto, se o conceito de *fetichismo* em Marx se baseia na noção de idolatria, por sua origem religiosa, no capitalismo da sociedade industrial avançada, a máquina, como representação da *tecnologia*, assume o lugar da divindade, e, em lugar da idolatria, impõe-se o domínio repressivo. O *fetichismo* permite a tirania do consumo através da falsa percepção de necessidades, imposta pelo totalitarismo cientificamente administrado do capital através do uso repressivo da propaganda e dos meios de comunicação.

¹⁰⁸ FREUD, Sigmund. *Totem & Tabu*, p. 106.

¹⁰⁹ MARX, Karl. *O Capital*. p. 206-207.

Considerando tais proposições, é possível, por analogia, propor que, se as religiões possuem histórias milenares, perpetuadas através de seus templos, ritos e sacerdotes, no capitalismo industrial avançado as fábricas são os templos, os sacerdotes são os executivos, os auxiliares são os operários e os fiéis são os consumidores¹¹⁰. Se para Marx, quando escreveu *O Capital*, a “religião é o ópio do povo” – um paliativo para sua alienação – na sociedade industrial capitalista contemporânea o *consumo* e o conforto são esse paliativo, imposto e aceito sem questionamentos. Seu rito é a busca racional de produtividade, dentro de um sistema repressor, alienante e totalitário.

E nessa relação, mediada pela administração científica da *técnica* e pelo uso racional da *tecnologia*, Marcuse observa que “(...)enquanto a reificação tende a se tornar totalitária em virtude de sua forma tecnológica, os próprios administradores e organizadores se tornam cada vez mais dependentes da maquinaria que eles organizam e administram.”¹¹¹ Essa dependência permite, simultaneamente, de um lado, a ruptura com o modelo da relação dialética entre senhor e escravo, e de outro lado gera um círculo vicioso que aprisiona tanto o senhor quanto o escravo. A máquina consome seu criador, usuário e mantenedor.

O *fetichismo da mercadoria* incorpora a racionalidade *técnica* do ritual industrial e permite criar um outro modelo repressivo de relações sociais, baseadas na forma como o ser humano trabalha, consome, se relaciona com a sociedade, consigo mesmo e com os valores que os interesses dominantes da sociedade lhe impõem. A ruptura com sua própria força erótica, (dialética e historicamente alienada de si mesmo), para se tornar força produtiva a serviço do capital, torna as

¹¹⁰ Essa é uma figura de linguagem que uso inspirado na obra de Aldous Huxley, um contemporâneo de Herbert Marcuse e de George Orwell - autor de “1984” (este um autor referenciado por Marcuse na expressão “linguagem Orwelliana”). No livro “Admirável Mundo Novo”, Huxley cita os salões das igrejas ornados com a letra ‘T’, em lugar da cruz cristã, numa referência ao primeiro produto fabricado através do processo de produção em série desenvolvido por Henry Ford. Esse processo é usado, no livro, para produzir pessoas, a partir de características pré-determinadas. Destaco que um dos títulos dos dirigentes da sociedade, naquele livro, é “vossa Fordeza”; numa estória que mostra que o processo de repressão social na sociedade industrial, objeto de críticas por Marcuse, também foi percebido e descrito, objetiva ou metaforicamente, por outros pensadores.

¹¹¹ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 66.

pessoas mais facilmente manipuláveis, pois elas se reificam, se transformam em ‘coisa’, instrumento a serviço do capital.

Como isso acontece?

Para Freud, o *fetichismo* está diretamente ligado à vida íntima do indivíduo, aos processos mentais oriundos de sua sexualidade. Nas sociedades modernas, industriais, a relação da sexualidade com o *fetiche* pode assumir características distintas, conforme as circunstâncias (às vezes normais e prazerosas e em outras, patológicas, segundo ele), comumente ligadas a partes do corpo ou a objetos (produtos/mercadorias) como lingerie, roupas, sapatos e outros, que passam a ser instrumentos de satisfação sexual e fonte de prazer:

O substituto do objeto sexual geralmente é uma parte do corpo (os pés, os cabelos) muito pouco apropriada para fins sexuais, ou então um objeto inanimado que mantém uma relação demonstrável com a pessoa a quem substitui, de preferência com a sexualidade dela (um artigo de vestuário, uma peça íntima). Comparou-se esse substituto, não injustificadamente, com o fetiche em que o selvagem vê seu deus incorporado.¹¹²

Essa conexão entre o prazer erótico e o uso e consumo de produtos permite abordagens psicológicas e psicanalíticas que são usadas repressiva e ideologicamente, com fins subordinados ao interesse do capital, promovendo a alienação social. Essa forma de manipulação está diretamente ligada à capacidade de consumir, pois quanto maior a facilidade de acesso a bens de consumo, maior a possibilidade de obter prazer erótico, mesmo que alienado. Tal conclusão é possível, pois de acordo com o próprio Freud, o *fetiche* pode ter essa perspectiva: “Aquilo pelo qual os outros homens têm de implorar e se esforçar pode ser tido pelo fetichista sem qualquer dificuldade”.¹¹³ Essa afirmação de Freud permite a interpretação de que a satisfação erótica também pode ser conceituada como mais um produto oferecido e consumido. Pois sua concretude passa a ser regulada pelas relações de mercado, administrada pelos interesses ideológicos e capitalistas que controlam as relações sociais e econômicas usando os mecanismos psicológicos de repressão; especialmente

¹¹² FREUD, Sigmund. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), p. 95.

¹¹³ FREUD, Sigmund. *Fetichismo* (1927), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI, p. 157.

os impulsos eróticos, transferindo-os para o trabalho alienado, de forma científica e tecnologicamente administrada.

Conforme Marcuse demonstra, nas sociedades capitalistas, as pulsões eróticas são reprimidas e passam a ser direcionadas para outros pontos – *fetiches* – externos ao ser humano, que em razão de sua alienação sequer se dá conta disso. Embora haja, também, uma compensação satisfatória em que o *fetiche* está presente, ela está subordinada – no capitalismo – à capacidade de consumir. O consumo de mercadorias como forma de sublimação de desejos reprimidos transforma o *fetiche*, de símbolo de sexualidade, em instrumento de manipulação e repressão social. Dessa forma, o mecanismo de imposição de padrões comportamentais passa a ser institucionalizado, administrado e integrado à cultura/civilização de forma repressiva e não-agressiva.¹¹⁴

E como se dá esse processo? Quais os recursos usados para a imposição coercitiva de uma repressão não-agressiva, mas extremamente eficaz?

¹¹⁴ MARCUSE, Herbert. Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna, p.74.

6 – PRODUZINDO A OBSOLESCÊNCIA: A TECNOLOGIA A SERVIÇO DO DESPERDÍCIO

Segundo Marx, a acumulação do capital através do processo industrial exige, dentre outras coisas, a alienação do trabalho como pré-requisito para sua efetivação. Como isso permite transformar o ser humano em instrumento de produção, com a *automação* do processo industrial, essa condição humana passa a ser, também, objeto de administração, alienação, repressão e descarte por *obsolescência*, o que exige uma reflexão mais detalhada do assunto. Marx afirma:

Já que o trabalho alienado aliena a natureza do homem, aliena o homem de si mesmo, o seu papel ativo, a sua atividade fundamental, aliena do mesmo modo o homem a respeito da *espécie*; transforma a vida *genérica* em meio da vida individual. Primeiramente, aliena a vida genérica e a vida individual; depois, muda esta última na sua abstração em objetivo da primeira, portanto na sua forma abstrata e alienada. Certamente, o trabalho, a *atividade vital*, a vida *produtiva*, aparece agora para o homem como o único meio que satisfaz uma necessidade, a de manter a existência física. A vida produtiva, entretanto, é a vida genérica. É a vida criando vida. No tipo de atividade vital está todo o caráter de uma espécie, o seu caráter genérico; e a atividade livre, consciente, constitui o caráter genérico do homem. A vida revela-se simplesmente como *meio de vida*.¹¹⁵

Essas afirmações colocam o trabalho – atividade vital – como instrumento de manifestação da consciência do homem – indivíduo – como afirmação de sua autonomia e lucidez, o que lhe confere a perspectiva de fazer de sua atividade uma manifestação *livre* de sua vontade. Porém, a alienação do trabalho inverte essa perspectiva, e o que deveria ser a manifestação de sua atividade vital, livre e consciente, passa a ser a sua forma de existir, isto é, o trabalho alienado passa a ser a *forma de existência* do homem. Assim, a instrumentalização do ser humano, de sua vida, de seu potencial de atuação sobre o mundo objetivo, vai ser, também, mais um item tecnicamente administrado conforme os interesses do capital. É a reificação planejada cientificamente, dentro do processo capitalista de produção, que aliena o homem e sua vida.

¹¹⁵ MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, p. 116. Itálico no original.

Como consequência direta dessa condição objetiva histórica, há vários efeitos sociais, dentre os quais destaco a alienação do homem em relação ao próprio homem. Ele entra em oposição com os outros homens, pois a relação estabelecida da pessoa com o produto de seu trabalho e consigo mesmo passa a ser determinada pela alienação administrada tecnicamente de sua vida genérica. Afinal, conforme questiona Marx, a quem pertence o produto do trabalho alienado? Se o trabalho é estranho ao homem, é exercido por coação, sendo alheio a ele mesmo, seu produto é o que? Posse dos deuses ou da natureza? A conclusão de Marx é que o produto do trabalho alienado pertence a um ser estranho à pessoa que produz, que apenas pode ser uma outra pessoa, distinta de quem trabalha e produz. Essa relação do ser humano com sua atividade vital (o trabalho) através da alienação dirigida por outro ser humano, só pode acontecer através do mando e da repressão, manifestos na administração *técnica e tecnológica* dos processos industriais, econômicos e sociais.¹¹⁶

Como esse é um aspecto econômico da relação humana com o trabalho, mas com profundos efeitos sociais, toda forma alienada de relação de trabalho necessariamente passa a integrar a sociedade de forma administrada, manipulada ideologicamente e sujeita aos interesses do capital. E essa alienação abre espaço para que os controladores do capital – por seus prepostos, os administradores – definam como, onde, quando, por qual preço e por quanto tempo o trabalho e o produto do trabalho estarão disponíveis para o consumo. E assim estabelecem-se as bases históricas, econômicas e ideológicas que permitem a imposição administrada da *obsolescência planejada* de produtos e serviços. Esse não é um fato que acontece abruptamente, ele é construído ao longo das gerações, através da manipulação dos valores sociais, da imposição gradativa de conceitos que servem exclusivamente aos interesses do capital.

Diante deste cenário, Marcuse afirma que a sociedade industrial avançada, por suas características de racionalidade, produtividade, tecnicidade e totalitarismo, impõe uma administração repressiva, que transforma seus integrantes em objetos. O homem, pessoa, cidadão, ser humano, trabalhador, produtor, indivíduo, é, conforme Marcuse, na verdade um escravo dessa estrutura totalitária que visa apenas

¹¹⁶ MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, p. 118.

a manutenção de seus próprios interesses, e que usa, cientificamente, os recursos técnicos e tecnológicos para impor a repressão social.

As manifestações concretas dessa repressão ocorrem em diversos níveis, mas Marcuse destaca que o que distingue a sociedade industrial avançada é a efetiva capacidade “de sufocar aquelas necessidades que demandam liberação”¹¹⁷. Essa efetividade administrada cientificamente e manipulada ideologicamente exige que sejam impostos mecanismos de controle social que usam os processos psicológicos demonstrados por Freud para criar “a necessidade irresistível de produção e consumo de supérfluos; a necessidade de trabalho imbecilizante onde isso não é mais necessário”,¹¹⁸ com efeitos que também merecem uma reflexão.

Este ponto é crucial para os objetivos a que me proponho, pois ele mostra que a atividade vital do homem – o trabalho – é considerada como algo *descartável*, cujo valor, na sociedade industrial avançada, aparenta ser menor que o das mercadorias que ela produz. O próprio fato, inegável, de que nas linhas de produção automatizadas as pessoas são apenas um acessório, corrobora essa afirmação. É possível dizer que essa é a estrutura que produz os escravos. E proponho que ela traz, subliminarmente, a constatação de que o primeiro *desperdício* a que Marcuse se refere é o da vida do ser humano, pois grande parte dessa vida é dedicada a um trabalho imbecilizante, desnecessário, administrado e automatizado *técnica* e socialmente. E como esse *desperdício* da vida do homem é imposto e se estabelece na sociedade?

O *desperdício*, por suas características socialmente aceitas, impostas pela repressão organizada do capital, exige reflexão e detalhamento. De um lado a reificação do homem, como trabalhador, permite seu descarte e substituição, pois ele é apenas ‘acessório’ da máquina. De outro lado, a sua vida como ser autônomo se torna gerenciada pelo capital, reprimida pela imposição de valores, limitada socialmente e o resultado é o desperdício do potencial criador e libertador de cada indivíduo. Considerando que Marcuse descreve, genericamente, a sociedade industrial avançada como totalitária e repressora por suas características de administração racional da

¹¹⁷ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 46.

¹¹⁸ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 46.

técnica e da *tecnologia*, com efeitos econômicos que se manifestam através da manipulação das necessidades individuais e coletivas, é necessário que haja uma forma para que essa repressão atue, embora não seja percebida como tal. Assim como nos processos industriais, é necessária a implementação racional de um processo, quase que fabril, para produzir essa repressão, para torná-la administrável e sujeita aos interesses dominantes do capitalismo da sociedade industrial avançada.

Como essa repressão acontece? Quais seus fundamentos? Quais seus objetivos? Marcuse diz que:

Sob o domínio de um todo repressivo, a liberdade pode ser transformada em um poderoso instrumento de dominação. O leque de opções aberto ao indivíduo não é o fator decisivo na determinação do grau de liberdade humana, mas o *que* pode ser escolhido e o que é realmente escolhido pelo indivíduo. O critério da livre escolha nunca pode ser um critério absoluto, nem tampouco inteiramente relativo. Escolher livremente os senhores não anula a existência de senhores ou de escravos. A livre escolha entre uma ampla variedade de bens e serviços não significa liberdade se esses bens e serviços sustentam controles sociais sob uma vida de labuta e medo – isto é, se eles sustentam a alienação. E a reprodução espontânea, pelo indivíduo, de necessidades superimpostas não estabelece a autonomia; ela testemunha apenas a eficiência dos controles.¹¹⁹

A liberdade de escolha para o *consumo* é oferecida como um simulacro da liberdade individual, uma ilusão planejada e imposta para alienar o ser humano e mantê-lo escravo, através desse mesmo *consumo*. Evidencia-se que a oferta praticamente ilimitada de bens e serviços é parte de um processo que objetiva apenas e tão somente o lucro e o controle do indivíduo – o consumidor. Sendo essa a premissa da forma capitalista de dominação, cabe questionar: como ela se manifesta, concretamente, na estrutura social e econômica capitalista?

A resposta principia, mais uma vez, em Marx. Nos *Grundrisse* ele faz uma síntese do processo econômico, descrevendo o fluxo das ações materiais, históricas e sociais que se traduzem na produção de bens de consumo. Na Introdução dos *Grundrisse*, Marx antecipa alguns conceitos que serão trabalhados detalhadamente em *O Capital*, mas que por sua apresentação sintética facilitam a compreensão e aplicação teórica. Ele principia afirmando que a produção é um fator que tem

¹¹⁹ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 46. Itálico no original.

características comuns, historicamente determinadas, mas cujas diferenças permitem seu desenvolvimento:

Por isso, quando se fala de produção, sempre se está falando de produção em um determinado estágio de desenvolvimento social – da produção de indivíduos sociais. Desse modo, poderia parecer que, para poder falar em produção em geral, deveríamos seja seguir o processo histórico de desenvolvimento em suas distintas fases, seja declarar por antecipação que consideramos uma determinada época histórica, por exemplo, a moderna produção burguesa, que é de fato o nosso verdadeiro tema. No entanto, todas as épocas da produção têm certas características em comum, determinações em comum. A produção em geral é uma abstração, mas uma abstração razoável, na medida em que efetivamente destaca e fixa o elemento comum, poupando-nos assim da repetição. Entretanto, esse Universal, ou o comum isolado por comparação, é ele próprio algo multiplamente articulado, cindido em diferentes determinações. Algumas determinações pertencem a todas as épocas; outras são comuns apenas a algumas. [Certas] determinações serão comuns à época mais moderna e à mais antiga. Nenhuma produção seria concebível sem elas; todavia, se as línguas mais desenvolvidas têm leis e determinações em comum com as menos desenvolvidas, a diferença desse universal e comum é precisamente o que constitui seu desenvolvimento.¹²⁰

Há nessa afirmação de Marx argumentos que corroboram a argumentação de Marcuse anteriormente apresentada, de que o processo produtivo gera, primeiramente, “indivíduos sociais”, isto é, acessórios da máquina capitalista, projetados social e racionalmente para produzir, e depois, induzidos repressivamente a consumir e perpetuar a produção e o consumo do que for determinado pelo capital.

Assim, cabe observar que as condições históricas de produção em quaisquer momentos históricos, seja na época de Aristóteles, na Idade Média, na época de Marx, na época de Marcuse e atualmente, possuem características comuns que permitem estabelecer padrões e reconhecer que o acúmulo de capital advém da repetição da produção – a semente da automação moderna – e da alienação do trabalho. Esse “comum isolado por comparação” tem diferentes determinações, conforme os interesses dominantes. Dentre essas determinações, Marx identifica a relação social envolvida na produção capitalista moderna, que determina regras e padrões racionalmente aplicados para sua administração, execução e concretização histórica.

Sua análise da conjuntura social e econômica do capitalismo continua válida, porém ele faz uma afirmação que é surpreendente e profética: “Mas a economia

¹²⁰ MARX, Karl. *Grundrisse - Manuscritos econômicos de 1857-1858*, p. 56-57.

política não é tecnologia.”¹²¹ Ora, se a ciência que estuda os comportamentos dos agentes econômicos não é ‘tecnologia’, é porque as relações sociais e econômicas são potencialmente irracionais, pois que sujeitas às *paixões* (pulsões) dos seus atores – os indivíduos, trabalhadores, proletários, burgueses, capitalistas, políticos e quaisquer outras categorias/classes. E o uso que o capital faz dessas condições objetivas, exige mecanismos sofisticados de administração científica e imposição de regras racionais para produzir e controlar a produção, e induzir ao *consumo* com *desperdício*. Para isso os padrões comportamentais definidos por Freud serão usados para a elaboração de estratégias midiáticas e publicitárias que visam ampliar e manter o controle repressivo sobre o *consumo*.

Um destes mecanismos é afirmado por Marx nos *Grundrisse*, ao determinar as relações formais e econômicas do trabalho do homem e do uso da máquina no processo produtivo do capitalismo industrial avançado:

No entanto, à medida que a grande indústria se desenvolve, a criação da riqueza efetiva passa a depender menos do tempo de trabalho e do quantum de trabalho empregado que do poder dos agentes postos em movimento durante o tempo de trabalho, poder que – sua poderosa efetividade –, por sua vez, não tem nenhuma relação com o tempo de trabalho imediato que custa sua produção, mas que depende, ao contrário, do nível geral da ciência e do progresso da tecnologia, ou da aplicação dessa ciência à produção. (Por seu lado, o próprio desenvolvimento dessa ciência, especialmente da ciência natural e, com esta, todas as demais, está relacionado ao desenvolvimento da produção material.)¹²²

Fica evidente que o progresso tecnológico é uma variável que influencia todo o processo capitalista, pois impacta na produção geral de riqueza. Essa produção terá lucros maiores ou menores conforme o grau de mecanização da produção (a automação), e, por conseguinte, do grau de alienação e controle do trabalho envolvido em seus processos.

Destes aspectos, Marx elabora um raciocínio que descreve o fluxo de mercadorias na economia moderna: produção, distribuição, troca e consumo. Porém, ele insere um detalhe relevante para a presente análise, que corrobora sua afirmação de que a economia política está sujeita a um aspecto previsível, mas não pré-

¹²¹ MARX, Karl. *Grundrisse - Manuscritos econômicos de 1857-1858*, p.57.

¹²² MARX, Karl. *Grundrisse - Manuscritos econômicos de 1857-1858*, p. 941.

determinado racionalmente: o “desfrute”, em seus termos; ou em termos contemporâneos, o prazer de consumir:

A representação superficial claramente perceptível: na produção, os membros da sociedade apropriam (elaboram, configuram) os produtos da natureza às necessidades humanas; a distribuição determina a proporção em que o indivíduo singular participa desses produtos; a troca o provê dos produtos particulares nos quais deseja converter a cota que lhe coube pela distribuição; no consumo, finalmente, os produtos devêm objetos do desfrute, da apropriação individual.¹²³

Observo que Marx usa o termo ‘devêm’ para descrever a etapa final do ciclo econômico, como se colocasse o consumo num plano objetivo, mas que, talvez, só possa ser descrito em termos metafísicos. Essa mesma forma de descrever o processo é repetida no texto: “(...) finalmente, no consumo, o produto sai desse movimento social, *devém* diretamente objeto e serviçal da necessidade singular e a satisfaz no *desfrute*.¹²⁴ Uma análise textual identifica que há uma linearidade de conceitos e que Marx descreve mais que um fluxo lógico, ele abre perspectivas para uma abordagem mais ampla das interações sociais envolvidas na dinâmica capitalista.

Ao descrever o *consumo* como o momento em que o produto sai do movimento social e entra na esfera singular, individual, Marx insere o “desfrute” como componente de um *de vir* abstrato, em que o *consumo* constitui “a singularidade na qual o todo se unifica”,¹²⁵ numa descrição concreta e objetiva do fenômeno, mas usando uma linguagem metafórica e metafísica. O “desfrute” me parece ser o ponto de conexão da concretude dialética do capitalismo com os mecanismos psicológicos que, mais tarde, serão descritos por Marx como *fetichismo* e permitirão a Marcuse sua crítica à sociedade de consumo, usando os conceitos freudianos. Lembrando que, se em Weber o prazer da posse de bens é algo condenável, pela perspectiva da ética protestante, essa demonstração de Marx evidencia que existe um movimento de mudança da forma de entendimento do ‘prazer’ e do ‘desfrute’, provocado pela inserção subliminar e gradativa de conceitos que induzem o homem a produzir e consumir, mesmo sem querer ou saber claramente porque o faz.

¹²³ MARX, Karl. *Grundrisse - Manuscritos econômicos de 1857-1858*, p. 61.

¹²⁴ MARX, Karl. *Grundrisse - Manuscritos econômicos de 1857-1858*, p. 61. Grifo meu.

¹²⁵ MARX, Karl. *Grundrisse - Manuscritos econômicos de 1857-1858*, p. 62.

Como os *Grundrisse* são, de fato, um esboço teórico de conceitos que serão detalhados em *O Capital*, alguns pontos são citados por Marx sem imediato desenvolvimento, o que exige uma leitura do conjunto de sua obra para obter plena compreensão de suas proposições. Porém, é possível inferir a partir das citações acima, que o processo ideológico de unificação das dimensões humanas, conforme descreve Marcuse, tem por ponto de partida as relações de *consumo*, já que são estas que unificam o todo capitalista, de acordo com esse entendimento das proposições de Marx. Considerando que o prazer oriundo do “desfrute” no ato de consumir faz parte do processo administrado racional e tecnicamente pelos controladores do capital, como esse processo se concretiza?

Se a unificação do indivíduo com a produção, a distribuição, a troca e o consumo de mercadorias é um mecanismo ideológico a serviço do capital, esse evento é ou não imposto? Ou ele é desejado pelo homem, o indivíduo consumidor? Ou ambos os casos?

Marcuse apresenta elementos que conectam as questões acima, descrevendo suas formas de operação, através da indução subliminar, pelo uso racional e administrado de conceitos freudianos. Seus operadores diretos, segundo ele, são: a indústria do entretenimento e a publicidade – a mídia, em termos de hoje. Ele as cita, explicitamente:

Um outro fator que promove a unificação e a integração da sociedade é uma manipulação científica altamente eficaz das necessidades, dos desejos e das satisfações. A manipulação científica, que opera muito vigorosamente na publicidade e na indústria da diversão, deixou há muito de ser apenas uma parte da superestrutura; ela se tornou parte do processo produtivo de base e dos custos necessários de produção. Grandes quantidades de mercadorias não seriam adquiridas sem a sistemática e científica manipulação das necessidades e sem a estimulação científica da demanda.¹²⁶

Isto significa afirmar que a “produção de indivíduos”, citada por Marx, se torna um insumo para o processo industrial capitalista avançado, no qual a publicidade – a manipulação e estímulo científico das necessidades – é um método eficaz de alienação e indução ao *consumo*, com *desperdício*. No processo industrial do capitalismo avançado o *consumo* é parte da estrutura de planejamento da produção,

¹²⁶ MARCUSE, Herbert. A Obsolescência do Marxismo, p. 195.

sendo estimulado de todas as formas possíveis para manter os lucros constantes. O *desperdício* de matérias primas, recursos naturais, tempo e capital (financeiro e humano) também faz parte dos custos de produção, sendo incorporado no planejamento da *obsolescência*. Para que essa somatória de fatores se estruture de forma lógica e racional para atender os interesses capitalistas, é necessário que a mídia e a publicidade influenciem a sociedade de forma sutil, não agressiva, porém com toda a eficiência que a racionalidade tecnológica permite.

Embora, eventualmente, possa parecer difuso o conceito que aqui proponho, ele é real e possui concretude histórica. Seus objetivos e ações são construídos ao longo do tempo, geração pós geração, e seus efeitos estão sendo percebidos e identificados com clareza cada vez maior à medida que as pessoas conseguem acessar um nível maior de informações e interpretá-las de forma coerente.

Posto que está claro quem são os agentes do capitalismo que promoverão a indução coercitiva ao consumo, através do uso sistemático e racional dos mecanismos miméticos descritos por Freud, colocam-se as condições materiais para instalação de mecanismos de repressão social e indução ao *consumo*, através do controle da produção, da oferta de produtos e da *obsolescência planejada*. Os mecanismos e recursos que permitem a sua implantação na sociedade industrial avançada já foram descritos anteriormente, portanto, agora cabe demonstrar, finalmente, como tais mecanismos e recursos são usados pelo *Establishment*.

7 – CONCLUSÕES – A OBSOLESCÊNCIA DO HOMEM E DO SEU TRABALHO: A REIFICAÇÃO COMO PROCESSO REPRESSOR POLÍTICO E SOCIAL

Possivelmente, desde os primórdios da civilização, o tempo de vida do ser humano é um dos parâmetros pelos quais se estabelecem as relações sociais, em especial as relações de trabalho. Tanto um caçador pré-histórico, quanto um agricultor no período feudal ou um operário no século 21 possuem em comum o fato de terem um tempo de ‘vida útil’, isto é, um ciclo produtivo determinado, em que a sua capacidade de se manterem através de seu próprio trabalho é definida biologicamente. Atualmente, com o uso dos instrumentos oferecidas pela *tecnologia*, é possível pré-avaliar e projetar a capacidade de um trabalhador de garantir a própria subsistência e de seus dependentes, de acordo com os parâmetros e interesses do *Establishment*.

Desse modo, a partir de um determinado momento, ao atingir um tempo de vida, o ser humano – o indivíduo trabalhador – não é mais capaz de garantir a sua própria manutenção, pela redução de sua capacidade produtiva, conforme os parâmetros do capital. À medida que esse tempo de vida se estende, então ele passa a depender de outros para se manter vivo. Esse é um dado inegável, sob quaisquer circunstâncias e sob quaisquer ideologias, pois é um fato biológico e historicamente concreto, não permitindo dúvidas ou questionamentos quanto à sua realidade objetiva.

Isso quer dizer que, à medida que a capacidade produtiva da pessoa se reduz, ela vai se tornando *obsoleta*, conforme os padrões econômicos determinados pelos interesses capitalistas. Funcionando apenas como um acessório da máquina no processo industrial automatizado, essa pessoa será descartada como inútil, pois não consegue acompanhar o ritmo do volume de produção exigido pelo capital. Da estrita perspectiva capitalista é como se tal pessoa já estivesse ‘morta’, pois é considerada improdutiva, *obsoleta*. Para o ser humano, essa ‘morte’ para o trabalho coloca a sua vida num limbo, pois se a significância de sua existência material era dada pelo trabalho, conforme anteriormente demonstrado, tal ‘morrer’ significa sua exclusão da vida social, e, simultaneamente, sua aniquilação como indivíduo. Essa eliminação do

ser humano da vida social, provocada por sua *obsolescência*, fundamenta-se na frieza racional dos processos científicos de administração do capitalismo.

Simultaneamente, a irracionalidade citada por Marcuse assume contornos nítidos nesse processo, que subjuga e aliena, impõe a obediência a regras e procedimentos que são explícitos em seus enunciados de exclusão do *obsoleto*, inútil. Tais regras, que descrevem a produção, uso e consumo de produtos e mercadorias com vida útil pré-planejada, são a manifestação concreta da repressão social, que impõe a obediência a procedimentos racionais que objetivam o controle social que, por sua vez, visa reduzir o ser humano a uma única dimensão: consumidor. Não obedecer a tais regras é ser excluído da vida social. E aqueles que não conseguem mais produzir ou consumir, tornam-se inúteis, sendo excluídos por sua *obsolescência* social e econômica, conforme os critérios capitalistas.

Tal exclusão pode produzir no ser humano um efeito mensurável e facilmente percebido: a sua desintegração como indivíduo, pois a construção repressiva deste *modus vivendi* que lhe impôs uma estrutura psicológica a serviço dos interesses do capital, repentinamente é rompida. Os valores sociais e individuais entram em conflito, pois a pessoa se vê sozinha, presa a um mundo que não é mais ‘seu’, desligada que está do processo produtivo, que até então era a sua manifestação de vida individual e social. A sua existência passa a ser regulada, a partir desse momento, pela capacidade de consumir que porventura essa pessoa tenha. Se ela tiver recursos econômicos para se manter e consumir, ela ainda ‘vive’, caso contrário, ela está ‘morta’, por não estar dentro dos parâmetros lógicos exigidos pelo capitalismo.

Marcuse introduz uma variável, oriunda de sua leitura de Freud, que permite a elaboração de tais conceitos. Ele diz que:

A ‘angústia’ surge como uma categoria existencial, mas em vista do fato de que a morte não somente é inevitável como também incerta, onipresente, e o limite interdito da liberdade humana; toda angústia é medo, medo de um perigo real e onipresente, a atitude e o sentimento mais racionais que existem. A força racional da angústia talvez tenha sido um dos fatores mais fortes do progresso na luta contra a natureza, na proteção e melhoramento da vida humana. De modo inverso, a cura prematura da angústia sem a eliminação de sua fonte e origem últimas pode representar o oposto: um fator de regressão e repressão.¹²⁷

¹²⁷ MARCUSE, Herbert. A Ideologia da Morte, p. 344.

Os termos freudianos são bastante evidentes nesta afirmação de Marcuse, em que ele estabelece que a finitude humana é o limite da sua liberdade, determinado pela morte. A percepção dessa finitude é manifesta na angústia, a mesma angústia que permite a instalação da repressão no indivíduo, conforme visto anteriormente. Porém, ela também é um dos propulsores do progresso do homem, pois permite a racionalização da condição humana. Considerando a morte como o final efetivo do ciclo de utilidade do ser humano, o medo dela induz o homem a progredir, passando então a ser uma forma de afirmar a própria existência. Fornecer meios para que o ser humano possa vencer a angústia da morte sem eliminar a sua fonte é um dos meios de implantar a repressão, pois sem o medo de morrer as pessoas podem consumir sem culpa. Assim essa angústia – e a possibilidade de sua eliminação – passam a ser um instrumento poderoso a serviço dos controladores do capital, que o usam na propaganda e na implantação de procedimentos sociais logicamente estruturados e racionalmente impostos para manter a coerção e a repressão social.

O uso científico e racional desse medo humano é manifesto, sutil e subliminarmente, nas peças publicitárias que induzem o consumo de itens supérfluos e desnecessários, como se o ser humano fosse viver eternamente, podendo desperdiçar recursos, tempo e a própria vida no ‘desfrute’ do consumo. A construção desse modelo industrial de indução ao consumo, usando a repressão social como alavanca apoiada nos conceitos freudianos, é um processo racional, que usa a *técnica* e a *tecnologia* como instrumentos concretos para a sua efetivação histórica.

Os conceitos de Freud são explorados, especialmente na propaganda, a partir da perspectiva de consumo irrefreado, que, mantendo o ser humano subjugado e reprimido, podem consolidar o domínio não-agressivo e perpetuar a manutenção do lucro. Induzir ao consumo é uma das etapas necessárias para que o controle repressivo do capital sobre a sociedade se estratifique e se mantenha. Fazer com que a angústia natural pela consciência de sua finitude seja sublimada pelas pessoas, é um dos pontos cruciais na implantação da repressão social a serviço do capital. Essa sublimação assume um caráter social positivo, pela indução ao consumo e ao ‘desfrute’ desse consumo. Consumir é racional e socialmente aceitável porque é uma forma (distorcida) do ser humano afirmar a sua autonomia, pois achando que pode escolher o que consome, ele pensa se ver livre das imposições do capital. Não se dá conta que é

escravo, coisa programada para consumir o menu que lhe é previamente oferecido. Assim, a mesma pessoa que consome é também consumida, produz e é produzida pela imposição científica e repressiva de valores e condições de vida, sobre as quais não tem a menor influência. O ser humano reduz-se a uma dimensão em que sua autonomia como indivíduo desaparece. Passa a ser matéria-prima e produto final de um processo industrial que fabrica a sua própria alienação.

A relação concreta de vida e de trabalho socialmente produtivo é uma relação material e histórica, conforme demonstrado por Marx, porém sujeita a um processo ideológico que é politicamente controlado e dominado pelo capital. A manifestação histórica, concreta, dessa dominação está no controle dos processos de produção. Controlar o processo industrial é também controlar o processo social na sociedade capitalista industrial avançada, como afirma Marcuse: “as técnicas de industrialização são técnicas políticas”. Mas como ele também diz: “a mais alta produtividade do trabalho pode ser usada para a perpetuação do trabalho e a mais eficiente industrialização pode servir para a restrição e manipulação das necessidades.”¹²⁸

Essas proposições marcuseanas consideram que o ambiente vital do homem é manipulado científica e racionalmente para restringir sua liberdade e reduzi-lo a uma única dimensão. A dominação do homem, do indivíduo e da sociedade, exige que a liberdade seja controlada politicamente através da racionalidade tecnológica. Não há alternativas, já que esse domínio se manifesta em todas áreas, disfarçado sutilmente. Mas a base desse processo é estabelecida nas relações de trabalho e produção. Marcuse observa que a lógica racional que dirige o trabalho visa apenas uma produtividade repressiva. E Marx, mais uma vez, fornece os argumentos que sustentam essa afirmação. Nos *Grundrisse*, ele afirma que:

A maquinaria intervém para substituir trabalho somente onde há abundância em forças de trabalho. É só na imaginação dos economistas que a máquina vem em auxílio ao trabalhador individual. Ela só pode funcionar com massas de trabalhadores, cuja concentração diante do capital constitui um de seus pressupostos históricos, como vimos. Ela não intervém para substituir força de trabalho não disponível, mas para reduzir à sua medida necessária as disponíveis em grande quantidade. A maquinaria só é introduzida onde a capacidade de trabalho existe em massa.¹²⁹

¹²⁸ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 54.

¹²⁹ MARX, Karl. *Grundrisse - Manuscritos econômicos de 1857-1858*, p. 937.

Essa afirmação de Marx abre perspectivas que Marcuse explora em diversos momentos de sua obra. Especificamente nesta citação, observo que Marx usa um tom pessimista em relação ao papel da máquina na sociedade industrial capitalista. Sendo “só na imaginação dos economistas que a máquina vem em auxílio ao trabalhador individual”, fica evidente que a implantação do processo industrial automatizado é, também, método de implantação de um processo social que oprime e reifica o ser humano. A despersonalização do indivíduo e a reificação do ser humano fazem parte de um conjunto de medidas que visa manter a sociedade reprimida sob o jugo impessoal dos processos industriais de manutenção do lucro. O objetivo é manter a massa de trabalhadores sob controle, pois com a expansão da automação os postos de trabalho podem ser reduzidos e as pessoas serem dispensadas, pois se tornam inúteis – uma forma perversa de *obsolescência social*. Para Marx a reificação do homem é consequência direta do modo de produção capitalista. Em Marcuse é possível afirmar que a reificação é, também, uma atitude deliberada da sociedade industrial avançada, a manifestação do *modus vivendi* determinado pelo uso administrado da *tecnologia*. A automação promovida pela *técnica* e *tecnologia* pode ser usada tanto para a libertação do ser humano, como para a sua alienação; pois ambas, como instrumentos fornecidos pela ciência, são constructos humanos para serem usados. E, até onde me é possível ver, são usadas de modo subordinado ideologicamente ao capital.

Marcuse observa que essa situação pode desaguar num confronto, pois os interesses do capital e dos trabalhadores conflitam nesse aspecto, posto que isso restringe os esforços para aumentar a produtividade do trabalho.¹³⁰ O risco do conflito é manipulado constantemente pelo *Establishment*, usando sua força nas estruturas políticas dominantes e subordinadas a seus interesses.

E, se vivo, o ser humano é escravo de um processo sistêmico que o aliena progressivamente; com sua morte ele sequer se torna real, pois para manter o processo em constante funcionamento, é necessário que o capital manipule também o passado e o futuro. Isso inclui fazer esquecer aqueles que foram consumidos pela estrutura¹³¹. Só com a visão de um imediatismo obtuso e a promessa de um futuro

¹³⁰ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p.69.

¹³¹ Aqui faço uma referência direta à “linguagem Orwelliana” citada por Marcuse. Vide *1984* de George Orwell e as funções do ‘Ministério da Verdade’, que reescrevia os fatos do passado.

idílico, promovidos pela mídia a serviço do capital é que é possível implementar isso na sociedade. A propaganda que induz ao consumo do ‘novo’ é a mesma que determina o esquecimento do ‘velho’, do *obsoleto*, porque já morto, portanto ‘inútil’ aos interesses do capital.

Diante desse cenário, é possível vislumbrar os contornos nítidos de uma estrutura lógica, racional, cientificamente planejada, tecnicamente administrada e economicamente projetada para perpetuar o lucro; ou, usando uma metáfora, uma máquina que se alimenta da alienação que produz, através da repressão social. Os seus produtos são a exploração do trabalho e a alienação do ser humano em escala cada vez maior. Essa máquina tem como insumos a repressão social não-agressiva, a indução ao *consumo* e ao *desperdício* através do planejamento da *obsolescência* dos produtos e mercadorias que serão consumidos pelas pessoas alienadas.

Porém, cabe definir com maior precisão o que caracteriza a *obsolescência* sob o prisma capitalista. Como dito anteriormente, a *obsolescência* se insere no contexto da contingência da obra humana. Entretanto, para análise dos interesses capitalistas, ela deve ser avaliada sob várias perspectivas, pois alguns de seus aspectos podem ser considerados positivos e desejáveis, enquanto outros não – e estes é que são impostos às pessoas, a esse personagem abstrato: ‘o consumidor’, visando aumentar ou manter o lucro dos fabricantes dos diversos produtos oferecidos.

Para construir a argumentação relativa aos diversos tipos de obsolescência, busquei referenciais teóricos em diversas fontes, objetivando explicitar tais conceitos em alinhamento com os propósitos deste trabalho. A literatura disponível não é tão variada quanto eu pensava inicialmente, mas após a leitura de três obras ligadas ao tema, penso que consegui construir um referencial teórico consistente e aplicável a esta pesquisa.

A primeira obra consultada foi “Made to Break”, de Giles Slade, publicada pela Harvard University Press em 2006¹³². Em seguida tive acesso a um texto de Jeremy Bulow, “An Economic Theory of Planned Obsolescence”, publicada

¹³² SLADE, Giles. *Made to Break*. Harvard University Press, USA: 2006.

no *The Quarterly Journal of Economics*, Estados Unidos, em 1986¹³³, que elabora conceitos cruciais para os objetivos deste trabalho, especialmente os aspectos econômicos envolvidos no planejamento científico da *obsolescência*. Finalmente, li a tese de bacharelado de Daniel Keeble, equivalente ao TCC no bacharelado brasileiro, com uma abordagem bastante clara da cultura da obsolescência nas empresas de tecnologia. Esse trabalho foi publicado pela Universidade de Oulu, na Finlândia, em 2013.¹³⁴ Compilando os conceitos apresentados nesses trabalhos, considerei viável estabelecer três principais perspectivas da *obsolescência planejada*. É possível elaborar e demonstrar outras perspectivas, mas entendo que as três abaixo citadas corroboram e evidenciam a robustez filosófica e a consistência lógica das argumentações de Marx e, principalmente, de Marcuse, relativas ao tema.

Uma dessas perspectivas é a *obsolescência* de funções ou de usos, baseada na evolução tecnológica dos produtos. Essa forma de *obsolescência* é saudável, desejável até, pois acontece quando um produto pode ser substituído por um novo produto que ofereça desempenho superior, com maiores facilidades de uso ou com funcionalidades adicionais. Um exemplo disso é a transmissão automática em automóveis, que facilita a vida do condutor, oferecendo mais conforto, segurança e praticidade na direção de um veículo. Embora ainda não sejam todos os veículos que ofereçam essa comodidade, é uma tendência no mercado automobilístico que os carros usem cada vez mais esse tipo de transmissão em lugar da transmissão manual, mais lenta, pesada e que exige mais esforço do condutor.

Outra perspectiva da *obsolescência* está ligada às imposições da mídia, no que se pode chamar de *obsolescência* percebida ou por desejabilidade. Neste caso é a imposição, pela publicidade e marketing, de características nem sempre reais a um produto, de forma a induzir o consumidor a substitui-lo por outro. Aqui fica evidente a argumentação marcuseana, pois os valores sociais impostos pela publicidade e propaganda moldam os padrões de consumo. Mesmo que um determinado produto esteja funcionando bem e atendendo às necessidades de seu usuário, a propaganda

¹³³ BULOW, Jeremy. *An Economic Theory of Planned Obsolescence*. *The Quarterly Journal of Economics*, USA:1986.

¹³⁴ KEEBLE, Daniel. *The Culture of Planned Obsolescence in Technology Companies*. Tese de Bacharelado. Oulu University of Applied Science, Finland:2013.

induz o consumidor a adquirir um ‘novo’ produto com ‘algo mais’, características nem sempre tangíveis e objetivas. É o caso da moda, na indústria do vestuário, ou na telefonia móvel com smartphones. Periodicamente são lançados ‘novos’ modelos, com modificações tão pequenas (se e quando essas modificações existem), mas que são divulgadas de tal forma que, em geral, há uma percepção ilusória de que se trata, efetivamente, de um ‘novo’ produto. Aqui a influência da mídia é a confirmação cabal das proposições marcuseanas, pois a propaganda impõe ‘novas’ necessidades a partir de características dos produtos oferecidos, gerando uma espécie de ansiedade no consumidor, que busca satisfazer um desejo que lhe foi implantado subliminarmente. A imposição repressiva da ideia de que aquilo que se tem não é tão ‘bom’ quanto o ‘novo’, gera uma busca irracional por satisfazer uma necessidade que, realmente, não existe. É comum o descarte ou substituição de equipamentos tecnológicos ou roupas em perfeito estado de uso por outros mais ‘modernos’, mais ‘rápidos’ ou mais ‘fashion’, a partir da indução subliminar da busca pela satisfação de algo que nunca será possível realizar, pois foi imposto repressivamente.

E, finalmente, a perspectiva menos identificável, porém mais sutil e repressiva, que é desenvolvida para manipular o consumo é a *obsolescência planejada*. Sinteticamente, a *obsolescência planejada* pode ser descrita como a forma pela qual a indústria usa a *tecnologia* para regular a vida útil de seus produtos, visando aumentar o consumo dos mesmos. Essa expressão foi utilizada pela primeira vez em 1932, quando o mundo começava a se recuperar da quebra da Bolsa de Valores de New York em 1929. O responsável por propor publicamente essa forma de produzir e impor o consumo foi Bernard London, nos Estados Unidos.

Faço aqui um breve intervalo para trazer algumas informações históricas a respeito desse momento. Bernard London era um corretor de imóveis de New York, e vivenciou os efeitos da crise econômica provocada pela quebra da Bolsa de Valores. Ele escreveu opúsculos, dos quais destaco “Ending the Depression Through Planned Obsolescence”, em 1932, “The New Prosperity” em 1933 e “Rebuilding a Prosperous Nation Through Planned Obsolescence”, em 1935.¹³⁵

¹³⁵ Conforme consulta na Internet. Disponível em https://ipfs.io/ipfs/QmXoypizjW3WknFiJnKLwHCnL72vedxjQkDDP1mXWo6uco/wiki/Bernard_London.html. Acesso em 18/01/2018.

Essencialmente tais textos preconizavam que o governo deveria determinar às indústrias que fizessem produtos com uma vida útil menor, de forma a estimular o consumo pela substituição mais rápida dos produtos, gerando mais empregos e aumentando a arrecadação de impostos. Ou seja, a definição explícita daquilo que a indústria controlada pelo capital faz atualmente, de forma rotineira. Hoje sabe-se que isso já estava acontecendo, desde dezembro de 1924, quando os maiores fabricantes mundiais de lâmpadas decidiram se reunir em Genebra, Suíça, para definir regras para a fabricação de seus produtos, visando beneficiar os seus interesses e determinando que a durabilidade das lâmpadas passaria a ser de aproximadamente mil horas, exigindo reposição cíclica do produto, o que garantiu a essas indústrias lucros crescentes por décadas.¹³⁶

Desse modo, a *obsolescência planejada* se instalou no capitalismo industrial, gerando uma mudança na estrutura de administração racional da produção. O gerenciamento científico da produção passou a incorporar em seus custos as formas pelas quais a indústria deve induzir as pessoas a substituírem, periodicamente, os produtos que consomem. Como os fabricantes de produtos, intencionalmente, reduzem a vida útil de seus produtos para manterem seus lucros, seja através da substituição de peças e componentes dos produtos vendidos, ou mesmo pela indução à aquisição de um ‘novo’ produto, há uma mudança na forma pela qual o *Establishment* passou a se relacionar com o consumidor. Todo produto passa a ter um planejamento técnico prévio para determinar sua durabilidade, a abordagem midiática do mercado para induzir o consumo, a estrutura de publicidade e propaganda para ‘informar’ o consumidor das características funcionais do produto, dentre outras coisas, cujo único objetivo é garantir a perpetuidade do lucro e a submissão do ser humano – o consumidor – através da aquisição daquilo que lhe é oferecido.

A *obsolescência planejada* transforma-se então num instrumento que é usado, simultaneamente, para impor repressivamente o consumo e para alienar o homem. Os mecanismos para tal já foram demonstrados, porém cabe evidenciar que a repressão social, oriunda da produção tecnológica que justifica e legitima o

¹³⁶ Conforme documentário de Cosima Dannoritzer – *The Light Bulb Conspiracy – The Untold History of Planned Obsolescence*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4e7DfC0ytIY>. Acesso em 18/01/2018.

planejamento da *obsolescência*, não é um componente isolado ou fator único. Há uma estrutura científica, lógica, que fornece argumentos e meios técnicos para que o capital perpetue essa repressão. Em nome do ‘bem-estar social’, da ‘garantia do emprego’, da ‘estabilidade econômica’, da ‘isonomia de gêneros’, da ‘eficiência energética’, do ‘direito de escolha’, do ‘equilíbrio das contas públicas’ e de diversos outros argumentos, os controladores do capital induzem as pessoas a aceitar como normal (e até mesmo desejável) que os produtos possam ser ‘melhorados’ e periodicamente substituídos. Os custos sociais e ambientais são desconsiderados, pois a crescente automação que aumenta os níveis de produção permite a fabricação de produtos cada vez mais baratos, o que, aparentemente, contribui para ‘melhorar a qualidade de vida’ do ser humano.

A crescente alienação do homem de seu próprio trabalho e de sua integridade como ser autônomo é a manifestação concreta dessa repressão induzida pelo *consumo*. E como a *obsolescência planejada* se torna um instrumento de alavancagem do lucro, essa condição das pessoas tende a perpetuar-se, pois os interesses dominantes não permitem o surgimento de alternativas concretas que, de algum modo, tragam uma forma de rejeição a essa situação.

O horizonte de transformações sociais e econômicas possíveis devido à *obsolescência planejada* é ainda indefinido e imprevisível, porém seus efeitos podem (devem!) ser objeto de reflexão filosófica. Há evidências fundamentadas nos argumentos marcuseanos (e não apenas nestes) que permitem antever os impactos desse projeto capitalista na estrutura social vigente, como por exemplo, a degradação ambiental causada pelo uso intensivo dos recursos naturais. Destaco o uso e *desperdício* da água e a poluição do ar devido à emissão de gases resultantes da produção industrial. Os processos industriais modernos são grandes consumidores de recursos ambientais, com evidentes impactos na qualidade de vida do ser humano.

Porém, para o homem alienado pela mídia e pela propaganda a serviço do capital, tal condição é um ‘mal necessário para garantir o conforto’. Essa visão limitada e limitante da relação entre a produção industrial, o lucro do capital e a condição social do ser humano resulta da manipulação repressiva, induzida pela estrutura de valores em que a sociedade se desenvolve. Há que se estabelecer qual a

forma de defesa – se é que existe – para que as pessoas possam se autodeterminar e superar tal manipulação.

A comunidade humana – a sociedade – exige padrões para se manter, pois a estabilidade social depende de um conjunto mínimo de regras que permitam a convivência pacífica de seus integrantes. Nas comunidades primitivas essa estabilidade era garantida pela força bruta e/ou pelos rituais mágicos, em que o ser humano exercia uma espécie de transcendência em busca do sagrado, e isso era manifesto nos *fetiches*. Por representar um amuleto ou um ídolo, com origem obscura e poderes mágicos ou sobrenaturais, o *fetiche* era símbolo dos mistérios da natureza. Usando *fetiches* era possível obter consenso, pelo temor de forças desconhecidas. Na sociedade industrial avançada, o *fetiche* foi transferido para objetos, produtos resultantes do modelo tecnológico de produção automatizada em larga escala. Essa transferência, organizada e determinada pelo capital, impôs a itens do cotidiano um valor que efetiva e realmente eles não possuem (exatamente como previsto por Marx), alienando o homem de si mesmo pela indução ao consumo. Pela manipulação repressiva que o reduz à dimensão de consumidor de produtos e valores impostos pelo *Establishment*, o ser humano passa a atribuir significados ontologicamente inexistentes à realidade em que está inserido e para romper isso é necessário que tais significados sejam reconstruídos – ou desconstruídos.

É inegável a força da argumentação marcuseana, ao mostrar o fundamento da sociedade industrial avançada na indução ao consumo. Marcuse se vale de Freud que elabora conceitualmente os mecanismos que serão usados repressivamente para o fomento do consumo destinado à manutenção crescente dos lucros, mesmo que às custas da vida do ser humano e da exaustão dos recursos naturais. O lucro é o deus desse sistema mítico, que constrói *fetiches* e induz as pessoas a adorá-los como ídolos. A ampla gama de ofertas de produtos para consumir, sob as mais diversas formas, gera um simulacro de liberdade, uma percepção ilusória de que o indivíduo está fazendo escolhas, quando na realidade ele está sendo reprimido, oprimido e induzido sutilmente e de forma não-agressiva, a consumir aquilo que é de interesse do capital. É esse o trabalho da mídia e da publicidade, impondo os interesses do *Establishment*.

Por identificar claramente os processos psicológicos que movem as paixões humanas, o capital utiliza tais processos para se apossar da vida do ser humano, reduzindo-o à mera condição de acessório da máquina de consumo – um objeto simultaneamente consumidor e consumível, que desperdiça e é também descartável. É um mecanismo irracional, perverso, frio, porém lógico: aumentar a oferta de mercadorias/produtos para aumentar simultaneamente a demanda do desejo de consumir. A mídia e a publicidade, enquanto instrumentos de alienação das pessoas, possuem meios de reprimir a percepção da realidade, de distorcer os valores e de impor um *modus vivendi* que apenas perpetua a escravidão do homem pelo próprio homem.

Se há um rigor lógico nas ações repressivas, com o uso intensivo da *tecnologia*, essa mesma lógica expõe a irracionalidade do sistema: de um lado a ciência (a *técnica* e a *tecnologia*) a serviço do capital, tendo o lucro como objetivo primordial, e, de outro lado, a crescente alienação do ser humano em relação a si mesmo e ao contexto social em que está inserido. Considerando, hipoteticamente, que a *tecnologia* é um constructo social, parte de um movimento historicamente definido, em que os diferentes grupos que constituem a sociedade decidem a direção e a forma pela qual a *tecnologia* será usada e quais os seus objetivos, ela passa então a ser um instrumento político. Assim, os grupos com maior força e poder de influência é que decidirão como, quando, porque e para *quem* os recursos lógicos e racionais da *tecnologia* serão usados. E, principalmente, quem se beneficiará diretamente dos resultados desse uso. Assim, a *tecnologia* se torna também um produto, pois é apropriada pelo grupo com maior poder e influência: os controladores do capital e dos meios de produção.

Aparentemente são os valores sociais que norteiam as decisões do ser humano, porém tais valores são sutilmente direcionados para atender os interesses da sociedade industrial, submetendo-os às diretrizes de *consumo* e *desperdício*. Considerando os argumentos e conceitos expostos neste trabalho, posso afirmar que as decisões relativas ao uso da ciência, da *técnica* e da *tecnologia* são tomadas por valores – valores subordinados a interesses de grupos. Porém, me parece óbvio que o poder de decisão está submetido a uma hierarquia. Os controladores do capital possuem um poder decisório maior que o dos administradores, os burocratas que administram a indústria. Estes, por sua vez, possuem um poder de decisão maior que o do trabalhador que executa as operações e, efetivamente, produz as mercadorias. Já

o consumidor, o ser humano que está na ponta do processo, pensa que tem o poder de decidir o que vai consumir. Mas esse poder é só aparente, pois as opções que lhe são oferecidas foram, na realidade, decididas por pessoas que basearam suas decisões em valores subordinados a outros fins e objetivos.

Há uma evidente distorção nesse sistema, pois os controladores do capital possuem um poder de decisão sobre os processos e estruturas produtivas tão grande quanto o dos governos (em muitos casos até maior). Essa distorção se manifesta concretamente através da repressão que visa induzir as pessoas ao consumo daquilo que lhe é oferecido. E, para manter o consumo sempre crescente, é necessário fazer o que é consumido se tornar *obsoleto*, de modo a ser descartado e substituído, num ciclo muitas vezes desnecessário, o que apenas reafirma a irracionalidade demonstrada por Marcuse.

Dentre os vários critérios para definir o que será tornado *obsoleto*, está a capacidade de gerar lucro: quanto maior o lucro, menor a *obsolescência*. Inversamente, quanto menor o lucro, maior a *obsolescência*; essa é a lógica para determinar por quanto tempo um produto será mantido no mercado – e quais os parâmetros para a sua substituição por outro.

A máquina midiática constrói características para os produtos visando torná-los mais vendáveis, mas sempre a partir dessa perspectiva. Marcuse demonstra que, junto à estrutura de custos industriais para a produção de inutilidades e supérfluos, há uma constante preocupação da indústria em manter a imagem de seus produtos em evidência, pela imposição de características que induzam ao consumo. Num exercício de imaginação, supondo que, se fosse possível eliminar do ser humano o desejo de consumir, (ou, em outras palavras, o desejo de possuir bens e produtos produzidos em escala cada vez maior), a estrutura capitalista seria demolida em pouquíssimo tempo.

Ao descrever os efeitos do desfrute do consumo de fetiches – “a euforia na infelicidade”¹³⁷ – Marcuse, usando a argumentação marxiana, consegue demonstrar que, na verdade, o ser humano busca paliativos, formas de lidar com a sublimação de sua força erótica transformada em força de trabalho. Ele expõe a fragilidade da pessoa

¹³⁷ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional*, p. 44.

alienada, que, quanto mais deseja, menos tem, substituindo aquilo que não consegue viver por aquilo que consegue comprar.

Se, de um lado, a *tecnologia* proporciona uma vida mais confortável e, aparentemente, mais ‘fácil’, por outro lado viver essa vida não significa, necessariamente, ter mais felicidade. A alienação repressiva do ser humano o coloca numa vida homogênea, controlada, reprimida, limitada. Essa condição determina seus valores, sua forma de ver o mundo, sua forma de interagir consigo mesmo e com seus semelhantes, enfim, condiciona a pessoa a ser aquilo que interessa ao capital – uma coisa manipulável – e não o que o ser humano de fato é: um ser autônomo, um indivíduo.

Creio que a Filosofia talvez seja uma das únicas formas de combater essa alienação progressiva do ser humano, imposta pela repressão social a serviço do capital. Embora a Filosofia não seja por si mesma um *poder*, ela tem a capacidade de promover a expansão do *saber*, de gerar meios pelos quais seja possível à sociedade questionar a forma como se vive. Se, no ambiente tecnológico do século 21, a função de promover o conhecimento for assumida pela ciência, subordinada aos interesses capitalistas, a Filosofia deve questionar isso. Ao considerar que efetivamente a *técnica* e a *tecnologia* a serviço de processos industriais lógicos e racionais possam transformar a existência humana, promovendo um nível cada vez maior de felicidade, cabe perguntar: a que preço? A alienação do ser humano é um preço muito alto a ser pago, já que as pessoas, por essa alienação, se tornam escravas de um sistema que irá consumi-las. Assim, a alienação oculta os verdadeiros interesses que manipulam a sociedade, permitindo ao capital manter-se perenemente como senhor.

Se a repressão que induz a sociedade a consumir produtos com ciclos de vida cada vez mais curtos é uma forma científica e lógica do uso distorcido da *técnica* e da *tecnologia*, serão estas a fornecerem os meios para libertar o ser humano desse ciclo pernicioso e alienante? É assustador perceber que há um perigo crescente embutido na mecanização da existência humana, que tende cada vez mais a alienar as pessoas, suas relações e transformar a vida num imenso mercado de interesses. A automação dos processos industriais, e seus consequentes reflexos sociais, demonstra que a *técnica* e a *tecnologia* não são substitutas do *saber*, e que a ciência não consegue substituir a Filosofia. Por que?

Porque a *técnica* e a *tecnologia* podem fornecer meios de intervenção no mundo, mas são incapazes de fornecer os fins, os objetivos que devem guiar a vida do ser humano. Mas também, porque só a Filosofia possui os métodos para analisar os valores e as motivações da racionalidade científica, para expor as entranhas de um sistema desumano, cuja existência e objetivo são definidos pela busca incessante do lucro, do acúmulo insaciável de capital e da expansão irracional dos desejos alienados e impostos repressivamente.

Eu acredito que só a Filosofia é capaz de propor questões que levem as pessoas a buscar o que as faça felizes, tendo uma existência plena, sem imposição coercitiva de regras éticas e morais ou de procedimentos operacionais cientificamente determinados.

Não é a sobriedade filosófica ou o rigor lógico que, isoladamente, permitirão ao ser humano alcançar a sua plenitude como indivíduo, mas sim uma conjunção de fatores que somados permitirão isso. É preciso ver a pessoa e seu trabalho, a sociedade e o mundo, como integrantes de um sistema que só faz sentido quando o ser humano é pensado como a base, a finalidade e o objetivo desse sistema.

Olhando para o passado, para as origens do saber humano, encontramos a Filosofia como fundamento inicial de toda ciência, como base para o progresso científico, intelectual e moral da humanidade. É nela que podemos buscar os meios para transformar tal estado de coisas, pois, parafraseando Marx, se até aqui os filósofos apenas interpretaram o mundo e a realidade humana, cabe a nós, agora, transformá-lo.

“Os oprimidos carregam nos ombros a liberdade”. ¹³⁸

¹³⁸ Sabarsantoso Anantaguna – poeta indonésio, citado por V. S. NAIPAUL, no livro *Entre os Fiéis*, p. 492.

REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRÜSECKE, Franz Josef. A crítica da técnica moderna. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, n.10. CPDA/UFRRJ: abril, 1998: 5-55, p.28.

BULOW, Jeremy. **An Economic Theory of Planned Obsolescence**. The Quarterly Journal of Economics, USA:1986.

DRUCKER, Peter F. **Tecnologia, Gerência e Sociedade**: As transformações da Empresa na Sociedade Tecnológica. Tradução de Luiz Carlos Luchetti Gondim. Petrópolis: Vozes, 1971.

DANNORITZER, Cosima – documentário **The Light Bulb Conspiracy – The Untold History of Planned Obsolescence**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4e7DfC0ytIY>. Acesso em 18/01/2018.

FREUD, Sigmund. *Fetichismo (1927)*, volume XXI, p. 157. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. Jayme Salomão (coord.). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, vol. 18, *O Mal-estar na civilização, Novas Conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. Tradução de Paulo Cesar de Souza, São Paulo-SP: Cia das Letras, 2011.

_____. **Obras Completas**, vol. 15, *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*, Tradução de Paulo Cesar de Souza, São Paulo-SP: Cia das Letras, 2011.

_____. **Obras Completas**, vol. 11, *Totem & Tabu* (1912-1914). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

FORD, Henry. **Minha Vida e Minha Obra**. Tradução de Silveira Bueno. São Paulo: Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

HOBBES, Thomas. **Leviatã, Ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Ed. Globo, 2001.

KEEBLE, Daniel. **The Culture of Planned Obsolescence in Technology Companies**. Bachelor's Thesis. Oulu University of Applied Science, Finland:2013.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e pós-moderno**. Tradução de Ivone de Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LONDON, Bernard. **Ending the Depression Through Planned Obsolescence, The New Prosperity Through Planned Obsolescence: Permanent Employment, Wise Taxation and Equitable Distribution of Wealth, Rebuilding Prosperous Nations Through Planned Obsolescence**, conforme consulta na Internet. Disponível em https://ipfs.io/ipfs/QmXoypizjW3WknFiJnKLwHCnL72vedxjQkDDP1mXWo6uco/wiki/Bernard_London.html. Acesso em 18/01/2018.

LOUREIRO, Isabel Maria Frederico Rodrigues. Breves notas sobre a crítica de Herbert Marcuse à tecnologia. In: PUCCI, Bruno; LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco; COSTA, Belarmino César Guimarães (Org.) **Tecnologia, Cultura e Formação... Ainda Auschwitz**. São Paulo: Cortez, 2003.p. 19-34.

MAAR, Wolfgang Leo. **O que é Política**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARCUSE, Herbert. **O Homem Unidimensional**: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada. Tradução de Robespierre de Oliveira, Rafael Cordeiro Silva e Deborah Christina Antunes. São Paulo: Edipro, 2015.

_____. **Eros e Civilização**: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. Comentários para uma redefinição de cultura. In: _____. **Cultura e Psicanálise**. Coletânea de Artigos de Herbert Marcuse. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Robespierre de Oliveira e Isabel Loureiro. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p.78-111.

_____. Sobre o caráter afirmativo da cultura. In: **Cultura e Psicanálise**. Coletânea de Artigos de Herbert Marcuse. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Robespierre de Oliveira e Isabel Loureiro. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p.7-77.

_____. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: _____. **Tecnologia, Guerra e Fascismo**: Coletânea de Artigos de Herbert Marcuse. Tradução de Maria Cristina Vidal Borba, revisão de Isabel Maria Loureiro. São Paulo: UNESP, 1999, p.71-104.

_____. A Ideologia da Morte. Tradução de Luís Gustavo Guadalupe Silveira. Uberlândia: EDUFU, **Revista Educação e Filosofia**, v. 26, nº 51, p. 344, Jan-Jun. 2012.

_____. A Obsolescência do Marxismo. In: GARAUDY, Roger *et al.* **Opções da Esquerda**. Tradução de Luís Augusto do Rosário *et al.* Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1972, p.193-203.

_____. Teoria das pulsões e liberdade. In: MARCUSE, Herbert; FROMM, Erich; MILLER, Karl. **Marcuse polémico**. Tradução de Fernando Midões e Luís Santos. Lisboa: Editorial Presença, 1969, p.101-147.

MARCUSE, Herbert. Industrialización y capitalismo en Max Weber. In: **La Sociedad Industrial y el Marxismo.** Tradução de Alberto Jose Massolo. Buenos Aires, Argentina: Editorial Quintaria, 1969, p.7-36.

MARX, Karl. **Grundrisse – Manuscritos econômicos de 1857-1858:** Esboços da crítica da economia política. Tradução de Mario Duayer, Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MARX, Karl. **O Capital – Livro I.** Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

NAIPAUL, V. S. **Entre os fiéis.** Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras/Editora Schwarcz, 1999.

NORTHOFF, Georg. **Neupsychoanalysis in Practice - Brain, Self, and Object.** New York: Oxford University Press, USA: 2011.

ORWELL, George. **1984.** Tradução de Wilson Velloso. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004 – 29ª edição.

PISANI, Marília Mello. **Técnica, Ciência e Neutralidade no pensamento de Herbert Marcuse.** 2008. 235 f. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de São Carlos, São Paulo. 2008.

SLADE, Giles. **Made to Break.** Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, USA: 2006.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2002.